

Habitar a Rua: Compreendendo os Processos
de Risco e Resiliência

Lene Lima Santos

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da Prof^a. Dr^a. Débora Dalbosco Dell'Aglio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Porto Alegre, setembro de 2006.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
I. Introdução	
1.1 Apresentação do problema, objetivos e justificativa.....	8
1.2 Abordagens teóricas.....	9
1.2.1 Abordagem Bioecológica.....	9
1.2.2 Psicologia Positiva.....	11
1.3 O conceito de resiliência	14
1.4 A resiliência e conceitos co-relacionados.....	19
1.5 A população: adolescentes em situação de rua.....	23
1.6 O contexto da rua.....	24
1.7 Reflexões sobre o <i>habitat</i> /morada.....	26
1.8 Habitar-morar na rua.....	28
II. Método	
2.1 Delineamento.....	32
2.2 Participantes.....	34
2.3 Contextualização.....	34
2.4 Instrumentos.....	43
2.5 Procedimentos.....	46
III. Resultados e Discussão	
3.1 História de Bigão.....	51
3.2 História de Mário.....	71
3.3 Análise dos cartazes.....	82
3.4 Análise de Bigão a partir do conceito de habitar.....	89
3.5 Análise de Mário a partir do conceito de habitar.....	97
3.6 Análise dos casos a partir do conceito de resiliência.....	101

IV. Considerações Finais.....	107
Referências.....	113
Anexos	
Anexo A. Roteiro de entrevista.....	120
Anexo B. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	122
Anexo C. Fotos dos cartazes.....	123

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido por esse trabalho passou por muitas encruzilhadas, reviravoltas inesperadas e obstáculos difíceis de transpor. Mas, em todos os momentos, os encontros com pessoas dos mais diversos lugares e procedência social tornaram todo o processo rico, principalmente, em alegrias, descobertas e crescimento. Sem dúvida, guardo hoje uma história que mudou profundamente a minha vida e que começou assim que fui a Porto Alegre cheia de incertezas, mas confiante de que “um porto alegre é bem mais que um seguro”. Começo a agradecer, portanto, a esta cidade: hospitaleira, gregária e que me ensinou a arte de semear muito cedo, planejando cada passo, para colher o bom fruto depois. Ensinou-me também que o frio pode ser aconchegante quando compartilhado com uma adorável família, em frente a uma lareira, saboreando um fondue de chocolate. A essa família (Paulo Seixas, Louise, Ana e Raquel), poso certo nos domingos ventosos, também agradeço do fundo do coração.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Programa de Psicologia do Desenvolvimento desta universidade, agradeço à nova e eficiente formação que obtive. Professores preparados, exigentes, cumpridores de seus deveres, abriram-me horizontes diferentes e tornaram-me mais profissional. A essa equipe devo parte fundamental de minha formação de psicóloga e pesquisadora. Ao CNPQ, agradeço pelo auxílio financeiro enquanto estive em Porto Alegre, sem o qual seria bem mais difícil levar adiante esta empreitada.

Ao NEPA e ao CEP-RUA, grupos dinâmicos, cheios de vida e calor humano, que me ensinaram, na prática, a fazer pesquisa, apresentações e cursos, partilhando informações, dividindo esforços e crescendo juntos. Aos queridos e inesquecíveis amigos, Normanda, Geraldine, Lucas e Elder, com os quais vivi momentos da mais alegre descontração, o meu agradecimento e pedido para que não me percam de vista no meio de seus tantos vãos. Às colegas de sala, Aline Cerqueira, Luísa, Paula, Nadja, pelos momentos leves vividos, e a Lídia, por sua generosidade tão necessária quando, literalmente, o frio apertava: obrigada.

Não posso esquecer da escolinha (a primeira) de minha filha, o Circo da Folia, que formou uma parceria muito importante comigo e com meu marido para que trabalhássemos sossegados. Formamos também uma comunidade. A todos vocês, professora Nice, a diretora, alunos gauchinhos e seus pais, o meu agradecimento pelo apoio inestimável.

Aos professores do PPG de Psicologia da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Marcos Emanuel, pela disponibilidade e ajuda nos momentos finais quando precisava assistir a seminários, e a Patrícia Alvarenga, pelo acolhimento em sua disciplina. Com carinho especial, agradeço a Ana Cecília Bastos, professora, poeta e amiga, primeira ponte a me ligar a Porto Alegre quando esta ainda era uma cidade longínqua, desconhecida e assustadoramente fria.

O acaso ou o destino me fez encontrar Paola Biasoli Alves em Salvador que, com generosidade incomum, vibração e competência, ajudou-me dando sugestões essenciais, palestras e ânimo à equipe de pesquisa ainda em formação. Valeu, Paola!

Ao grande e simples professor Gey Espinheira, a Dinho (José Eduardo dos Santos), querido e sábio amigo, a Sônia Godim que nos esclareceu sobre unidades de análise, obrigada.

Às meninas, Luane, Grayce, Milena e Talita que formaram, junto comigo, a equipe de pesquisa. Vivemos uma história juntas, cheia de aventuras e descobertas. Cada uma agora segue seu caminho, mas essa dissertação tem a marca de vocês.

À Sílvia Koller, agradeço desde o início, meio e fim. Apresentou-me ao CEP-RUA, a amigos queridos e à minha orientadora. Como relatora dessa dissertação, fez observações precisas e ajudou-me a corrigir alguns passos. Tem a incrível capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e muito bem! Só uma gaúcha mesmo!

À minha orientadora Débora Dell'Aglio. Como lhe agradecer o companheirismo durante essa jornada feita, parte dela, longe? Como lhe dizer o que sentia ao receber seus e-mails: mistura de expectativa e certeza de uma orientadora séria e competente que estava sempre a me puxar para frente. Essa dissertação percorreu Porto Alegre, Paris, Salvador. Em nenhum desses lugares, desistimos de continuar. O meu maior agradecimento está nessa dissertação finalizada, fruto do esforço e persistência nossa.

À minha família, em especial minha mãe, Solange, e meu amor, Luciano, por tudo o que fizeram e são, e que não conseguiria enumerar em tão curto espaço. Junto a vocês, eu me abrigo.

Finalmente, aos meninos da Barra, a razão de ser dessa pesquisa. A vocês que nos surpreenderam a cada instante e nos ensinaram que é preciso saber viver, o meu mais profundo agradecimento. Fui fazer uma pesquisa de campo e vivi uma experiência que já faz parte de mim. Habitamos, por um tempo, o mesmo lugar.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a interface do conceito de resiliência com a constituição da rua como *habitat*/morada possível, ainda que precária, para adolescentes que vivem em situação de rua, em Salvador/BA. Tomando como base as perspectivas teóricas da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano e da Psicologia Positiva, foi adotada uma metodologia qualitativa, com inserção ecológica e estudos de caso. Utilizaram-se vários instrumentos para a coleta de dados: diário de campo, entrevista e cartaz. Esses instrumentos foram adaptados às necessidades de uma abordagem temporal, que se desdobrou em passado, presente e futuro, tentando-se, assim, captar fenômenos em sua dinamicidade natural, apesar dos limites impostos por uma pesquisa transversal. O estudo envolveu a análise de dois casos de adolescentes que vivem em situação de rua permitindo a caracterização dos ambientes físicos e sociais onde eles se inserem, suas histórias de vida, a presença de fatores de proteção e de risco permeando essas histórias e os contextos dos quais elas emergem. A transitoriedade e precariedade das moradas explicitam o sentir, o pensar e o viver de uma adolescência que procura nesse fluir permanente, paradoxalmente, a referência estrutural de um lar que continuamente se esvai. A busca desse lar desfeito e as moradas, mesmo precárias, resultantes trazem, em si, um sentido de adaptação positiva, constituindo processos de resiliência.

Palavras chave: Adolescentes; Resiliência; Risco; Habitat; Morar na rua; Inserção ecológica

ABSTRACT

The aim of this research was to survey the interface of the concept of resilience with the transformation of the street into an eventual *habitat* /dwelling, even though precarious, for the adolescents in Salvador/BA who live on the streets. Based on the theoretical perspectives of the Bio-ecological Approach for Human Development and the Positive Psychology, a qualitative approach was adopted, encompassing the ecological insertion and case studies. Several instruments were used for collecting data: field log, interviews and posters. These were adapted bearing in mind the needs of a temporal approach that was unfolded into past, present and future, thus aiming at capturing the phenomena at their natural dynamics, despite the limits that were imposed by a cross-sectional survey. The study comprised the analysis of two cases of adolescents who live on the streets and which enabled the characterization of the physical and social environments where they are inserted, their life histories, the presence of protection and risk factors that permeate these stories and the contexts where they emerge from. The transitoriness and precariousness of their dwellings make explicit these adolescents' ways of feeling, thinking and living. Although it may seem a paradox, through this continuous flow, they search the structural reference of a home that is continuously fading. The search for this broken home and for the dwellings, even though precarious, brings a sense of positive adaptation leading to resilience projects.

Key words: Adolescents; Resilience; Risk; Habitat; live on the street; ecological insertion

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. *Apresentação do problema, objetivos e justificativa*

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a interface do conceito de resiliência com a constituição da rua como *habitat*/morada possível, ainda que precária, para adolescentes que vivem em situação de rua, em Salvador/BA. Para tanto, identificou-se fatores de risco e de proteção atuantes na história de vida desses adolescentes, assim como o desenvolvimento de funções psico-sociais próprias de um *habitat*. A introdução aborda, em um primeiro momento, o conceito de resiliência, que é apresentado a partir de um breve histórico da formação desse conceito e de alguns trabalhos teóricos sobre o assunto. Em um segundo momento, é delineado o contexto da rua em seus vários aspectos, identificando os fatores de risco e de proteção atuantes no desenvolvimento dos adolescentes, assim como a continuidade da inter-relação desses fatores em seu processo de adaptação à situação de rua. Depois então, é definido o conceito de habitar-morar, que emerge da situação específica do viver na rua, relacionando-o com os processos de resiliência que podem ser verificados neste contexto. Por último, as abordagens teóricas que embasaram este trabalho são expostas.

A relevância desse tema justifica-se pela constatação de que os adolescentes em situação de rua trazem uma história de resistência e enfrentamento às adversidades, pela qual rompem com um padrão social-familiar e criam novas formas de ajuste psicossocial – rompimento que os expõe a alguns riscos, mas os retira de outros e lhes ensina, diariamente, estratégias de sobrevivência. Essas estratégias confluem para constituir a rua em um *habitat* possível para adolescentes que, por diversos motivos, não estão com suas famílias. De que forma esses adolescentes transformam a rua em *habitat* e como constroem, nesse espaço ecológico, suas histórias de resiliência são as questões-chave deste texto.

Sabe-se que o estudo da resiliência, assim como da psicologia positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), pode dar maior eficácia e flexibilidade às atividades de promoção de saúde, trazendo novo enfoque à compreensão do desenvolvimento humano. O conceito de resiliência reafirma o ser humano como capaz de superar adversidades e situações potencialmente traumáticas, ultrapassando leituras deterministas que ressaltam as seqüelas possíveis da exposição ao risco. A probabilidade de ocorrerem seqüelas carrega, muitas vezes, a força de uma suposta fatalidade, dando, aos que nela acreditam, uma sensação de

impotência. Dessa forma, a resiliência se apresenta como uma esperança que reforça o compromisso ético de ação e de engajamento social (Junqueira & Deslandes, 2003).

1.2 *Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner e Psicologia Positiva*

Considerando que o fenômeno da resiliência se refere a um processo complexo, é importante que sua investigação leve em conta os contextos de inserção presentes na vida das crianças e adolescentes em situação de rua. Além disso, é preciso que se parta de uma visão positiva, considerando os processos adaptativos do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. Assim, este trabalho se fundamenta em duas abordagens teóricas: a Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1979/1996; 1986; 1999; 2004) e a Psicologia Positiva proposta por Seligman e Csikszentmihalyi (2000).

1.2.1 *A Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner*

O modelo bioecológico é um sistema teórico para o estudo científico do desenvolvimento humano no ambiente natural, através do tempo (Bronfenbrenner, 2004). Nesse modelo, o desenvolvimento é definido como um fenômeno de continuidade e mudança (qualitativa e quantitativa) nas características biopsicológicas do ser humano como indivíduo e como grupo. O fenômeno estende-se a todo o curso da vida, através de sucessivas gerações e do tempo histórico passado e presente (Bronfenbrenner, 2004).

O modelo bioecológico entende o ser humano como um ser em relação, dentro de um ambiente em constante mutação. É um modelo, por definição, contextualista e sistêmico. Em consequência, ultrapassou a unidade mínima de análise restrita a um único ser humano isolado, ampliando-a para a díade pessoa-pessoa. Assim, a unidade mínima de análise já é, em si mesma, uma unidade social irreduzível. Recentemente, Bronfenbrenner e Morris (1998) incluiu, nessa unidade mínima, não somente a relação da pessoa em desenvolvimento com outra pessoa, mas também o mundo de símbolos, objetos e linguagem que aí se cria. Esse sistema semiótico em gestação é especialmente importante, segundo Bronfenbrenner (2004), para se entender as intenções e os objetivos, atuais e futuros, e as atitudes das pessoas.

O modelo bioecológico é, ao menos em dois sentidos, um sistema vivo: primeiro, porque supõe um indivíduo ativo dentro de um sistema integrado, complexo e mutável; segundo, porque o próprio modelo está se construindo. Pode-se perceber as mudanças ocorridas: a pessoa em desenvolvimento assumiu um lugar participativo cada vez mais importante dentro do sistema. Daí Bronfenbrenner (1979/1990) afirmar sua tese principal de

que o ser humano, mais do que qualquer outra espécie, cria o ambiente no curso do qual se desenvolve. O desenvolvimento assume aqui um caráter dialético: as ações humanas influenciam o ambiente, que, por sua vez, dará forma, direção e sentido específicos aos desdobramentos futuros daquelas ações.

Bronfenbrenner (2004) passou a se interessar cada vez mais pelos processos proximais. Segundo o autor, durante o curso da vida, o desenvolvimento acontece através de processos cada vez mais complexos, envolvendo um organismo biopsicológico humano ativo e contextualizado, e as pessoas, objetos e símbolos do seu ambiente externo imediato. A esses processos cada vez mais complexos, Bronfenbrenner e Morris (1998) deu o nome de processos proximais. Os processos proximais são o mecanismo primário do desenvolvimento, isto é, a força que, primeiramente, impulsiona o ser humano a crescer física, psíquica e culturalmente. A forma, o poder e a direção dos processos proximais que produzem desenvolvimento variam sistematicamente em função: do desenvolvimento pessoal (incluindo a hereditariedade); do ambiente; da natureza dos resultados desenvolvimentais em questão; e da continuidade e mudança ocorridas no ambiente durante o período histórico vivido pela pessoa (Bronfenbrenner, 2004).

Mas Bronfenbrenner (1979; 1999; 2004) propõe que, para se compreender a pessoa em desenvolvimento, é preciso ir além dela própria e das relações mais próximas que ela estabelece. É preciso examinar toda a ecologia do desenvolvimento envolvida – o padrão de interação dentro da família e as influências, sobre esta, da cultura mais ampla. Essa ecologia do desenvolvimento é formada de sistemas que interagem em relações recíprocas. Todo sistema tem duas propriedades básicas: é maior do que a soma de suas partes constitutivas, pois abrange cada parte e mais as suas interações mútuas; e é adaptativo, isto é, a cada modificação de uma das partes, o sistema todo se redimensiona. Quatro aspectos, portanto, foram salientados no modelo bioecológico para se compreender o desenvolvimento humano: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo.

No *processo*, Bronfenbrenner (1999) trabalha em dois sentidos: o que se refere aos mecanismos constantes e não lineares de ligação entre os níveis ambiental e da pessoa; e o relacionado à forma como a pessoa se desenvolve, através de atividades diárias, papéis e inter-relações. *Pessoa* refere-se às características psicológicas e físicas que orientam o indivíduo em relação ao seu ambiente. O *tempo* é estudado a partir de um ponto de vista histórico-evolutivo, importando tanto o processo proximal, que determina o desenvolvimento ao longo do tempo, quanto o processo histórico, que envolve a pessoa e o ambiente. A dimensão do tempo deve ser compreendida como um sistema integrado –

denominado “cronossistema” –, que possui três esferas: microtempo, mesotempo e o macrotempo. O microtempo refere-se à menor das esferas e consiste na temporalidade envolvida nas interações da pessoa em desenvolvimento. O mesotempo refere-se à periodicidade dos eventos no curso do desenvolvimento, podendo ser medido em escalas de tempo mais amplas. E o macrotempo – ou seja, o ciclo vital e o tempo histórico-social – está relacionado aos eventos maiores que configuram a história em que o desenvolvimento pessoal se inscreve.

Por fim, o *contexto* é a configuração ecológica das características e relações existentes nos níveis ambientais, aos quais a pessoa está exposta (Bronfenbrenner, 1986). É composto por quatro sistemas: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. Microsistema refere-se ao conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento, em um ambiente específico. Esse contexto é constituído pelas relações face-a-face, caracterizadas pelo alto grau de significância e de estabilidade. As inter-relações ocorridas nos microsistemas formam o mesossistema, sendo a sua constituição modificada ou ampliada ao longo do desenvolvimento, a partir das experiências vividas pela pessoa. O exossistema é composto pelos ambientes nos quais a pessoa não está presente, mas cujos eventos influenciam diretamente o desenvolvimento da pessoa em foco. E o macrosistema refere-se ao conjunto compartilhado de crenças, ideologias e valores que perpassam as formas de organização social. Tal conjunto tem alto poder de determinação sobre as formas de relação que ocorrem nos sistemas anteriores.

1.2.2 A Psicologia Positiva

A Psicologia Positiva surgiu na virada desse milênio (2000), a partir de um movimento liderado pelo ex-presidente da American Psychological Association, Martin Seligman. Esse movimento insurgiu contra o enfoque quase exclusivo da psicologia sobre os aspectos psicopatológicos do ser humano e abriu espaço para estudar cientificamente o desenvolvimento das virtudes e a busca da felicidade. Mais especificamente, a Psicologia Positiva busca compreender os processos que subjazem às qualidades e emoções positivas do ser humano, por tanto tempo ignoradas pelo conhecimento acadêmico. O objetivo, portanto, da Psicologia Positiva transcende o tratamento de doenças mentais/comportamentais e investe em uma melhor qualidade de vida e bem-estar da pessoa, sem renunciar aos métodos investigativos das ciências da saúde. A Psicologia Positiva representa uma maneira de compreender a psicologia e a saúde mental que vem

complementar – e, por vezes, transfigurar – a já existente (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Se a psicologia transitou entre a doença, o tratamento e a prevenção, aponta-se agora um outro rumo em direção à promoção da saúde. Assim, “saúde” passa a ser o novo objeto da psicologia, construído com outras ciências por meio de práticas integrais, implicando emprego, satisfação no trabalho, vida cotidiana significativa, participação social, lazer, qualidade das redes sociais, enfim, qualidade de vida (Filho, Coelho, & Perez, 1999). Promover a saúde seria, então, ir além da prevenção e cura da doença para nutrir o que há de melhor no ser humano e na sociedade. Nesse sentido, a Psicologia Positiva observou que existem traços nos seres humanos que agem como defesas contra doenças mentais, entre eles, a coragem, o otimismo, as habilidades interpessoais, a fé, o trabalho ético, a esperança, a honestidade, a perseverança, entre outros (Giacomoni, 2002). O trabalho da psicologia seria, dessa forma, entender e aprender a estimular tais virtudes nas pessoas.

Um dos pressupostos básicos por detrás da Psicologia Positiva é a sua visão do ser humano como essencialmente auto-organizado, autogovernável e adaptativo (Giacomoni, 2002). Recentes investigações em torno da resiliência mostraram ser esse um fenômeno comum, porque resultante dessa capacidade elementar do ser humano de se adaptar às condições do seu meio (Masten, 2001). Se a resiliência é uma resposta adaptativa à adversidade, que envolve não apenas as características da pessoa mas também o sistema de relações que a envolve, promovê-la estaria entre as tarefas fundamentais da Psicologia Positiva. A promoção da resiliência é uma forma simultânea de assegurar a saúde e prevenir doenças, visto ser a resiliência um encontro entre saúde e risco, no qual os aspectos saudáveis tendem a prevalecer. No entanto, quando aqui se fala em promover resiliência, não se quer com isso passar a idéia de que é possível se ensinar a resiliência ou atribuir (ou não) a característica resiliente a quem quer que seja, mas que o processo da resiliência pode ser estimulado por atuações junto às famílias e as pessoas, e por políticas públicas e sociais.

A Psicologia Positiva e a Abordagem Bioecológica, neste estudo, trazem os pressupostos teóricos para a compreensão dos dados obtidos sobre os adolescentes no contexto da rua, seu processo de resiliência, assim como a constituição da rua como morada possível. Pesquisar a partir do conceito de processo não supõe como tarefa principal a busca mecânica de fatores de risco ou de proteção que atuem como variáveis preditoras de resiliência. Essa pesquisa pretende investigar os processos desenvolvimentais e contextuais pelos quais estes adolescentes lidam com a adversidade, enfocando a presença de fatores de risco e de proteção ao longo de seu desenvolvimento e atualmente, o por que e como eles

mantêm auto-estima e auto-eficácia, como constroem redes sociais efetivas, como se adaptam à instituição e à escola, entre outros. Proteção ou vulnerabilidade não residem na variável em si (suporte social, por exemplo), mas na interação de todas as variáveis que compõem os processos de desenvolvimento do indivíduo.

Bronfenbrenner (2004) diz que o elemento crítico na definição do modelo bioecológico é “experiência”. O termo é usado para indicar que as estruturas relevantes de qualquer ambiente para o desenvolvimento humano incluem não somente suas propriedades objetivas, mas também o modo pelo qual essas propriedades são subjetivamente experienciadas pelas pessoas que estão naquele ambiente. Esta ênfase, tanto na experiência como nos fatos objetivos, advém do fato incontornável de que as influências externas que afetam significativamente o comportamento humano e seu desenvolvimento não podem ser descritas somente em termos de condições físicas objetivas e eventos externos. Elementos objetivos e subjetivos dirigem o curso do desenvolvimento humano. É, portanto, necessário dar voz aos participantes, colher suas histórias através das entrevistas, além de ter uma observação cuidadosa do ambiente que os envolve.

Uma pesquisa que incorpore o conceito de experiência em sua metodologia precisa enfrentar a dificuldade de captar aquilo que é vivenciado, e que é justamente o foco central da pesquisa. Mas, compreender a experiência de resiliência é também, por um lado, situar o espaço onde ela se dá. Esse espaço não está somente – nem sobretudo – no interior da pessoa, mas ao seu redor, na convivência e interação da criança e do adolescente em situação de rua com seus amigos, sua história de vida e as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu cotidiano. Por outro lado, parte-se do pressuposto de que aquilo que é expresso através da linguagem não é apenas a expressão do pensamento abstrato, mas o lugar onde a experiência fluida acontece e se deixa vislumbrar. Assim, a narrativa de uma pessoa, segundo Husserl (1970), traz consigo a retenção de vivências imediatamente transcorridas e a expectativa vazia ou a propensão de um futuro imediato por vir. Passado, presente e futuro, diz o filósofo, são simplesmente aspectos diferentes do que está se fazendo. Ao narrar sua história de vida, descrevendo situações de risco, fatores de proteção e a forma como encontrou respostas adaptativas, o adolescente em situação de rua está dando, ao pesquisador, o significado de sua experiência de resiliência, pois a narrativa se dá no curso da vida mesma, e não apenas depois dos fatos (Husserl, 1970).

Dessa forma, esta pesquisa procura discutir o conceito de resiliência, à luz da constituição de *habitats*/moradas por adolescentes que vivem em situação de rua, em Salvador/BA, além de identificar fatores de risco e de proteção atuantes nesse processo.

1.3 *O Conceito de Resiliência*

A resiliência é um conceito recente, mas o fenômeno por ela descrito sempre instigou pesquisadores que se debruçavam sobre a história de pessoas expostas às mais difíceis experiências sociais e pessoais. Apesar das adversidades registradas em variadas fases do desenvolvimento, havia sempre a possibilidade de cura e pronto progresso, ao menos para alguns indivíduos (Cowan, Cowan, & Shultz, 1996). Ou seja, as condições hostis não resultavam, necessariamente, em problemas de ordem psíquica ou comportamental. No estudo pioneiro – longitudinal – realizado por Werner e Smith (1982), foram acompanhadas 72 crianças com uma história de quatro ou mais fatores de risco: pobreza, baixa escolaridade dos pais, estresse perinatal ou baixo peso no nascimento, ou ainda a presença de deficiências físicas. Os resultados desse estudo apontaram para o fato surpreendente de nenhuma das crianças apresentar qualquer problema de aprendizagem ou de comportamento durante os anos nos quais foram acompanhadas pelos pesquisadores. Esses achados foram interpretados como um indicativo eloqüente de boa adaptação. Há ainda outras constatações, feitas em clínicas psicológicas, do fato de crianças que, por exemplo, sofreram maus-tratos e passaram por esses abusos com sofrimento, não apresentarem o quadro de conseqüências negativas apontado pela literatura especializada (Junqueira & Deslandes, 2003).

Assim, o fenômeno da resiliência há muito perpassa as experiências de profissionais da saúde e de pessoas comuns, mesmo que registrado por um olhar casual de quem apenas se depara com o inesperado. No entanto, o conceito de resiliência está ainda em construção, principalmente no Brasil. Pode-se perceber, por exemplo, de acordo com Yunes e Szymanski (2001), que o Dicionário de Língua Portuguesa Novo Aurélio apresenta a primeira definição do conceito restrita à física (como resistência de materiais), enquanto o Dicionário de Língua Inglesa mostra, logo no início, o significado psicológico do termo (habilidade de voltar rapidamente para o estado usual de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades, etc.). Tais diferenças evidenciam a maior ou menor familiaridade com o termo no sentido psicológico aqui proposto.

A resiliência, como um construto psicológico, passou de uma idéia de resistência absoluta ao estresse a uma idéia de resistência relativa, cujas bases são tanto constitucionais como ambientais, variando de acordo com as circunstâncias e a época de vida (Rutter, 1985). As pesquisas pioneiras em resiliência centravam o foco no indivíduo, isto é, definiam resiliência como uma variação individual em resposta ao risco, estando essa

variação intimamente relacionada aos componentes psicológicos constitutivos de cada um, como se algo interno determinasse uma resposta resiliente ou não. A pesquisa atual em resiliência tem se desenvolvido a partir do enfoque do funcionamento adaptativo em presença de riscos experienciados, considerando tanto as dimensões positivas, do comportamento e de seus preditores, como as dimensões negativas. Para Luthar e Zelazo (2003), uma das vantagens desse enfoque nos aspectos positivos é a possibilidade de considerar a força de grupos, usualmente pensados em função de seus problemas e falhas. Da mesma forma, essa abordagem inclusiva, segundo os mesmos autores, cria mais estratégias inovadoras de intervenção, na medida em que os objetivos destas refletem algum conhecimento das forças transformadoras presentes nesses grupos, ao invés de simplesmente tentar suprir as faltas ali encontradas.

No entanto, as pesquisas que optam por trabalhar a partir do paradigma da resiliência enfrentam alguns problemas. As autoras Junqueira e Deslandes (2003) apontam para a possibilidade de a resiliência sugerir uma conformidade com a violência ou ainda uma perspectiva individualista de se lidar com os problemas. Luthar e Zelazo (2003), sobre essa questão, comentam que o conceito de resiliência pode fomentar visões culpabilizadoras da vítima. Se o termo resiliência é construído como uma representação de um traço pessoal que leva alguns adolescentes em risco, por exemplo, a conseguirem sucesso na vida, o efeito contrário é tornar aqueles que não obtiverem tal sucesso pessoalmente responsáveis pelos seus problemas. O erro dessa inferência, segundo Luthar e Zelazo (2003), é que as trajetórias de resiliência são fortemente influenciadas por processos que nascem na família e no ambiente ao redor. Da mesma forma, o termo adaptação positiva, pelo qual se tenta – junto com o risco – operacionalizar o conceito de resiliência, não tem, nesse paradigma, um sentido passivo, de conformidade às regras ou de supressão de um trauma pela consciência. Devolvendo ao termo a perspectiva dialética que Piaget (1936/1970) lhe confere, pode-se dizer que adaptação positiva tem um sentido ativo. Assim, o indivíduo assimila características do ambiente e, nesse mesmo ato de assimilar, já o modifica, produzindo, em seguida, uma resposta que transformará as características do próprio ambiente. Ao se falar, portanto, em superação de um trauma, aponta-se para um caminho que abre a possibilidade de um novo olhar, uma re-significação do problema que, entretanto, não o elimina, pois este continua constituindo parte da história do sujeito (Junqueira & Deslandes, 2003).

A definição clara e inequívoca do conceito de resiliência como processo, e não como um traço de personalidade, evita, em grande parte, os erros mais comuns de interpretação. Kalawski e Haz (2003) chamam atenção, ainda, para o uso do conceito de

resiliência em dois sentidos distintos, e num único momento, gerando leituras confusas. Assim, tem-se o conceito de resiliência ora como uma relação entre os fatores de risco e a saúde, ora como um conjunto de variáveis que moderam o efeito dos fatores de risco. Segundo estes autores, a resiliência não é uma variável psicológica em si mesma, mas um conceito que somente pode se dimensionar de acordo com sua relação com o risco, a qual se define em um estudo particular. As variáveis psicológicas seriam os fatores ou mecanismos que explicariam a resiliência. Yunes (2003) também alerta para os diferentes discursos utilizados no estudo da resiliência, destacando que, apesar de manter suas considerações no indivíduo, a resiliência não é uma característica ou traço individual, mas que processos psicológicos devem ser cuidadosamente examinados. Assim, a resiliência pode apresentar diferentes formas em diferentes contextos, assim como acontece com o conceito de risco, sendo necessário, portanto, ser entendida como um processo.

Luthar (1993) sugeriu que a pesquisa em resiliência deveria enfocar três tipos distintos de resiliência: acadêmica, emocional e social. Algumas pessoas podem ser mais ou menos resilientes em cada uma delas, e alterar sua resiliência se as circunstâncias forem diferentes. A resiliência acadêmica refere-se às habilidades de resolução de problemas e à aprendizagem de novas estratégias cognitivas; a resiliência emocional, às experiências que promovem a auto-estima, ao senso de auto-eficácia, à capacidade para lidar com mudanças e adaptações, e a um repertório amplo de abordagens para solução de problemas; a resiliência social aparece, principalmente, quando o adolescente desenvolve um senso de pertencimento a seu grupo, o que aumenta sua motivação para a tarefa e a melhoria no desenvolvimento (Hutz, Koller, & Bandeira, 1996). A resiliência social, ainda, implica o não envolvimento em delinquência, o ter um grupo de amigos, relacionamentos íntimos, observação de modelos pró-sociais, entre outros aspectos (Rutter, 1993). Segundo Hutz, Koller e Bandeira (1996), pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua são ilustrativas de que o fracasso escolar não impede alta resiliência social ou emocional.

Essa divisão da resiliência em dimensões levanta alguns questionamentos. Quando se fala em processo, como subdividi-lo em partes? A própria concepção de processo não traria uma idéia de totalidade que lhe é inerente? Um estudo de Luthar e Zigler (1991) mostra que crianças submetidas a alto nível de estresse possuíam bons níveis de competência social e comportamental. No entanto, essas mesmas crianças apresentavam altos níveis de ansiedade e depressão, comparáveis aos níveis de crianças menos adaptadas comportamentalmente. Kalawski e Haz (2003) comentam que, se existisse um só mecanismo que explicasse os bons desempenhos apesar da adversidade, essa discrepância

não existiria. Tais diferenças são compatíveis, segundo estes autores, com a distinção entre sintomas externalizantes, orientados para a ação, e internalizantes, orientados ao pensamento e à emoção. Uma solução seria considerar medidas de resultado mais amplas, que incluíssem os sintomas internalizantes e externalizantes. Assim, as crianças que apresentassem alta competência social, mas acusassem ansiedade, não estariam em processo de resiliência, e somente aquelas que demonstrassem saúde mental global poderiam ser consideradas incluídas em tal processo. Kalawski e Haz (2003), no entanto, ponderam que, se os mecanismos que levam aos sintomas externalizantes são diferentes daqueles que levam aos sintomas internalizantes, seria conveniente, então, estudar ambas as resiliências em separado. Luthar e Zelazo (2003) salientam a importância de os pesquisadores apontarem explicitamente, em seus estudos, que o sucesso em um domínio particular não pode ser generalizado para outras importantes esferas.

Dessa forma, ainda que se refira a um processo único, a resiliência concerne a dimensões do ser humano que não apresentam exatamente os mesmos mecanismos nem convivem de forma harmônica, em todas as situações. Pelo contrário, o comportamento de crianças e seu funcionamento intelectual representam duas áreas distintas do desenvolvimento (Cohen, Moffitt, Caspi, & Taylor, 2004). Englobá-las, portanto, em uma única dimensão seria muito mais uma simplificação do conceito de resiliência do que uma obediência ao sentido de processo. Se a resiliência é considerada como um processo, é porque o modo pelo qual ela se dá é particular e envolve uma configuração de fatores que se inter-relacionam. Por menos, no entanto, que se possa isolar os fatores dessa configuração e fazer uma relação de causa e efeito entre eles, as configurações são, elas mesmas, específicas e apontam para resultados específicos. Esse é um dos motivos pelos quais pode-se considerar, em processo de resiliência, adolescentes que têm desempenho acadêmico pífio enquanto possuem altas habilidades sociais.

Um outro aspecto atual do conceito de resiliência refere-se às pesquisas que investigam os indicadores genéticos/biológicos do comportamento. A pesquisa de Cohen e colaboradores (2004) apontou que a resiliência à privação sócio-econômica é, em parte, hereditária e que fatores protetivos têm tanto elementos ambientais como genéticos. Assim, os pais que são calorosos e cuidadosos com seus filhos devem também transmitir genes que promovem uma boa regulação comportamental e menos comportamentos anti-sociais. As implicações desse estudo sugerem que múltiplos genes devem operar no modo pelo qual a criança reage ao infortúnio, através, por exemplo, de mecanismos cognitivos, tais como o reconhecimento de emoções. Luthar e Zelazo (2003) relatam haver vários achados

empíricos indicando que experiências sociais e psicológicas podem propiciar mudanças em conexões neuronais tanto quanto os genes, e que estes, por seu turno, podem ser decisivos para manter comportamentos anômalos provocados por estresses da vida. Rutter (2003) apresentou um estudo que indicava ser o risco de desenvolver depressão após um evento estressor maior entre aqueles com risco genético, sugerindo que fatores genéticos influem, em parte, na sensibilidade aos estressores ambientais. Este autor considera, ainda, que os dados dos estudos atuais sobre o assunto são esparsos, dificultando conclusões sobre o papel dos fatores genéticos na resistência a riscos psicopatológicos associados com estressores ambientais, ou sobre o papel de variáveis psicossociais na resistência ao risco genético. No entanto, ressalta que os achados são consistentes em indicar a ligação entre ambos os tipos de mecanismos.

Ainda que estes aspectos genéticos não sejam considerados particularmente, é importante não perdê-los de vista, pois o processo de resiliência ressalta, sobretudo, a pessoa no emaranhado de relações mútuas que ela estabelece com outras pessoas, objetos e símbolos de seu meio. Estas relações podem ser explicadas pelo Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998), no qual os processos têm uma posição central. Assim sendo, as diferentes formas de interação entre as pessoas não mais são vistas apenas como função do ambiente, mas como função do processo, definido em termos da relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento. O novo Modelo Bioecológico propõe, então, que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Narvaz & Koller, 2004). E pessoa, segundo a abordagem bioecológica, é um organismo biopsicológico humano ativo e contextualizado, com tudo o que traz de herança genética, linguagem, cultura e construção. Nessa perspectiva, o desenvolvimento também está relacionado com a estabilidade e a mudança nas características biopsicológicas da pessoa durante o ciclo vital (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

1.4 Resiliência e Conceitos Co-Relacionados

O conceito de resiliência envolve vários outros conceitos correlacionados que precisam ser esclarecidos e diferenciados entre si. O primeiro deles é o conceito de risco. Segundo Yunes e Szymanski (2001), fatores de risco relacionam-se com todo tipo de eventos negativos da vida que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Luthar e Zigler (1991) sugerem não

haver um critério definitivo pelo qual uma variável particular possa ser investigada como um fator de risco, fator de proteção ou meramente uma medida relacionada ao resultado em questão. Isso porque uma variável que proteja contra o estresse pode também se constituir em fator de risco. Considerando essa particularidade, Rutter (1993) afirmou a necessidade de fazer a distinção entre indicadores de risco e mecanismos de risco. O indicador de risco aponta a existência de um evento potencialmente estressor, enquanto o mecanismo de risco desenvolve-se como processo, não sendo uma variável isolada em si mesma. Por outro lado, um evento potencialmente estressor tem impactos diferenciados a depender de cada pessoa e, na mesma pessoa, esse impacto varia em função dos distintos momentos de sua vida. Assim, um evento indicador de risco pode não se constituir como tal. Para que o risco se consume, é preciso que haja uma interação particular de eventos anteriores e posteriores ao evento-chave indicador de risco, e essa interação incide em uma dada pessoa, num dado momento. Outra perspectiva sobre essa questão é aberta por Luthar (1993), quando esta faz uma distinção entre dois níveis de risco: o risco distal, que não é diretamente experienciado pela pessoa, como, por exemplo, o *status* socioeconômico; e o risco proximal, que se refere às variáveis mediadoras, como, por exemplo, cuidados familiares deficientes ou conflito entre os pais.

Luthar e Zelazo (2003) comentam que uma limitação metodológica comum nos estudos de resiliência é a falta de precisão na medição do risco. Crianças em circunstâncias de vida negativas particulares são tratadas como um grupo homogêneo, a despeito de possíveis graus de variação dos processos de risco que afetam as suas vidas. Há mérito, portanto, segundo as autoras, em continuamente refinar-se as medidas de abordagem, de tal forma que, com o tempo, elas se tornem mais precisamente quantificáveis. Não obstante, também salientam a importância de estudos que tratam a adversidade da vida como um index global para aferir altas possibilidades de desajuste.

A relação entre risco e resiliência implica, segundo Rutter (1993), três aspectos primordiais. Primeiro, a resiliência não está no fato de se evitar experiências de risco e, com isso, apresentar-se características saudáveis ou ter boas experiências. Segundo, fatores de risco podem operar de diferentes maneiras, em diferentes períodos do desenvolvimento. Terceiro, é necessário focar os mecanismos de risco e não os fatores de risco, pois o que é risco para uma determinada situação pode ser proteção para outra. Cowan, Cowan e Shultz (1996) definem resiliência como um processo que atua na presença de risco para produzir resultados tão bons ou melhores do que aqueles obtidos na ausência de risco. A resiliência está, portanto, intrinsecamente relacionada ao risco. Rutter (1987) afirma que a resiliência

resulta da convergência de processos de proteção que não eliminam o risco, mas encorajam o indivíduo a se engajar efetivamente na situação de risco.

Outro conceito importante envolvendo a resiliência é o de vulnerabilidade. Utiliza-se o termo vulnerabilidade para definir as suscetibilidades psicológicas individuais que aumentam a probabilidade de um resultado negativo ou indesejável na presença do risco (Cowan, Cowan, & Shultz, 1996). Vulnerabilidade não se refere somente à predisposição genética ou a fatores constitucionais, mas também a condições, tais como: baixa auto-estima, traços de personalidade e distúrbios psíquicos. Condições externas podem também levar à vulnerabilidade. Assim, por exemplo, práticas educativas familiares ineficazes podem aumentar a agressividade de crianças expostas a algum evento estressor. O critério para definir vulnerabilidade situa-se no padrão de relações funcionais. Ou seja, se o fator de risco está relacionado diretamente a uma resposta negativa, a vulnerabilidade, por si mesma, não a provoca, mas, na presença do risco, tende a potencializá-la. Portanto, a vulnerabilidade conta apenas numa relação funcional com os fatores de risco.

Por outro lado, precisam também ser considerados os fatores de proteção ou *buffers*: enquanto a vulnerabilidade exacerba os efeitos das condições adversas, os fatores de proteção os amortecem. De acordo com a definição de Rutter (1985), fatores de proteção referem-se a influências que favorecem respostas pessoais positivas a determinados riscos de inadaptção. Esse mesmo autor reitera que proteção não é uma “química de momento”, mas está ligada à maneira como a pessoa lida com as transições e mudanças de sua vida, ao sentido que dá às suas experiências e à forma como se comporta diante de circunstâncias adversas. Masten e Garmezy (1985) identificam três fatores de proteção que são fundamentais ao desenvolvimento da criança: características da personalidade (autonomia, auto-estima e orientação social positiva); laços afetivos dentro da família (coesão familiar e ausência de conflitos, possibilitando suporte emocional); e disponibilidade de sistemas externos de apoio, que encorajem e reforcem a capacidade da pessoa para lidar com as circunstâncias da vida.

Em relação a esses dois últimos conceitos, devem ser considerados dois aspectos levantados por Luthar e Zelazo (2003): o primeiro, se proteção e vulnerabilidade são opostas dentro de um único *continuum* ou se são qualitativamente diferentes; o segundo, se fatores de proteção (preditores de resiliência) específicos para determinados tipos de riscos são sinônimos de fatores de proteção de competência em geral. Fatores protetivos e de vulnerabilidade freqüentemente representam dois extremos de um único *continuum* (por exemplo, inteligência: um alto nível pode levar à excelência e um baixo nível pode resultar

em fracasso acadêmico). Por outro lado, alguns índices podem somente criar excelência no comportamento, mas não desordens (por exemplo, ter talento musical pode ser benéfico para propiciar experiências de sucesso, mas não ter tal talento não implica ser mais vulnerável que a média). Há, ainda, outros índices que podem gerar um efeito curvilíneo, isto é, os benefícios se encontram nos níveis mais moderados (por exemplo, ter baixa autoestima pode causar mau ajustamento, mas ter níveis excessivamente altos pode causar distúrbios de conduta).

Quanto ao segundo aspecto, está claro que fatores protetivos somente operam como tais em condições específicas de risco. Aparte isso, no entanto, Luthar e Zelazo (2003) supõem também haver uma diferença substancial entre o modo pelo qual uma criança, em condições propícias de desenvolvimento, chega a um bem-estar emocional básico e o modo pelo qual uma criança em situação de risco alcança resultados semelhantes. Ora, se o suporte e a responsividade dos pais já não se dão com facilidade em situações regulares, em situação de risco esses fatores protetivos tendem a reduzir-se significativamente, o que impõe a necessidade de influências adicionais positivas para tornar possível uma criança saudável (por exemplo, suporte da família ou de amigos, ego extremamente forte, etc.).

Os conceitos seguintes são estresse e *coping*. Segundo Yunes e Szymanski (2001), Hans Selye, em 1936, foi o primeiro a introduzir o conceito de estresse nas ciências humanas, definindo-o como uma resposta específica do corpo a uma exigência do meio. O conceito de estresse tem um componente claramente subjetivo, pois depende da percepção que o indivíduo tem de uma situação e da sua interpretação do evento estressor. Há, ainda, um componente dinâmico, implicado na relação entre o indivíduo e o seu ambiente, que torna o estresse mais bem descrito como um processo. Por outro lado, essa relação com o ambiente e os eventos da vida dá ao estresse uma condição transitória. Em um pólo diametralmente oposto está o *coping*. Pode-se definir *coping* como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais empreendidos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situação de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais (Dell'Aglio, 2000; Lazarus & Folkman, 1984). Assim, *coping* seria uma resposta que poderia funcionar como moderadora dos efeitos negativos do estresse, integrando os processos de resiliência do indivíduo. Resultados de pesquisas contemporâneas sugerem que crianças e adolescentes podem apresentar processos resilientes, ao enfrentarem eventos de vida negativos, em função da qualidade de suas estratégias de *coping* e de características de personalidade (Boekaerts, 1996; Dell'Aglio, 2000).

Outro conceito relacionado à resiliência é o de competência – sucesso diante de tarefas de desenvolvimento previstas para uma pessoa de determinada idade e gênero, no contexto de sua cultura, sociedade e época (Masten & Coatsworth, 1998). Uma controvérsia envolvendo esse tipo de definição refere-se ao fato de “sucesso” significar acordo com as normas ou expectativas sociais vigentes. Tal discurso tende a consolidar-se pelo fato de a competência ser avaliada apenas através de comportamentos observáveis. Como mostra a pesquisadora Sunya Luthar (1991), alguns adolescentes que cumprem com sucesso as normas sociais mostram significativos níveis de depressão e ansiedade. Dessa forma, sucesso e competência aqui dependem de um padrão adotado que nem sempre corresponde ao que, de fato, seria melhor para aquele jovem adolescente específico. Deve-se, pois, evitar reproduzir um discurso ideológico da resiliência, que impõe normas de sucesso escolar e social àqueles menos privilegiados e identificados como “em situação de risco”. Esse discurso patologiza os considerados “não-resilientes” e não consegue ultrapassar os limites circunscritos ao indivíduo.

Desse modo, a pesquisa a partir do conceito de processo evita a busca mecânica de fatores de risco ou de proteção que atuem como variáveis preditoras de resiliência. Deve-se investigar os processos desenvolvimentais e contextuais pelos quais os adolescentes lidam com a adversidade, enfocando a presença de fatores de risco e de proteção ao longo de seu desenvolvimento e atualmente, o porquê e como eles mantêm auto-estima e auto-eficácia, como constroem redes sociais efetivas, como se adaptam à instituição e à escola, entre outros aspectos. Proteção ou vulnerabilidade não residem na variável em si (suporte social, por exemplo), mas na interação de todas as variáveis que compõem os processos de desenvolvimento do indivíduo.

Uma das situações de risco mais visíveis e evidentes é a situação de crianças e adolescentes vivendo nas ruas. O adolescente em situação de rua tem, por definição, o lugar (ou um dos lugares) de sua morada na rua. O processo de constituição da rua como morada levanta indagações e abre um ângulo diferente, a partir do qual se pode analisar o fenômeno da resiliência. Tornar habitável um espaço inóspito, onde as pessoas apenas transitam; um espaço que os faz anônimos e desgarrados, como diz Da Matta (1987), pode ter um sentido de adaptação positiva ao risco. Ora, segundo Luthar e Zelazo (2003), a resiliência nunca é diretamente constatada, mas inferida com base em medidas de dois construtos componentes: o indicador de risco e a adaptação positiva, sendo que uma condição de vida pode ser qualificada como indicador de risco se ela está ligada a subsequente mau ajustamento. Já a adaptação positiva é um comportamento que supera as expectativas

previstas em uma dada circunstância de risco (Luthar & Zelazo, 2003). Nesse sentido, constituir a rua como morada, ainda que sempre – e inevitavelmente – precária, correlacionaria esses dois construtos satisfatoriamente, tornando pertinente à discussão de um processo de resiliência em curso.

1.5 *A população: Adolescentes em situação de rua*

Uma questão central é saber quem são os adolescentes em situação de rua, quais as suas características básicas e como costumam agir no cotidiano. Neiva-Silva e Koller (2002) estabeleceram cinco critérios para identificar uma criança e/ou adolescente em situação de rua, quais sejam: vínculo familiar, atividade, aparência pessoal, local em que se encontram e ausência de um adulto responsável. Cada um desses critérios deve ser considerado em relação aos demais, sem o que não se pode identificar adequadamente a população. O vínculo familiar refere-se à ligação e ao contato extremamente variável que a criança e o adolescente mantêm com sua família. No critério “atividade”, há uma subdivisão em dois tipos: atividades lícitas e ilícitas. As atividades lícitas englobam pedir esmola, perambular, brincar, dormir e trabalhar. As ilícitas referem-se a roubos, furtos e comércio de drogas.

Outro critério levantado é o da aparência pessoal, que vincula a observação dos aspectos exteriores (vestimenta suja e falta de higiene) a indícios de abandono e ausência de um cuidador. O quarto critério refere-se ao local onde a criança ou o adolescente se encontra: a rua. Esta é considerada, segundo Rosemberg (1996), como sendo toda via ou logradouro público externo, incluindo avenidas, praças, parques e todo espaço público ao redor de instituições comerciais, alimentícias, de lazer, entre outras.

Por fim, tem-se o critério de ausência de um adulto responsável. Tal ausência tem reflexos visíveis na aparência da criança e/ou do adolescente e torna-os também, e acima de tudo, vulneráveis aos mais variados riscos de seu meio (Aptekar, 1988, 1989; Martins, 1996).

1.6 *O contexto da rua*

A criança e o adolescente que deixam a sua casa para morar na rua instigam os pesquisadores dessa população. Alguns estudos apontam para problemas derivados de uma vida nas ruas: déficit de crescimento físico, baixa auto-estima, retardo na escola, depressão, abuso de drogas, entre outros (Lugalla & Mbwambo, 1999; Ribeiro & Ciampone, 2001). Um outro estudo afirma a natureza caótica e violenta das ruas como propícia ao sofrimento

psíquico (Raffaelli, 1996). No entanto, Panter-Brick (2002) pondera que muitos resultados de estudos que enfatizam os aspectos destruidores da vida nas ruas vêm de amostras pequenas, mal definidas e/ou não representativas dessa população.

Segundo estudos que sustentam essas críticas (Aptekar, 1989; Tyler & Tyler, 1991), as crianças e os adolescentes acham que suas condições de vida nas ruas são melhores que em casa. Ao se afastarem de uma série de circunstâncias negativas que encontravam em casa, as crianças e os adolescentes mostraram habilidade de reorganizar suas vidas, de forma produtiva e por conta própria (Aptekar, 1989; Koller & Hutz, 1996). Ao serem comparados com seus irmãos que permaneceram em casa, Aptekar (1989) indicou que as crianças e os adolescentes em situação de rua apresentaram escores maiores de saúde mental. Entretanto, mantém-se o paradoxo encontrado nas pesquisas: por um lado, mostram-se os riscos e, por outro, a adaptabilidade e o *coping* (Donald & Swart-Kruger, 1995). Assim, o importante seria focar a atenção das pesquisas nas variações encontradas dentro da própria população de rua e entender por que algumas crianças e adolescentes exibem uma série de problemas de saúde mental, enquanto outros sobrevivem mais favoravelmente (Panter-Brick, 2002).

Nesse contexto, uma questão que se põe é se os efeitos negativos da rua de fato apareceriam com o tempo. Aptekar (1988), em um estudo com crianças e adolescentes na Colômbia, aplicou três testes psicológicos para medir inteligência e funções neurológicas e emocionais. Os resultados, nas três avaliações, indicaram que as crianças e os adolescentes do estudo apresentavam um comportamento muito melhor do que se poderia esperar. Uma das razões levantadas por Aptekar (1988), para o resultado positivo, é justamente o fato de, pelo tempo passado nas ruas, essas crianças e adolescentes terem desenvolvido mais intensamente suas amizades. Koller (1994) mostrou também que o nível de julgamento moral e o raciocínio pró-social das crianças e dos adolescentes em situação de rua não diferem do de crianças e adolescentes de nível sócio-educacional baixo.

Muitos autores, portanto, têm apontado que crianças e adolescentes em situação de rua apresentam processos resilientes (Aptekar, 1988, 1989; Donald & Swart-Kruger, 1995; Koller, 1994; Koller & Hutz, 1996; Tyler & Tyler, 1991). Em um estudo desenvolvido por Tyler e colaboradores (1991), com 145 crianças de rua em Bogotá, utilizando uma entrevista estruturada e uma escala de competência psicossocial que avaliava auto-estima, confiança e expectativa de vida, as crianças que possuíam alto grau de autonomia (descrevendo ativamente suas vidas em seus próprios termos) eram muito criativas e estavam imersas em uma rede de amizade protetora e apoiadora.

Diversas pesquisas descrevem também o cotidiano dessa população, seus contatos sociais e as oportunidades de interação com objetos e símbolos (Alves et al., 2002; Aptekar, 1988; Donald & Swart-Kruger, 1995; Koller & Hutz, 1996; Martins, 1996; Tyler & Tyler, 1991). O cotidiano é marcado por atividades variadas que envolvem brinquedos, brincadeiras, exploração do ambiente, contatos sociais, observação do contexto (atenção para situações que acontecem em volta, explorando possibilidades de sobrevivência, cuidado e segurança), trabalho e atividades em geral.

Quanto às oportunidades de interação com objetos e símbolos, o estudo de Alves et al. (2002) constatou que, mesmo em um ambiente considerado inadequado e hostil ao desenvolvimento, essas crianças e adolescentes usam de modo criativo alguns objetos para brincar, como pneus, roupas etc. Referindo-se a esse aspecto, no entanto, Montoya (1994) considera que a troca simbólica estabelecida pelas crianças e adolescentes marginalizados com seu meio mostra-se limitada e inadequada, ainda que suscetível de ser alterada. Segundo seu estudo, as possibilidades da criança e do adolescente não estão sendo realizadas devido a uma ação inadequada do meio social, que impede o pleno exercício da atividade representativa e da troca simbólica. Montoya (1994) não nega que esse meio social (os outros) esteja agindo com e sobre as crianças através de expressões verbais e gestos que solicitem suas ações, mas que a forma de atuação desse meio seja a mais adequada para possibilitar precisamente a passagem da ação à representação conceitual, tão importante a todos os seres humanos.

A despeito dessas afirmações, e não as contradizendo, os estudos de Alves et al (2002), Koller e Hutz (1996) e Aptekar (1988, 1989) revelam o ambiente da rua como um microsistema efetivo para as crianças e adolescentes que nele se encontram, podendo ser identificados componentes fundamentais ao processo de desenvolvimento, como as atividades, o contato social e a continuidade temporal de tudo o que é realizado. Paludo e Koller (2004) apontam que o jovem em situação de rua está em pleno desenvolvimento como qualquer outro. Embora sua trajetória seja marcada por situações de risco e vulnerabilidade, a possibilidade de resiliência está constantemente presente, ainda que pareça ser algo “inatingível” quando focalizada nas crianças e adolescentes em situação de rua. Essa população deve ser compreendida sem idéias pré-concebidas, respeitando a sua dinâmica e diversidade, valorizando as suas experiências, expectativas, afetos e valores. A rua não deve ser percebida, apenas, como uma ameaça ao desenvolvimento dos meninos e meninas que se utilizam dela. É importante e necessário compreender a vivência da rua na sua interação entre risco e saúde, valorizando e analisando em sua totalidade as

experiências, as emoções e as habilidades desenvolvidas nesse contexto (Paludo & Koller, 2004). Assim, a rua emerge como uma paisagem complexa, cheia de contrastes e multideterminada por fatores micro, meso e macrosistêmicos.

1.7 Reflexões sobre o *habitat*/morada

Habitat é um conceito que está na base de uma série de ciências humanas, sendo, assim, dificilmente definível. Intuitivamente, o *habitat* representa uma certa realidade física. Analisando-se o *habitat* como substantivo, como determinar a extensão deste conceito? Onde é preciso parar? No apartamento urbano de um grande conjunto, no imóvel mais seu entorno social e comercial, no complexo ou região urbana de onde se partiu? Comprimindo a extensão do conceito de *habitat*, arrisca-se a introduzir aí cortes e limites puramente arbitrários. Pelo contrário, diluindo-o, é estendido ao ambiente todo. Qual, então, a função fundamental, básica, que constitui o *habitat* e cuja supressão acarretaria a sua própria, se é verdade que ele representa um produto, entre outros, das atividades humanas?

Segundo o autor Radkawski (2002), há diversas definições do conceito de *habitat* equívocas, quando procuram explicações em níveis diferentes (ecológico, econômico, religioso); ou tautológicas, que definem habitar por residir. Para este autor, *habitat* não é um substantivo, mas um termo constitutivo da relação sujeito/lugar, na qual a natureza do segundo termo é função do primeiro. Habitar é, assim, ser localizado. E localizar é estabelecer uma relação, momentânea ou permanente, entre um sujeito dado e um certo lugar. O *habitat* tem, dessa forma, uma realidade puramente funcional. Constitui o campo da presença do sujeito. Esta presença se estende ou se desenrola no espaço-tempo. O sujeito coloca sua presença em uma certa porção do espaço e do tempo, determinando o limite – e, então, a forma – espacial e temporal deste lugar, até onde e até quando se estende esta presença.

Nas sociedades atuais, o espaço habitável não mais forma um sistema concêntrico, com um só centro em torno do qual circula o sujeito. É, atualmente, um espaço entrelaçado cujos pólos constituem pontos nodais que se intercomunicam. Habitar significa aqui, antes de tudo, participar deste espaço de comunicabilidade (Radkawski, 2002).

O *habitat* é visto, pois, como um ambiente cultural formado pelas pessoas, mas que também passa a formá-las, em interação contínua. Tal suposição está baseada em Kurt Lewin (1979) e em Bronfenbrenner (2004) quando afirmam que os significados de um ambiente não dependem somente de suas qualidades concretas e objetivas. Um lugar adquire seu sentido também pelas especificidades psicológicas, ligadas ao viver e à ação de

cada um. A maneira pela qual os indivíduos atuam no ambiente influi sobre a configuração física deste. As atividades deixam sua impressão nos bairros residenciais, por exemplo, e representam as potencialidades e limites da ação individual e social.

Os traços da atividade humana sobre o ambiente, segundo Fuhrer e Kaiser (1997), inscrevem-se tanto no que é construído quanto na memória mental interna da pessoa. Concebe-se, então, a construção e seus objetos como marcas objetivas de representações subjetivas e intrapessoais, onde outros podem fazer experiência semelhante. O *habitat* regula, assim, as relações sociais em seu interior e desenvolve a identidade pessoal e coletiva de seus habitantes, cumprindo funções social e identitária, respectivamente. Partindo-se da hipótese de que o *habitat* pode representar a vivência de um indivíduo, pode-se, então, igualmente admitir que os processos que fazem esta vivência interpretam esse *habitat* e lhe conferem um sentido. Desta maneira, o *habitat* retorna à posição de representante de conteúdos psíquicos. De um lado, os processos psíquicos conferem um sentido ao *habitat* e, de outro, o *habitat* torna-se, por este meio, um fator influenciando os processos psíquicos. Essa interação do *habitat* (como portador de sentido) com os processos psíquicos (como estrutura interpretacional) constitui a função da regulação psicológica do *habitat*. O *habitat*, assim, informa sobre as intenções do outro e é, ele mesmo, vivido como um outro. Mas que processos psíquicos revestem o *habitat*? Segundo Fuhrer e Kaiser (1997), há quatro categorias de emoções na base desses processos: segurança, estimulação, autonomia e libido. A primeira delas, segurança, refere-se a uma emoção marcada pelo nível de familiaridade e proximidade trazido pelo *habitat*. A segunda, estimulação, caracteriza-se pelo caráter estranho proporcionado. A autonomia, por sua vez, designa uma emoção marcada pela competência social vivida. Por último, a libido refere-se a uma emoção dependente de estimulação sexual, de processos de maturação e de exigências pessoais (competição social) oferecidos pelo *habitat*.

Para Heidegger (2002), habitar tem um sentido simples e direto de “ser e permanecer resguardado”, o que implica, por um lado, estar livre de danos e, por outro, estar livre para a realização das próprias potencialidades. O *habitat* estaria, então, identificado, primordialmente, com os processos psíquicos da segurança e da autonomia, ou seja, proteção e promoção da saúde física e psíquica. Mas se os *habitats*/moradas constituem uma proteção contra os riscos do mundo exterior, sendo lugares nos quais é possível comer, dormir e estabelecer os contatos sociais mais íntimos, significam, no entanto, mais que isso. O *habitat* constitui parte da identidade pessoal e coletiva do indivíduo. O espaço próprio, a casa própria demandam ser constantemente alimentados pela

vida de seu habitante, alimentando-a, por seu turno. Expressam também maneiras de proceder para os que vêm de fora, regulando socialmente suas atitudes. Habita-se, assim, porque se quer mostrar a si mesmo quem se é e, aos outros, a proximidade desejada. Uma ligação tão estreita ocorre entre a pessoa e seu *habitat*/moradia que é possível se sentir à vontade onde mora e, por vezes, não. Passagens inteiras de uma vida podem ser recordadas em um pequeno recanto de uma morada, trazendo tristeza ou alegria. Mesmo quando se está diante de um lugar já pronto, impregnado de tradição e cultura alheia, ele deve receber a marca pessoal de quem o ocupa para que seja chamado de um *habitat*/morada (Fuhrer & Kaiser, 1997).

1.8 *Habitar-Morar na Rua*

Quando se diz morar-habitar, pensa-se, em geral, em uma casa. A casa é, por excelência, o lugar onde se habita. Illich (1978/1989) afirma que somente os seres humanos aprendem a habitar um espaço e o constroem de acordo com seu próprio viver. Para Figueiredo (1995), a casa é como uma parte do mundo e, no entanto, para quem a habita, é uma parte que proporciona o sentimento de abrigo e proteção. A constituição da Organização Mundial de Saúde (2001) inclui o acesso à habitação dentro do direito à saúde e, mesmo, como condição desta. Mas o adolescente em situação de rua já não habita mais uma casa. O lugar para onde vai é a rua, justamente o espaço fora dos locais de abrigo, e em cujos becos e avenidas deixa-se, cada vez mais, “de-morar-se”, até encontrar um canto para dormir, deixar seus pertences e perder a rota cotidiana de volta à casa.

Rabinovich (1996), em seu estudo descritivo sobre as habitações dos moradores de rua da cidade de São Paulo, usou uma tipologia remontando à história evolutiva da humanidade, retirando o sentido valorativo do termo evolução. Os moradores sem-casa de São Paulo são categorizados em cinco tipos: nômades, assentados, caverna, selvagens e neonômades. Os nômades caracterizam-se pelo fato de construírem algo que se poderia chamar de casa. Isto é, estabelecem uma delimitação do espaço, com a formação de um território pessoal no espaço público da rua. Essa delimitação é uma expansão além do limite do corpo, de modo que colchonetes ou meras caixas para dormir, por exemplo, ainda não são considerados “casas”. A outra denominação que interessa é a de selvagens. Estes não constroem casas, só se protegem para dormir. São os moradores da sarjeta, a maioria absoluta dos moradores de rua, que não delimita território e só possui o que podem carregar consigo (Rabinovich, 1996).

Habitar-morar, no entanto, não tem apenas um sentido de espaço físico, mesmo que esse sentido já seja amplo o suficiente para que se possa averiguar as relações da vivência pessoal de cada um com a sua moradia. Habita-se também uma língua e, dentro desta, um dialeto, uma gíria. O habitar constitui-se ainda nas próprias relações com as pessoas, enquanto estas propiciam o exercício de vínculos fundamentais de afeto e pertença. Em um sentido amplo, habita-se uma cultura. E a cultura de rua, segundo Espinheira (2004a), está impregnada, por exemplo, da cultura da prisão, entre outras, e é revelada através de gestos, palavras e códigos de conduta. Os selvagens urbanos, sem moradia física além de seus papelões – nômades que perambulam “desarvorados”: têm, mesmo assim, um *habitat*. A cidade torna-se o espaço que eles não possuem. Mas, mesmo na rua, os adolescentes procuram encontrar um canto, seja um mocó – lugar onde guardam seus pertences e/ou dormem – ou um bairro preferido. Essa é uma necessidade vital de se reconhecerem nas coisas, de estarem nessas coisas, mesmo que sejam espaços públicos aparentemente anônimos (Dos Santos, 2003). Esse reconhecimento, no entanto, facilmente se desloca de um canto a outro, acompanhando as moradas – no sentido amplo do termo – que se decompõem e se reconstróem em pontos variados da cidade e dos estados.

Ao negar sua primeira pertença a uma morada, a uma família, as crianças e os adolescentes mudam o relacionamento posterior com o mundo (Dos Santos, 2003). A transitoriedade torna-se uma marca de suas vidas e os momentos se sucedem, trazendo necessidades específicas urgentes, sobrepondo-se, muitas vezes, a uma possibilidade de projeto. E as moradas refletem essa provisoriedade, em sua inconstância e precariedade típicas. No entanto, enquanto trabalham, essas crianças e adolescentes formam um grupo de companheiros e criam referências significativas, essas crianças e adolescentes começam a se preocupar com o futuro e, assim, se desprendem, aos poucos, de um cotidiano restrito ao imediatismo. Mas a vida entregue a si mesma permanece exercendo um fascínio que é, ao mesmo tempo, atração e desilusão, força e desistência.

Dentro da abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner (197/1996, 2004), pode-se dizer que esses adolescentes fazem transições ecológicas freqüentes, isto é, migram de um ambiente a outro, e estabelecem processos proximais. E o que vai definir um microssistema enquanto tal são os processos proximais, isto é, as relações com as pessoas, objetos e símbolos que se estabelecem dentro de um ambiente (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Essas relações devem ser significativas e implicam uma certa continuidade e estabilidade no tempo. Constituir moradas seria, então, criar microssistemas e se movimentar dentro deles, sendo o microssistema um conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais

experienciados pela pessoa em desenvolvimento, em um ambiente específico; e transição ecológica, o movimento de um microsistema a outro. Está-se admitindo, assim, que as crianças e os adolescentes têm um tempo mínimo para tornar significativas suas relações no espaço físico e social da rua, constituindo processos, construindo as suas histórias e se caracterizando como pessoas.

As moradas nas ruas são também um processo de ocupação de espaço pelos excluídos da sociedade, quando as favelas tornam-se inacessíveis. Nesse modo de vida, dois aspectos, igualmente significativos, são apontados por Rabinovich e Pasternak (2004): de um lado, a compreensão dos sem-casa como um produto de um contexto social, econômico e político que produz e reproduz a exclusão social; de outro lado, tenta-se entender esses atores sociais como sujeitos que agem através de um modo e sentido singulares. É possível, assim, perguntar se os “sem-casa” poderiam ser vistos como produto de uma cultura de resistência, representando uma experiência que subverteria valores de privacidade e trabalho, ou se fariam parte, como pólo oposto, dessa mesma ordem individualista moderna. A existência dos sem-casa, das crianças e adolescentes em situação de rua, nasce de questões radicais referentes à pobreza e à ordem social (Rabinovich & Pasternak, 2004). Há várias razões, para Espinheira (2004a), que levam uma pessoa a morar na rua. Podem ser citadas, entre elas, migração, violência doméstica, perda de moradia, etc. Em todos os motivos, um ponto em comum emerge: são situações de falência geralmente correlacionadas ao empobrecimento. A pobreza deteriora as relações humanas, transformando-se em um sentimento objetivo e subjetivo de completa falta e propiciando um dos mais importantes ciclos de violência (Espinheira, 2004a).

Mas o morar na rua é um fenômeno que existe no mundo todo e não se restringe à condição dos supostos moradores ou meninos(as) de rua. Um bom exemplo disso são alguns aposentados que passam o dia inteiro na rua, em praças, jogando dominós, entre outras atividades (Espinheira, 2004a). Essas pessoas, ao saírem para as ruas, apresentam uma tendência natural a agruparem-se, formando redes de apoio entre si. Na rua, crianças e adolescentes brincam, comem, ganham dinheiro, entram em contato com a experiência sexual, dentre outras atividades. Sendo assim, morar na rua não é tão diferente, em certos aspectos, de morar nos bairros de periferia. Em alguns casos, morar na rua é melhor do que morar em casa, dada a incidência de crimes nas redondezas e de abusos físicos e sexuais intrafamiliares (Rabinovich & Pasternak, 2004). Os moradores de rua são migrantes de seus bairros, mas quando a própria rua torna-se inviável, eles buscam outras saídas, e uma delas é a volta para casa.

Espinheira (2004a) diz, também, que a grande concentração de crianças e adolescentes em situação de rua dá-se nos chamados bairros cosmopolitas. Esses bairros estão, geralmente, associados a lugares turísticos ou a espaços onde a riqueza circula e se deixa apanhar, como migalhas. Os centros das cidades, por exemplo, costumam ser muito freqüentados. Nesses lugares, estabelece-se uma convivência independente e anônima, além de haver oferta de trabalhos informais. As pessoas que freqüentam esses lugares transitam por restaurantes e adjacências, enraizando-se no lugar, e passam a conhecer-se e a reconhecer os mendigos, os loucos de rua e os meninos que por ali passam ou estabelecem uma morada. Esse reconhecimento desdobra-se, muitas vezes, em ajuda alimentícia ou financeira, e respeito mútuo (Dos Santos, 2004). Como, então, trocar as ruas desses bairros, cheias de atrativos e possibilidades, pelas ruas de bairros periféricos, violentos e sem infraestrutura onde se localizam suas casas de origem? Segundo Espinheira (2004a), as ruas mais próximas de casa oferecem mais perigo, algumas delas sendo zonas intensas de tráfego, e outras, pontos de extermínio. Grande parte da violência ocorre entre conhecidos, e não muito longe de casa. Os meninos mantêm-se, assim, a alguma distância de seus lugares de origem, nos cartões postais das cidades e naqueles bairros e ruas onde todos olham e são vistos, e esses olhares cruzados tornam-se uma rede protetora invisível.

Mesmo assim, a rua continua sendo um lugar violento. Os riscos são permanentes, principalmente à noite e, ainda mais, quando eles estão dormindo. Dentre os riscos principais, estão os de ser incendiado, roubado e estuprado. A prática de incendiar moradores de rua é muito freqüente e surgiu bem antes do trágico incidente com o índio Pataxó, em Brasília (Espinheira, 2004a). Essas práticas demonstram a completa anulação do outro, a ponto de reduzi-lo a cinzas. Em alguns centros, descem grades das lojas, impedindo a aproximação dos moradores de rua. As praças também estão sendo gradeadas. Em decorrência disso, um dos tipos de violência ocorre, justamente, pela disputa de espaço (Dos Santos, 2004).

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. *Delineamento:*

Neste estudo foi adotada uma metodologia qualitativa, a partir de um delineamento de estudos de caso múltiplos (Yin, 2004) e da proposta de inserção ecológica (Cecconello & Koller, 2003). A pesquisa qualitativa é o desenho metodológico que mais atende aos propósitos dessa pesquisa, na medida em que, segundo Godoy (1995), tem no ambiente natural sua fonte direta de dados e, no pesquisador, seu instrumento primordial de análise e interpretação. Isso significa que, para a pesquisa qualitativa, um fenômeno só é bem compreendido se for analisado dentro do contexto no qual está inserido e do qual é parte integrante. O pesquisador, nesse delineamento, encontrará, em si mesmo, o instrumento mais adequado de observação e interpretação dos fenômenos em estudo. Outro ponto favorável é que, na pesquisa qualitativa, o significado atribuído aos fatos da vida e à própria vida é compreendido a partir da perspectiva dos participantes da pesquisa. Assim, com o estudo qualitativo, pretendeu-se captar significados, motivos, atitudes e crenças, que se expressam nas diversas linguagens da vida cotidiana.

De outro lado, através da inserção ecológica, buscou-se dar, a essas linguagens, a naturalidade e a vivacidade, obtidas a partir de um vínculo e de uma interação contínua entre pesquisador e participantes do estudo. A inserção ecológica é uma estratégia metodológica baseada na Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (2004) que permite uma investigação aprofundada por observação naturalística (Cecconello & Koller, 2003). A interação no ambiente ecológico onde vivem as pessoas, com visitas frequentes, observações, conversas informais e entrevistas possibilita uma maior validade ecológica dos dados obtidos.

A inserção ecológica envolve a sistematização e operacionalização dos quatro aspectos da teoria ecológica: a Pessoa, o Contexto, o Tempo e os Processos (Cecconello & Koller, 2003). A Pessoa envolveu a presença física da pesquisadora e de sua equipe nas ruas e nos bairros da família de origem dos participantes. As características do ambiente foram trazidas a partir do confronto entre as perspectivas da equipe de pesquisadores, dos participantes e das pessoas que com eles interagem diariamente, como amigos, vendedores e familiares. Os componentes da equipe de pesquisa participaram, por inserção no contexto, das atividades diárias dos adolescentes em situação de rua, o que possibilitou uma análise mais acurada do contexto em que eles vivem. É importante assinalar que esse contexto se

refere sempre à experiência dos adolescentes do seu ambiente ao redor, conforme assinalou Bronfenbrenner (2004). O micro e o mesossistema foram incluídos na análise a partir da vivência diária da equipe nas ruas por onde os adolescentes circulavam, nos locais onde conseguiam comida e se divertiam, no bairro das famílias de origem e nas escolas que, ocasionalmente, freqüentavam. O exossistema foi incluído através dos relatos dos adolescentes sobre a influência em suas vidas de ambientes não freqüentados diretamente por eles. O macrosistema surge, nas análises, através da percepção da equipe e de pesquisa bibliográfica sobre o modo de vida dos adolescentes em situação de rua, assim como de seus valores e crenças impregnados da cultura na qual estão todos inseridos (pesquisadora, equipe de pesquisa e meninos). O Tempo envolveu o acompanhamento diário dos adolescentes, durante três meses consecutivos e, também, a metodologia adotada que, mesmo sendo transversal, reportou-se, a partir do momento atual dos adolescentes, às suas histórias passada, presente e futura. O Processo perpassou toda a pesquisa, através da interação dos pesquisadores, dos participantes, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato dos adolescentes.

O delineamento de estudos de caso múltiplos (Yin, 2004) preocupa-se com a compreensão do caso em si, e não com a generalização para além dele. O estudo de caso múltiplo, em específico, investiga os casos, semelhantes ou contrastantes, para compreender um fenômeno, uma população ou uma condição geral, considerando o contexto em que ocorrem os casos e uma multiplicidade de variáveis envolvidas no mesmo. Mas, segundo Yin (2004), o número de casos supostamente necessários ou suficientes para um estudo, não deve ser determinado por uma lógica de amostragem comum aos estudos quantitativos. Essa decisão é tomada segundo o número de replicações de casos julgado necessário para o estudo – que corroboram ou contradizem a teoria adotada. Assim, entendeu-se que um estudo aprofundado de dois casos, considerando seus contextos de inserção, possibilitaria uma maior compreensão do processo de resiliência à luz da constituição da rua como um habitat. Nesses estudos de caso, a fala dos dois participantes tornou-se reveladora das condições estruturais, dos sistemas de valores e crenças pertencentes a um grupo maior, dos adolescentes em situação de rua em geral. E, por meio desses porta-vozes, representações desse grupo historicamente determinadas e com condições sócio-econômicas específicas foram particularizadas.

2.2 *Participantes*

Participaram do estudo dois adolescentes, um com 12 anos e o outro com 13, que viviam em situação de rua, caracterizados de acordo com a descrição de Neiva-Silva e Koller (2002). Esses adolescentes faziam parte de um grande grupo, o grupo da Barra, que era subdividido em dois: os que ficavam ao lado do mar e os que ficavam do lado oposto. O primeiro menino fazia parte do grupo dos que ficavam ao lado do mar. O segundo freqüentava mais o grupo do lado oposto, mas não se pode dizer que fazia parte deste, pois perambulava muito por toda a cidade. Esse último participante foi encontrado apenas depois de terminado o trabalho com o primeiro. Todos eles foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: a) que se encontrassem em situação de rua há pelo menos um ano; b) que tivessem entre 11 e 18 anos; c) que aceitassem a participação da equipe em seu dia-a-dia; e, d) que se dispusessem a conversar durante os encontros. Nesse trabalho, os participantes serão chamados por nomes fictícios: Bigão e Mário.

2.3 *Contextualização*

Aqui é dedicado um espaço razoável à história da construção das moradias na cidade, descrevendo o surgimento das invasões, o superpovoamento e pauperização dos bairros, com o decorrente surgimento dos subúrbios, tentando-se mostrar, assim, a macro história dessas moradias, penetrando e recriando a micro história dos meninos em situação de rua

A cidade: Salvador

“As cidades são, como todo processo social, tanto fruto do passado como projeção do futuro: dois pólos entre os quais é preciso entendê-la” (Brandão, 2002).

Salvador já surgiu como capital do Brasil e sob o signo da contradição. Cidade fortaleza e portuária, foi delineada em dois andares: Cidade Alta e Cidade Baixa. Abraçada pelo mar azul, subindo e descendo ladeiras, encostas e cumeadas, exibindo antigos casebres, ou atuais barracos, caixas de tijolos expostos escurecidos pela miséria e servindo de morada, este é o cenário visível da cidade de Salvador. Prédios, casas e condomínios de luxo em ilhas de bem estar, cercados e observados pelo mar das habitações populares, marcam a paisagem pelo contraste evidente.

De longe, vistos do mar ou do alto, os recortes da enseada, falam de um passado de economia exuberante quando Salvador era a capital mais importante do Atlântico Sul, até a libertação dos escravos e Proclamação da República, no século XIX. Quatro séculos de pujante economia e prestígio político. Um intrincado de redes tecidas e superpostas pelo

tempo, pela história de povo mestiço, emaranhado de raças, religiões, cultura. Talvez conhecer Salvador seja fugir do Centro Histórico, hoje maquiado e glamourizado para turista ver. A cidade possui, de fato, grandes tradições e natureza privilegiada. Mas a crítica cultural contemporânea demonstra como a redução de amplos fenômenos sociais, históricos e culturais a simples atrativos turísticos, é nociva. A tendência de fazer convergir turismo e cultura privilegia o olhar do outro, vindo de fora, que busca exotismo e transforma em pitoresco a herança cultural (Fernandes, 2002).

Quando se chamou Salvador de “Roma Negra”, sendo observado o bom trato inter-racial na cidade, havia, certamente, uma referência à paz urbana que Brandão (2002) detectou nos inícios do século XX, até a década de 40. Mas a Cidade da Bahia, Salvador, é desigual e conflituosa (Espinheira, 2004b). Desigual e conflituosa na estrutura social, quando esta é retirada da cultura afro-luso-india de cinco séculos de existência. A demarcação de fronteiras entre as estruturas social e cultural permite verificar, com mais nitidez, os conflitos e desigualdades subjacentes ao domínio da cultura ampla, difusa, simbólica, transformada em mercadoria da indústria lúdico-turística.

Na verdade, em tecitura intrincada, as relações de ordem social, política, econômica, religiosa e cultural deixam transparecer, em cada época histórica, aspectos conflituosos ou pacíficos, a depender da justa distribuição ou não dos bens de todo tipo produzidos pela sociedade ou por ela simbolicamente construídos. Nesse sentido, os meninos e meninas em situação de rua surgem como um aspecto possivelmente conflituoso dessas relações. Descendentes, talvez, dos antigos capitães de areia de Jorge Amado, hoje despidos de todo romantismo ingênuo, permanecem, contudo, providos de uma certa inocência que teima em persistir e resistir.

A Salvador atual e seus bairros

Sem pretender defini-la em palavras ou números, Salvador é considerada hoje, pelos economistas, como uma cidade terciária que oferece serviços. É, também, cidade dormitório para os trabalhadores da região Metropolitana (RMS), onde se instalaram os grandes complexos industriais petroquímicos, automobilísticos, etc. Esses trabalhadores gastam os seus salários na economia soteropolitana, que concentra 40% do PIB baiano Mas Salvador é pobre: 51% da população ganham menos de dois salários mínimos, 10% R\$ 1.500,00 e apenas 3% ganham mais de R\$ 3000,00 (Avena, 2002). A pobreza é disfarçada pela existência de forte rede solidária e do mercado informal. Tal mercado, por sua vez, é permeado pela economia do lazer e do carnaval que se espalha, atualmente, por quase todos os dias do ano. Os baianos trabalham para os turistas de fora e de dentro do país apreciarem

e gozarem as festas. Mas também, eles próprios, aproveitam as festas e, no carnaval, pulam ao lado das cordas dos blocos de trio que privatizaram o espaço das ruas. Como simples seguranças de blocos, vendedores ambulantes ou foliões à margem das festas que ocorrem dentro dos blocos e camarotes, os baianos pobres, mestiços ou negros se projetam, às vezes, como astros de um espetáculo turístico no qual a cidade é exposta como um produto.

A festa, como componente do chamado caráter baiano, pode ser simbolicamente compreendida a partir da interpretação que Cascudo (2000) propõe das brincadeiras dos filhos dos escravos. Segundo o folclorista, a única forma de fugir, ainda que metaforicamente, da escravidão era o jogo, as festas, o batuque, as danças. As festas, como o brinquedo dos negrinhos, são formas de liberdade, tensão e distensão que marcaram profundamente o modo de ser do baiano (Espinheira, 2004b). Era já a resistência de uma cultura se manifestando, através da qual os grupos encontram modos de se protegerem e propagarem o que é valoroso e central para a sua sobrevivência, a chamada resiliência comunitária (Soon & Fisher, 1998).

A cultura de origem africana impôs-se e atravessou o século, penetrando paulatinamente na vida baiana. A religião do chamado povo de santo, antes perseguida até policialmente nos terreiros de candomblé, passou a ser elemento marcante e valorizado da baianidade que se pretende expor. A cidade e os seus habitantes, pois, mudaram, trocaram de lugar, de moradia e de forma de ser através do tempo. O centro passou a ser periferia e vice-versa. As pessoas de Salvador migraram de um lado para outro, cresceram e se multiplicaram. Viraram as costas para a Baía de Todos os Santos e se debruçaram sobre o Atlântico. Cortaram e criaram laços. Desligaram-se do recôncavo histórico, mas criaram o recôncavo petrolífero. Ligaram-se a Camaçari, Candeias, Simões Filho e formaram a Região Metropolitana de Salvador (Avena, 2002).

Hoje Salvador é a terceira capital do país em população e subiu no *ranking* nacional da violência para o 7º lugar. Apresentou um índice de 61,83% de população abaixo da linha de pobreza, figurando como a de pior situação entre seis metrópoles brasileiras analisadas: Salvador, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (Avena, 2002). 15% dos habitantes de Salvador continuam analfabetos, mas os meninos em situação de rua sabem dizer *good morning* e exibem a sua mestiçagem de olhos verdes e pele escura, como um dos casos desta pesquisa. A moradia deixou de ser casebre e o povo de baixa renda passou a “bater lage” em barracos que superpõem andares de tijolos sem reboco e sem pintura, balançando nos morros. Os vales deixaram de ser verdes e os rios se poluíram. As encostas nuas tremem e desabam nos temporais. O tempo tornou ultrapassada a próspera

economia açucareira, baseada no braço escravo e na navegação através da Baía de Todos os Santos, que exportava o açúcar para o interior do Brasil ou para o resto do mundo. Floresceram depois a lavoura e a indústria fumageira e, em seguida, a economia petrolífera, petroquímica, automobilística. Ciclos econômicos que se sucederam e fizeram trocar de lugares ou de mãos os moradores, as riquezas, as pobreza, o poder.

O tempo é dimensão de mudança e fluidez. Hoje existe uma aparente harmonia reinante que não chega a ser paz urbana. Essa harmonia é feita através de acordos tácitos, pelos quais cada qual reconhece e assume seu lugar (Espinheira, 2004b). A indústria turística permitiu um intercâmbio dos representantes e entidades dos negros com instituições governamentais. Artistas e intelectuais negros se sobressaem, sugerindo uma extensão do prestígio às suas etnias, o que, entretanto, não acontece. A violência que explode, nos assaltos e nas balas perdidas, desmente a harmonia. Bandidos e policiais às vezes se misturam, em embates cotidianos. Mas a violência também nivela a todos, vítimas, pobres e ricos que se escondem atrás das grades, seja em prédios ou condomínios luxuosos, seja em bairros populares periféricos.

Houve, anteriormente, na região metropolitana de Salvador, um processo crescente de ocupação urbana na borda da baía de Itapagipe (subúrbio) e na direção sul até a Barra (Gordilho, 2002). As moradias no Centro, com os sobrados transformados em cortiços ou prostíbulos, com os seus becos e avenidas invadidos, esgotaram-se. Os loteamentos iniciados no Subúrbio Ferroviário ficaram vazios pela ausência de poder de consumo dos possíveis compradores. Quando, enfim, a crise habitacional é instalada, o impasse é resolvido pela solução das ocupações coletivas, chamadas “invasões”. “Invasão” é o termo que se popularizou para designar áreas de habitação popular que se formaram ou cresceram por ocupação direta e, sobretudo, de forma coletiva, iniciada por famílias sem recursos e sem moradia, à revelia do proprietário fundiário e sem qualquer forma de comercialização do título de uso do solo (Correia, 2002). Bairros pobres se multiplicaram, graças às invasões.

Bairros antes considerados de elite hoje se degradam, como a Barra, infestada de turistas que, muitas vezes, exploram sexualmente as crianças e os adolescentes pobres que ali circulam. Itapuã, centro antigo de pescadores, depois lugar de veraneio ou moradia distante, com belezas naturais que atraíram Vinícius de Moraes e Juca Chaves, hoje serve de dormitório para crianças e adolescentes abandonados em muitas de suas ruas e praias. E o antigo bairro do Comércio, com casarões senhoriais desabando, acolhe mendigos de todas

as idades, nômades cujo destino certo é a rampa do Mercado, antigo escoadouro marítimo das riquezas da Bahia, ou as casas de prostituição da Ladeira da Montanha (A Tarde, 2002).

A Fazenda Coutos, no Subúrbio Ferroviário, com vista privilegiada das enseadas da Baía de Todos os Santos, é exemplo característico de bairro popular de Salvador, densamente povoado, com moradas precárias, esgotos a céu aberto, famílias pobres, negras ou mestiças, desempregadas ou subempregadas, chefiadas em grande parte por mulheres geradoras, em série, de meninos e meninas que ao longo de suas vidas se identificarão como em situação de rua, em busca de novos horizontes. De fato, “tanto o morador como a cidade são feitos de tempo e percorrem um itinerário de mudanças contínuas...” (Espinheira, 2004b, pg 27).

Dados atuais de Salvador e sua relação com a situação de rua

No início da década de 80, a proporção de indivíduos entre zero e 17 anos cresceu significativamente em relação à população geral do estado da Bahia. O processo de urbanização acelerado pelo qual passou a cidade de Salvador nessa época atraiu a população da área rural, aumentando o contingente de crianças e adolescentes vivendo na cidade. Esse contingente urbano da capital rapidamente ultrapassou aquele registrado em outras zonas do estado. Mas o dado mais relevante se refere ao número de crianças e adolescentes pertencentes às famílias de baixa renda. Esse número, segundo o Censo Demográfico de 2000, dava conta de que 62,8% das crianças de zero a 6 anos viviam em lares cujo rendimento mensal era de até um salário mínimo (IBGE). Outro dado importante do IBGE (2000) refere-se à parcela expressiva das crianças e adolescentes indigentes que residem em lares chefiados por mulheres (15,5% no estado da Bahia). Na região metropolitana de Salvador (RM) tal fato se agrava, indo para 19,5%, segundo dados publicados pelo censo do IBGE, em 2000. Quando se considera apenas os mais pobres, amplia-se a proporção dessas famílias, sendo atingido um percentual de 32,7% na RM. Essa situação é significativa, pois, no Brasil, o nível de rendimento das famílias chefiadas por mulheres é bem inferior ao das famílias chefiadas por homens. Espelha-se, assim, nos indicadores sociais, na Bahia, um quadro onde os índices de pobreza e exclusão são acentuados e contrastam com a riqueza e modernização geradas pela evolução de sua economia (IBGE, 2000).

Outro dado que merece atenção é o que se refere ao trabalho infanto-juvenil. No estado da Bahia, é a idade, e não a cor, a variável que mais afeta o grau de participação no trabalho da população em questão. Quanto mais velha a criança, maior se torna sua inserção na atividade produtiva. Já na região metropolitana de Salvador, as diferenças no grau de

participação ocorrem em função da cor, e essas diferenças são bastante pronunciadas. Assim, enquanto 20% das pessoas entre 10 e 14 anos de cor preta são economicamente ativas, a taxa de atividade de crianças de cor branca é inferior a 5%. Na mesma faixa etária, os de cor parda alcançam 7,5%. Ainda na região metropolitana de Salvador, verifica-se que a maioria quase absoluta dos que começam a trabalhar antes dos nove anos é de cor preta ou parda, 96% entre os homens e 85% entre as mulheres (UNICEF, 2001). Dessa forma, pode-se esperar também que os índices das crianças e adolescentes que não estudam, porque trabalham ou que combinam estudo com trabalho, é bem maior entre os de cor preta e parda. E assim é: os números mostram uma taxa quatro vezes superior ao daqueles de cor branca. O serviço doméstico é o destino, por excelência, da mulher pobre na região metropolitana, enquanto os meninos têm um leque de ocupações mais amplo, indo desde os serviços mecânicos, trabalhos braçais até pequenas atividades na rua, como lavagem de carro, estacionamento, vendas, etc. A remuneração, no entanto, é bem abaixo de um trabalhador adulto, mesmo essas crianças e adolescentes cumprindo horários extenuantes e semelhantes aos daquele (UNICEF, 2001). O quadro que emerge desses dados do trabalho infantil mostra, principalmente, a situação fortemente desfavorável da população negra da região metropolitana de Salvador, que se vê aprisionada em um círculo perverso de pobreza gerando mais pobreza. As possibilidades de ascensão social através do estudo são barradas pela precariedade das escolas públicas e pela necessidade emergencial de participação em atividades produtivas. Não é à toa que as crianças e adolescentes em situação de rua, nessa região, são também de maioria negra e parda.

A configuração diversa da comunidade provocada pela extrema miséria constitui um dos problemas que mais contribuem para o agravamento da situação de crianças e adolescentes de famílias muito pobres, que buscam as ruas como alternativa de vida (Pimenta & Guerreiro, 1996). A migração, o desemprego, o subemprego, o trabalho intermitente e as precárias condições de moradia são alguns dos traços em comum que possuem as famílias das crianças e adolescentes em situação de rua (Rodrigues, 2001). Mas é importante perceber que não é o empobrecimento em si que contribui para a ida às ruas, mas os fatores que desarticulam a comunidade. É a comunidade, além da família, o eixo através no qual giram as crianças e os adolescentes. Segundo Fonseca (1999), a maioria das crianças de comunidades de baixa renda vive entre lares de vizinhos e familiares mais distantes. Não faz sentido, portanto, falar-se em desestruturação familiar ou família incompleta, tendo como referência a família nuclear da classe média. Os laços comunitários é que são a garantia de sobrevivência e socialização das crianças e adolescentes da

população de baixa renda (Rodrigues, 2001). Se o fator econômico medeia todo o processo de ida às ruas, não é, no entanto, a sua causa mais direta nem única.

Meninos e meninas em situação de rua em Salvador

Há registro da presença de crianças nas vias públicas de Salvador desde a década de 1820 (Rodrigues, 2001). Nessa época, os meninos formavam “quadrilhas” e enfrentavam a ordem vigente. Hoje, as crianças e adolescentes não possuem essa organização formal nem estão imbuídos de um sentimento de contestação, mas, mesmo assim, forçam as instituições públicas a se articularem em sua direção (Rodrigues, 2001). No levantamento de 2003, feito pelo CEBRID (Noto, Galduróz, Nappo, Fonseca, Carlini, Moura, & Carlini, 2003), a amostra de crianças e adolescentes em situação de rua estudada em Salvador apresentou características semelhantes às amostras das outras capitais do país, diferenciando-se pela proporção de jovens que relataram passar mais horas/dia (88,7% ficavam seis ou mais horas/dia) e estar há mais tempo em situação de rua (34,7% há mais de cinco anos).

De “capitães de areia”, isto é, do domínio das praias, os meninos e meninas em situação de rua, em Salvador, passam a ocupar os espaços urbanos, principalmente os de grande circulação de pessoas, os bairros comerciais e turísticos. Se antes permaneciam em um território determinado, atualmente tendem a perambular através dos transportes coletivos. Mas, ainda assim, Rodrigues (2001) chama atenção para o fato de ser a apropriação contínua de um espaço determinado e a ação coletiva de meninos e meninas de rua o que lhes confere certa identidade grupal e social, mesmo que outros elementos presentes na rua (como as interações com os demais atores sociais) contribuam para formar essa identidade.

No entanto, se a rua – e o bairro no qual ela se situa – é o *locus* ordenador do cotidiano e da identidade desses meninos e meninas, a circulação entre casa, instituição e rua é o modo de vida adotado, de fato, pelos mesmos (Gregori, 1997; Neiva-Silva & Koller, 2002). Ainda que uns não tenham sequer casa para retornar, como foi o caso de um dos participantes desta pesquisa, sua vida não se fixa à rua nem ao bairro dessa rua, mas tende a circular entre instituições e ruas. Tal forma de viver tem raízes no próprio comportamento da população de baixa renda, que expande seus domínios para os vizinhos e as ruas, e não tem limites precisos entre o público e o privado (Gregori, 1997).

Todo bolsão de pobreza expulsa as pessoas e é produtor de crianças e adolescentes em situação de rua. Hoje o maior bolsão de pobreza existente em Salvador é o Subúrbio Ferroviário, onde fica a Fazenda Coutos. Do subúrbio, toma-se ônibus direto para a Barra, Pituba e Iguatemi, bairros de Salvador. Em parte, isso explica a afluência de meninos para

esses bairros. Mesmo assim, os grupos de meninos em situação de rua se distribuem de maneira aleatória por Salvador. Não há uma lógica geográfica em suas preferências por esse ou aquele bairro. Existe apenas uma obediência às estações climáticas, aos ciclos de festas, ao movimento de turistas, ao tráfego de pedestres e aos percursos dos transportes públicos.

No verão, a concentração de meninos em situação de rua se localiza, sobretudo, na Barra, por ser um bairro que atrai turistas, possui zonas de tráfico de drogas e prostituição, além de estar próximo de *shopping* e zonas comerciais. Mas há também o Iguatemi, o Comércio, o Pelourinho, com características semelhantes, que os atraem nessa época do ano. Quanto às festas, a que mais concentra crianças e adolescentes em situação de rua é a de São Cosme e São Damião, na Igreja da Piedade, principalmente. Nesse dia, os meninos chegam a comer oito pratos de comida oferecidos pelas senhoras nas diversas igrejas por onde perambulam (Ataíde, 1990).

O bairro da Barra passou por uma grande transformação, devida, entre outros fatores, à apropriação desencadeada pelos meninos e meninas em situação de rua. Tal fato foi noticiado no jornal *A Tarde*, em 1997. Segundo este jornal, já se vai o tempo em que a Barra era um ponto turístico, freqüentado somente pela classe média alta e por integrantes da intelectualidade baiana, que marcaram, em alguma época, aquele lugar. O local, agora, diz o jornal, transformou-se em parada de prostitutas, de pivetes, de mendigos e de usuários de drogas (*A Tarde*, 1997).

Mesmo havendo motivos de ordem prática na preferência dos meninos pela Barra, nota-se entre eles uma adoração incontida pelo bairro. Rodrigues (2001) relata, em seus mais de 10 anos como educadora de rua, na Barra, o quanto os meninos e meninas que ali circulavam, apesar de todas as dificuldades, expressavam uma espécie de felicidade dificilmente compreendida por um observador de fora. O lugar aprazível, a possibilidade de fazer o que lhes dá na cabeça, o descompromisso com deveres sociais próprios à idade e até mesmo algumas drogas, pareciam atrair-lhes mais do que uma suposta segurança que a casa proporcionaria. Um de seus entrevistados disse achar a Barra maravilhosa e gostosa, um lugar onde ganhava e fazia tudo o que queria; outro disse que sofria muito, era discriminado e acusado em casa, mas na Barra se distraía e brincava (Rodrigues, 2001). Um dos participantes de nossa pesquisa chamou a Barra de paraíso. Mas, como lembra Craidy (1998), a rua tem muros visíveis e invisíveis, interdições e espaços delimitados. Um dos participantes desta pesquisa, sem família de origem, instalado na rua desde os cinco anos, sonhava com um lugar onde, além de fazer o tratamento que lhe livraria da submissão às drogas, teria um travesseiro e uma cama “quentinha”.

A Barra abriga meninos e meninas de vários lugares do Subúrbio Ferroviário e das favelas próximas, oscilando entre a faixa etária de cinco a doze anos, sendo 70% do sexo masculino (Ataíde, 1990). Existem alguns pontos-chave na Barra: o Porto da Barra, o Farol da Barra, a passarela e o Cristo. No Porto, está a zona de tráfico de drogas e prostituição. Os meninos e meninas, geralmente, dirigem-se para lá em busca de uma das duas possibilidades. No Farol, é onde ocorre a exploração sexual por turistas. A passarela, por sua proximidade com o *shopping*, oferece aos meninos chances maiores de furto e mendicância. Já no Cristo, o atrativo está no trabalho desenvolvido na sinaleira. Mas o mesmo menino que trabalha na sinaleira do Cristo, pode roubar na passarela, consumir drogas no Porto e ser comercialmente explorado por um turista no Farol. Frequentemente, assim o faz.

O grupo do Cristo – Verão de 2005

No verão de 2005, o grupo, do qual fazia parte os participantes dessa pesquisa, localizava-se no Cristo da Barra e se subdividia em dois: os que ficavam ao lado do mar, perto de um módulo policial, e os que ficavam do lado oposto ao mar, à sombra de uma grande amendoeira. Quase todos os meninos dos dois grupos provinham da Fazenda Coutos. Em cada um dos lados há sinaleiras, onde se localizam estrategicamente os meninos com seus malabaris.

O subgrupo do lado oposto ao mar era mais numeroso, totalizando, às vezes, sete meninos e duas meninas menores de sete anos, irmãs de dois dos meninos. Esses meninos faziam uso mais freqüente e intenso de drogas e atos ilícitos (como roubos) do que os meninos que se localizavam ao lado do mar, segundo informaram as educadoras do Projeto Axé e foi constatado pela equipe desta pesquisa. Havia entre eles um intenso contato com o candomblé. Dois dos meninos recebiam entidades e as manifestavam em plena rua, apresentando o tom de voz, maneira de andar e olhar modificados. No geral, seus corpos tornavam-se curvados, os olhos virados e a voz rouca. Quando tal fato ocorria, os demais vinham cumprimentar a entidade em questão, pedindo-lhes conselhos. Alguns tinham medo e se afastavam. O contato com o candomblé transparecia também na maneira como se expressavam no dia-a-dia. Quando, por exemplo, ocorria um desentendimento entre eles e as educadoras do Projeto Axé, eles diziam: “*xô, urucubaca*”, “*elas não têm sangue bom*”. Os meninos desse sub-grupo apresentavam também pouca disposição em trabalhar com as educadoras do Projeto Axé, estando mais interessados em ganhar dinheiro nas sinaleiras. Frequentemente, envolviam-se em problemas entre eles mesmos ou com outras pessoas com quem interagiam.

O sub-grupo ao lado do mar parecia uma dissidência velada do grupo do lado oposto. Liderados por Bigão, um dos participantes dessa pesquisa, todos manifestavam insatisfação com o comportamento agressivo e o envolvimento com drogas dos meninos do outro lado. Mas era comum, no entanto, circular entre os dois espaços da rua. Faziam parte desse sub-grupo cinco meninos de sete a doze anos, sendo que, às vezes, mais três ou quatro vinham se juntar a eles. Eram meninos mais acessíveis às investidas das educadoras do Projeto Axé e dos próprios pesquisadores, gostavam de brincar e, frequentemente, passavam horas jogando gude, empinando arraia, jogando capoeira e caindo na água do mar. Dedicavam-se a fazer uma apresentação de malabaris mais esmerada e conquistavam, com facilidade, a simpatia dos motoristas, dos pedestres, dos turistas e até dos policiais. Com rapidez, acumulavam dinheiro, mas também gastavam com água de coco, picolé, coxinha, balas, etc., sempre oferecendo os quitutes aos educadores e pesquisadores.

Os meninos desse sub-grupo possuíam familiares e retornavam, com alguma regularidade, às suas casas. O menor deles, no entanto, estava cada vez mais se desligando dos laços familiares e fazendo uso do cigarro, pelo que se pôde averiguar. Era também o que mais atravessava a rua e se relacionava com os meninos do outro sub-grupo. Apesar de terem contato com o candomblé, havia em alguns deles uma notável influência da igreja evangélica. Versículos bíblicos eram lembrados, palavras do pastor proferidas com entusiasmo. Os valores cristãos imiscuíam-se em algumas de suas falas. “*Ninguém é dono de nada*” e “*só se leva o amor dessa vida*” eram algumas das frases que repetiam como um chavão, mas também com forte dose de emoção pessoal. O que lhes era dito nas igrejas fora apropriado e reaproveitado no contexto de suas vidas.

2.4. *Instrumentos*

Foram utilizados os seguintes instrumentos para a coleta de dados: diário de campo, entrevista e cartaz. O cartaz – criação da pesquisa – incorporou técnicas já existentes, como desenho, colagem e narrativa. Todos os instrumentos da pesquisa foram adaptados às necessidades de uma abordagem temporal, que se desdobrou em passado, presente e futuro, tentando-se, assim, captar fenômenos em sua dinamicidade natural, apesar dos limites impostos por uma pesquisa transversal.

2.4.1 *O diário de campo*

O diário de campo é um instrumento oriundo da antropologia. Sua utilização aqui, como instrumento de trabalho, é justificada pela necessidade de captação íntegra do evento

em suas dimensões espacial e temporal. Preserva-se, no convívio diário, o evento como o momento de um processo dinâmico e vivo. O diário de campo possibilita também a contextualização do fenômeno investigado, inserindo o sujeito-pesquisado em um quadro cultural existente, um entorno ambiental, paisagístico, regulador da subjetividade do entrevistado, que se encontra – e se confronta – com o pesquisador. É contornada, dessa forma, uma questão, suscitada nos anos 80, que criticava a forma como se fazia os diários de campo, silenciando a voz do pesquisado para apenas registrar eventos (Clifford, 1998).

O diário de campo, pela perspectiva aqui adotada, tenta estabelecer o diálogo entre entrevistador e entrevistado, superando-se as entrevistas estáticas, fotográficas, cerceadoras de vivências experimentadas por ambas as partes. O diálogo é realizado levando-se em consideração o encontro de duas pessoas: de um lado, o pesquisado, que se quer compreender, o foco do trabalho propriamente dito; de outro, o pesquisador, trazendo, inevitavelmente, idéias, conceitos e preconceitos originados de sua cultura diferenciada. Considerando-se o outro como alguém que não pode ser apreendido fora do seu contexto e que não pode deixar de passar pelo viés daquele mesmo que tenta apreendê-lo, o diário de campo situa o sujeito e põe em curso o diálogo, construindo, assim, a possibilidade de embate entre os pressupostos da pesquisa e a realidade como tal (Oliven, 1985)

Neste estudo, várias pessoas participaram dos registros do diário de campo, fortalecendo a perspectiva dialógica. Nesse caso, o diálogo não se deu somente entre pesquisador e pesquisados, mas entre pesquisadores e pesquisados. Não se deixou perder nesse diálogo, no entanto, a idéia do diário de campo também como registro dos eventos. Esses registros serviram para promover uma reflexão posterior, mesmo considerando que a maneira como se registra já é formadora da análise.

2.4.2. Entrevista

As entrevistas individuais investigaram a história de vida e os processos de resiliência envolvidos na constituição da rua como habitar/morar possível, com destaque para a capacidade de sobrevivência, a criatividade, as crenças, a ligação com a comunidade de rua (amigos, pessoas que auxiliem oferecendo trabalho, comida e/ou assistência), seus objetivos imediatos e/ou de longo prazo e a própria história de processos resilientes frente a situações adversas, dentro e fora do contexto da rua. As entrevistas foram realizadas na rua freqüentada pelos adolescentes, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas. Apenas o último caso, em virtude de seu internamento em uma clínica anti-drogas, teve sua entrevista feita nessa instituição. O roteiro da entrevista encontra-se no Anexo A.

2.4.3 *Cartaz*

A técnica da confecção de cartazes foi idealizada pela equipe de pesquisa. A proposta envolvia a produção de cartazes, relativos ao passado, presente e futuro dos adolescentes, organizados a partir de desenhos, recortes de revistas e colagens. Além disso, era solicitado aos participantes que contassem a história dos cartazes, a partir das quais construiu-se simbolicamente a história de vida dos adolescentes, que é também a história de sua morada. O objetivo, portanto, da técnica do cartaz foi complementar as entrevistas formando um quadro gráfico dos dados obtidos e aprofundando a história dos adolescentes com recursos projetivos, sem, no entanto, utilizá-los como diagnóstico. A teoria da abordagem bioecológica, por tentar compreender fenômenos humanos em seus vários aspectos, justifica o uso de multi-instrumentos e fomenta a criação daqueles mais sensíveis às dimensões abarcadas por seus constructos principais. Considerando, assim, uma compreensão obtida através dessa teoria, o desenho enfocou a pessoa, fazendo emergir a sua interpretação criativa da realidade circundante. A colagem de gravuras, a partir de uma ampla diversidade temática de revistas, tornou o macrosistema visível, imprimindo, em cada uma das escolhas dos participantes, sua marca indelével. Já na narrativa da história do cartaz, tentou-se captar a fluidez da linguagem – própria de todo o processo narrativo –, na qual a experiência se (re)coloca enquanto retenções de vivências passadas e expectativas de um futuro por vir, sendo a experiência um conceito central na abordagem bioecológica.

O recurso da narrativa contém elementos importantes mesmo que não elimine a necessidade da contextualização. A narrativa é ainda mais rica quando se refere ao passado, passando pelo presente e o futuro, pois se estrutura temporalmente com base no percurso vivido. Entretanto, esse método não substitui a observação dos eventos, ao contrário, pede a descrição dos mesmos. O evento aprofunda a análise da narrativa (e da entrevista), confirmando-a ou contradizendo-a. Quando houve contradição entre o diário de campo e a narrativa ou a entrevista, colocaram-se ambas as perspectivas na análise de dados, estabelecendo-se um diálogo entre elas. Essas divergências ocorrem porque os eventos trazem mais elementos vivenciais do que a narrativa ou entrevista. Assim, nem sempre o que os participantes falaram, comprovou-se plenamente com os eventos. Isso não quer dizer, necessariamente, que o participante estivesse mentindo. A contradição tende, antes, a fortalecer a multiplicidade de significados da relação humana. A importância do diário de campo e da inserção ecológica vêm daí. A aproximação e o conhecimento do outro dependem do tempo de convivência. Nesse sentido, quanto maior o tempo de convivência (presença), mais se estará atento aos detalhes da relação que emergem através do contato e

maior será a validade ecológica da pesquisa, por consequência (Oliven, 1985; Peirano, 1995).

A amplitude de visão dos diários de campo, aliada aos outros instrumentos de trabalho utilizados, permitiu abarcar a complexidade do fenômeno estudado e respeitar a característica fundamental da pesquisa em ciências humanas: o intercâmbio da subjetividade do pesquisador e do sujeito-pesquisado, em um diálogo registrado pelos multi-instrumentos. Desta forma, os procedimentos de coleta de dados e a apresentação dos resultados estão redigidos na primeira pessoa do plural, permitindo uma compreensão dos dados a partir da visão das pesquisadoras.

2.5. Procedimentos

O projeto foi inicialmente encaminhado para o Comitê de Ética da Ufrgs, seguindo determinações do CFP para pesquisas com seres humanos. Fora os critérios já citados de idade e tempo na rua, a escolha dos adolescentes ocorreu sem conhecimento prévio de suas histórias e comportamentos. Essa atitude foi tomada propositalmente, na intenção de não selecionar os adolescentes por comportamentos convencionados como “resilientes”. Dessa forma, um contato inicial se estabeleceu com o grupo do qual faziam parte os adolescentes escolhidos, convidando-os a participarem do estudo e dando-lhes informações detalhadas sobre o mesmo. Foi garantido sigilo absoluto, possibilidade de desistência dos encontros, assistência psicológica a eventuais ocorrências durante a realização da pesquisa e a não ocorrência de prejuízos por falta ou desistência de participação. De acordo com os termos estabelecidos pelo Conselho de Ética de Psicologia, foi utilizado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada adolescente participante do estudo (Anexo B). Após isso, os pesquisadores foram ao local estabelecido para encontros durante três meses, todas as tardes, sendo que metade desse tempo a equipe ocupou-se com o primeiro participante e a outra metade com o segundo. Apesar de ambos circularem pelo mesmo grupo e local (o bairro da Barra), foram encontrados em momentos diferentes. A última semana dos encontros com cada participante foi destinada à entrevista e à confecção do cartaz.

2.5.1 Equipe

A equipe de pesquisa foi formada por cinco pessoas: uma mestranda, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e quatro graduandas de psicologia, Luane, Grayce, Milena e Talita, da Universidade Federal da Bahia. As graduandas foram recrutadas a partir de uma seleção feita entre as alunas do terceiro semestre de psicologia

daquela universidade, segundo os critérios de disponibilidade de tempo para pesquisa, interesse no tema, habilidades pessoais e alguma experiência em lidar com populações de risco. Formada a equipe, passou-se para o processo de treinamento. Durante um mês, a equipe foi capacitada através da leitura e apresentação de textos sobre o tema da dissertação, encontros com os professores Paola Biasoli Alves, Gey Espinheira, Eduardo dos Santos, Antônio Nery e Miriam Rabelo, nos quais se abordaram questões referentes aos adolescentes em situação de rua, especificidades de Salvador, a abordagem bioecológica e o diário de campo. Acentuou-se, principalmente, a estratégia da inserção ecológica. Para o treinamento dos instrumentos, foram encenadas situações de entrevista com uma das graduandas fazendo papel do adolescente e a pesquisadora entrevistando, invertendo-se o papel em seguida. As mesmas encenações se repetiram na confecção do cartaz. Decidiu-se que a última reunião seria no Farol da Barra, local que habitualmente concentra muitos meninos e meninas em situação de rua, e que a inserção seria feita sempre com a pesquisadora-mestranda, acompanhada de pelo menos mais uma graduanda.

2.5.2 Inserção ecológica

Na primeira ida às ruas, a equipe encontrou uns meninos sentados na balaustrada do Cristo, no bairro da Barra. Acertou-se que a pesquisadora e uma das graduandas se aproximariam deles. Sendo bem recebidas pelos meninos, as demais graduandas se aproximaram e foram apresentadas. Foi explicado aos meninos a proveniência das pesquisadoras e o objetivo de estarem ali. Indagou-se sobre a possibilidade de as pesquisadoras terem encontros regulares com o participante e o entrevistarem. Foi-lhe dito que nada do que revelasse iria prejudicá-lo de alguma maneira. Desejava-se apenas conhecer o cotidiano dele, suas histórias, amigos e familiares para que futuramente esses dados viessem a embasar projetos. Com o pleno consentimento do adolescente, passou-se, a partir dali, a haver encontros diários com o grupo do qual ele fazia parte. Nos encontros, acompanhou-se o dia-a-dia dos meninos, fazendo o que eles faziam, indo para onde eles iam. Em alguns momentos, algumas brincadeiras e passeios foram sugeridos. Dessa forma, foi-se ao zoológico, ao bairro periférico de onde eles vinham, percorreram-se os espaços do Cristo onde eles costumavam se divertir, tiraram-se fotos, andou-se de ônibus e a pé, foram conhecidas suas famílias de origem, quando a possuíam, tomou-se água de coco e picolé juntos. Nesse contexto, duas brincadeiras sugeridas se destacaram: Dicas e histórias de Capitães de Areia. Essas brincadeiras serviram para o entretenimento e a interação da equipe e com o grupo de adolescentes, mas conseguiram também recolher uma grande riqueza de dados. Através das Dicas, pôde-se perceber alguns dados cognitivos e, nas

histórias, projeções e sentimentos inesperados. Depois de um período intenso de três semanas, aplicaram-se os instrumentos: entrevista e cartaz, remontando ao passado, presente e futuro de suas vidas. Sempre depois de cada encontro para a entrevista e confecção do cartaz, deixava-se o gravador com os meninos para que cantassem. Esse era um momento muito aguardado pelo participante e se constituía em verdadeira recompensa por tanto esforço dedicado ao trabalho da pesquisa. Em alguns dias, o participante não compareceu aos encontros e, um pouco antes da aplicação dos instrumentos, desapareceu por duas semanas consecutivas. Nessas situações, a equipe manteve a inserção convivendo com os outros membros do grupo. No Cristo da Barra, existiam dois subgrupos provindos da Fazenda Coutos, bairro de origem da maioria dos adolescentes que se fixavam no Cristo: os que ficavam na balaustrada ao lado do mar e os que ficavam do lado oposto ao mar. O subgrupo desse primeiro caso era o que ficava ao lado do mar. Dele faziam parte oito meninos.

O segundo caso foi contactado dentro do grande grupo do Cristo, através de representantes do Projeto Axé que o indicaram por não ter família e morar, desde os cinco anos, exclusivamente na rua. Ele não fazia parte de um grupo determinado, pois circulava entre eles e para além deles, por vários locais da cidade. O primeiro contato transcorreu em uma visita ao jardim zoológico onde se fez um grande percurso a pé. Os demais encontros aconteceram no próprio Cristo, nas redondezas e na praia do Farol. Mantinham-se conversas, longas caminhadas, observações das interações com outros adolescentes, vendedores, transeuntes e representantes do Projeto Axé. De todos os lugares citados como pouso para dormir, divertir-se ou simplesmente passar a maior parte do tempo, fotos foram tiradas. Fotografar divertia muito todos os meninos que experimentavam poses e se posicionavam em lugares estratégicos para que as fotos saíssem da melhor forma. Quando a equipe ia iniciar as entrevistas e a confecção do cartaz, na última semana final dos encontros, foi-lhe comunicado que o participante iria se internar em uma clínica anti-drogas. Depois de alguns desencontros e fuga do participante de uma casa de acolhimento, a equipe acompanhou seu internamento. Na clínica, com o consentimento dos responsáveis e do próprio participante, foram feitas a entrevista e a confecção do cartaz. Depois, foi dado, ao participante e a um colega, o gravador para que cantassem.

2.5.3 Aplicação dos instrumentos

Durante três meses consecutivos de encontros com os participantes, a equipe registrou, em um diário, inicialmente individual de cada membro da equipe, os acontecimentos, as observações e os sentimentos suscitados pela inserção. Esses registros

individuais eram compartilhados diariamente através de um grupo de discussão feito na internet com esse fim. Tais registros foram reunidos e organizados, no final dos encontros, em um único diário de campo. Os relatos dos casos foram baseados nesse diário de campo e, dessa forma, são apresentados na primeira pessoa do plural. Todos os nomes são fictícios para preservar o anonimato dos participantes e de seus amigos. Logo no primeiro encontro, explicou-se o objetivo geral da pesquisa, a que era destinada, o anonimato assegurado a seus participantes, a necessidade de encontros diários durante um tempo determinado e a não retribuição financeira pela participação. Apenas após essas informações e com o consentimento obtido dos participantes e de todo o grupo, iniciou-se a série de encontros.

Na última semana dos encontros com cada participante, foram feitas as entrevistas e a confecção dos cartazes. Tanto as entrevistas como a narrativa da história dos cartazes foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Na entrevista, orientou-se para que os participantes contassem, sem constrangimentos nem receios de retaliações, suas histórias. O Termo do Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e explicado antes da aplicação de cada um desses instrumentos.

Cada participante foi entrevistado e confeccionou o cartaz individualmente. No primeiro caso, a equipe conseguiu aplicar estes instrumentos na varanda de uma casa onde funcionava um laboratório, depois de obter o consentimento do dono. Enquanto a pesquisadora entrevistava ou orientava a feitura do cartaz, uma graduanda brincava com os outros meninos que sempre vinham curiosos acompanhar o processo. A pesquisadora, antes de cada instrumento, explicou os procedimentos e citou um exemplo.

No primeiro encontro, seguiu-se o roteiro da entrevista contendo pontos referentes ao presente do participante. Pediu-se também que ele desenhasse o que mais lhe chamara atenção de sua história presente, além do lugar onde atualmente morava. Depois, mostrou-se uma série de variadas revistas pedindo ao participante para escolher figuras que falassem de sua história e moradas atuais. Os desenhos e os recortes eram guardados em um envelope identificado com o nome e com o tempo em questão. A partir do que emergiu dessa entrevista, e das observações no diário de campo, fez-se a entrevista reportando-se ao passado, no segundo encontro. Pediu-se, da mesma forma, que o participante desenhasse e recortasse figuras que mais falassem sobre o seu passado e sobre sua morada nesse tempo. Os desenhos e os recortes foram guardados em outro envelope. No terceiro encontro, foram feitas perguntas sobre expectativas futuras, os desenhos e os recortes sobre esse período foram solicitados, guardando-os em um terceiro envelope. No quarto encontro, todos os envelopes foram mostrados ao participante pedindo-lhe que montasse o cartaz com os

desenhos e figuras de seu passado, presente e futuro, e depois contasse a história do que via no cartaz.

Os procedimentos para estes instrumentos (entrevista e cartaz) no segundo caso foram semelhantes, apenas o número de encontros se reduziu a dois, devido a distância do lugar onde se encontrava. Esse último participante, conforme já se relatou, foi internado em uma clínica anti-drogas fora da cidade de Salvador, no momento em que se iria dar início às aplicações desses dois últimos instrumentos. Mas o registro no diário de campo, durante a inserção ecológica, seguiu os mesmos passos em ambos os casos e abrangeu igual período de tempo (um mês e meio destinado especificamente para cada caso, perfazendo um total de três meses no mesmo grupo e local).

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Depois de haver contado a história da cidade, dos bairros e dos grupos que formam o cenário das vidas dos participantes da pesquisa, são narradas suas histórias pessoais. Em seguida, os dados serão analisados a partir dos conceitos de habitar/morada e de resiliência. O conceito de habitar será aqui considerado basicamente como “ser e permanecer resguardado” (Heidegger, 2002), sendo que esse resguardo implica, por um lado, estar livre de danos e, por outro, estar livre para a realização das próprias potencialidades. Ao mesmo tempo, o espaço habitado e o indivíduo constituem uma unidade caracterizada por relações de interação, gerando um espaço cultural que forma seus habitantes e é, por eles, formado (Radkawski, 2002). Nessa inter-relação, o *habitat* adquire uma função psicológica, de regulação social e identitária para o indivíduo. Essas funções serão discutidas em cada caso.

A análise de conteúdo (Bardin, 1977) foi utilizada para categorizar os dados em passado, presente e futuro. As dimensões da resiliência (emocional, social e acadêmica) foram relacionadas às funções do habitar, permitindo a compreensão do mecanismo de constituição do habitar a partir de um processo de resiliência. Buscou-se examinar também eventuais semelhanças e peculiaridades entre os casos estudados.

O cartaz foi analisado à luz da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH). A AEDH foi também articulada aos conceitos de habitar/morada e resiliência, através da discussão dos fatores de risco e proteção presentes nas histórias dos participantes da pesquisa.

3.1. *História de Bigão*

I. *Passado*

Bigão nasceu no subúrbio da Fazenda Coutos. Sua casa era um barraco de tapume onde viviam seis pessoas: ele, a mãe, dois irmãos (só por parte de mãe), o padrasto e Luisinha, uma menina “*maluquinha*”. A casa tinha esgoto a céu aberto, muita sujeira e barro espalhado, como representado por ele no desenho. Bigão é o filho do meio. Quando saía, sua mãe o deixava aos cuidados da “*menina maluquinha*”, que até hoje vive em sua casa. As saídas da mãe eram freqüentes. Por vezes, chegava a levar 15 dias fora de casa. Os motivos dessas saídas não parecem muito claros. Depois de muito pensar, Bigão disse que a mãe trabalhava fora, cuidando de “*velhas*”. O irmão mais velho de Bigão se envolveu com

drogas e não mora mais em casa. Com o irmão mais novo, Bigão tinha – e tem – uma relação distante, quase indiferente. Não o procurou quando solicitado a fazer uma foto de família, nem se dirigia a ele na rua. O padrasto sempre bebeu muito, era agressivo, batia em Bigão e lhe destruía os brinquedos. Quando a mãe dormia fora, Bigão fugia de casa para não ficar com o padrasto. Com olhos grandes, verdes e torneados por densos cílios, destacava-se entre os irmãos. Esses olhos revelam-se uma marca, nem sempre cômoda, da presença do pai que o abandonou e humilhou sua mãe: *“meus olhos são como os do meu pai...ele nunca quis saber de mim, tinha dinheiro e não queria me dar nada”*; *“O que mais me lembro na infância é de meu pai jogando dinheiro no chão para mainha pegar”*. Desenhando essa cena, Bigão a intitulou de *“Humilhação”*. Segundo revela, foi a cena da infância que mais o marcou.

A família por parte de pai é mantida sob sigilo (ou desconhecida), ninguém se refere a ela, nem sua mãe. Parece ser uma família de nível econômico elevado em relação aos padrões locais. Uma de suas tias é dona de duas escolas. Apesar de convidado, Bigão nunca aceitou estudar em nenhuma delas, pois teria de frequentar uma série bem anterior, com meninos pequenos. Mas já fez passeios, com os alunos da escola, ao Tamina Park (um parque com piscina). Essa tia, um dia, disse-lhe que o pai havia morrido. Ele não acreditou. Acha que tentam afastá-lo do pai e ficar com seu dinheiro. Mesmo sem acreditar, diz que o pai, para ele, morreu.

II - Presente

Bigão é um menino de 12 anos, estatura média para baixa (de acordo com a idade), moreno, cabelo curto e crespo, olhos grandes e verdes. Esses olhos são um atrativo nada desprezível em sua labuta diária nas sinaleiras, onde a estratégia para se conseguir dinheiro passa, antes de tudo, pela sedução dos passantes: *“os gringos me ajudam e falam: bambino bonito. Outros dizem: que olhos você tem!”*. É assim que antes de começar uma demonstração de malabarismo, Bigão curva-se em sinal de agradecimento e solta beijos. Uma prática, aliás, comum a todo o seu grupo. Com seus corpos ainda lembrando os de uma criança e o jeito alegre e brincalhão, conseguem desfazer os medos e preconceitos dos que estão dentro de seus carros, protegidos pelos vidros fechados. A convivência com esse duplo significado de seus olhos – que atrai, no presente, mas é pura lembrança de uma rejeição passada – torna sua fala sobre o assunto curiosamente objetiva e desprovida de emoção. Esse fato foi percebido durante a inserção ecológica: Bigão não parecia tão envaidecido com seus próprios olhos. Tendo consciência de que são bonitos e chamam

atenção, fala, no entanto, sobre isso como quem constata um fato. Chegou a dizer que não se achava bonito, apenas tinha os olhos bonitos.

Malabaris: o trabalho na rua

Bigão mora em Fazenda Coutos e vai para a Barra todos os dias “trabalhar”, como diz. Em alguns desses dias, dorme na rua: “*De noitão, o ônibus não vem mais, não deixa a gente entrar, nós dorme na rua*”. No “trabalho”, Bigão e seus colegas fazem malabarismos nas sinaleiras com três pedaços de pau, um dos quais revestido de borracha. Entre um sinal vermelho e outro, comem salgadinhos comprados de vendedores ambulantes com o próprio dinheiro que arrecadam de seus trabalhos, brincam na grama, rolam pelo morro e caem no mar. Na hora do almoço, conseguem comida do restaurante chinês próximo, da pizzaria, dos guardas que dividem, com eles, uma quentinha ou de moças que passam em uma Kombi distribuindo comida.

A Barra

Bigão demonstra gostar muito da Barra, chamando-a carinhosamente de “*meu paraíso*”. Com frequência, sobe o Morro do Cristo, convidando as pessoas que o acompanham a apreciar a beleza do lugar, mesmo que a paisagem dali vislumbrada seja conhecida por quase todos. Para Bigão, o Morro do Cristo não era apenas um paraíso qualquer, entre tantos, exposto ao olhar dos curiosos amantes da beleza. Era o paraíso de Bigão, único. O seu entusiasmo tornava inevitável um novo olhar sobre a paisagem, as pessoas, os animais. Assim, por exemplo, bichos que se escondiam na pedra, por serem apontados, chamados pelos nomes, “*baratão, gaiamun*” e caracterizados em seus modos peculiares de andar, saíam da invisibilidade a que foram relegados para adquirirem, até, certa personalidade engraçada. Era possível viver, com os meninos, uma grande aventura em pleno centro da cidade. E assim foi feito. Dançar o “*arrocha*” em cima de um despenhadeiro, escorregar em papelões pelo morro, mesmo sob os olhares curiosos dos passantes, tudo isso foi possível pela crença contagiante transmitida. Estávamos todos em um paraíso.

Um dia foi feito um passeio pelas encostas do Cristo. Atingimos as pedras e vimos como elas tinham um formato de escadas largas. Formavam-se poças de água nas quais, disseram, se banhavam com frequência. Entre uma pedra e outra, Marley e Bigão nos apontavam siris, gaiamuns, uma barata de praia e alguns calangos. Pelas pedras, chegamos ao outro lado do morro. Fomos subindo e paramos na metade. Cansadas, sentamos para descansar. Bigão, sempre gentil e cavalheiro, colocou sua camisa para Luane sentar. Dali se avista o mar e o farol. A brisa gostosa nos refrescava do calor do sol, aumentado pelo

esforço da caminhada. Bigão, em pé, jogava pedras lá embaixo, mostrando destreza em alcançar uma pedra muito longe. Tentou nos ensinar como fazer, sem grandes sucessos. Um pouco depois, cantou e dançou o arrocha. Dançava muitíssimo bem. Achemos graça de seus rebolados provocantes. Marley não tinha tanto jeito. Mas mostrou saber dançar o reggae. Bigão nos convidou para dançar. Ensinou os passos. Aprendemos, duramente, os rudimentos; Grace já sabia e demonstrou destreza. Os meninos adoraram e riram bastante. Algumas pessoas em cima no Cristo nos observavam. Reiniciamos nossa caminhada de volta à balaustrada da Barra. Chegando lá, Bigão pegou, dos ainda restos do carnaval, uns papelões grandes e grossos. Colocou-os na grama, em cima do pequeno morro que se forma entre o morro do Cristo, propriamente dito, e o Barra Vento (um bar à beira da praia). Esse morrinho desce até um muro que despenca nas pedras da praia. Os meninos fizeram daqueles papelões uma espécie de “*ski-bunda*”. Escorregaram pelo morrinho bastante íngreme e beirando o despenhadeiro de pedras. Grace e Luane foram também. As pessoas da rua pararam para olhar: estrangeiros/turistas, policiais, trabalhadores .

Ouvimos alguns comentários dizendo serem eles, de fato, crianças (como se ali, com a gente, brincando, eles deixassem de parecer ameaçadores e se assemelhassem mais ao estereótipo de criança consagrado em nossa sociedade). Depois de um tempo de muitos risos e divertimento, despedimo-nos com abraços, beijos e aperto estilizado de mão, ensinado pelas pesquisadoras.

A casa-cabana

Nos primeiros dias da inserção ecológica, Bigão, junto com sua turma, brincava em uma casa feita por eles, com material dos camarotes carnavalescos. Dentro dela, havia divisões: um canto era a sala, outro a varanda e outro, ainda, o quarto. A casa não resistia às chuvas constantes e se desmanchava. Mas os meninos prontamente a reerguiam. Um dia tiveram que desmontá-la definitivamente. Ao revê-la em fotos, Bigão manifestou saudade de sua “*casinha*”. Os policiais haviam mandado desfazer a barraca de madeira e plástico, construída próxima à calçada. A presença dos pequenos buracos feitos na terra foi o único vestígio deixado do que havia sido o refúgio e o espaço de brincadeiras dos meninos. As fotos contempladas falavam de um passado bem recente, mas que, cedo, ficara para trás. As suas moradas incluíam também essa pequena casa, bem delimitada, na qual mal cabiam duas pessoas. Era uma casa referida como lugar de dormir, comer e passar a chuva. Mas era, sobretudo, uma casa para brincar e se chamar de casa. Uma casa também que se montava e desmontava ao sabor, literalmente, dos ventos.

Grupos

Os meninos da orla da Barra dividiam-se em grupos: a maioria ficava na sinaleira do lado oposto ao mar e Bigão e seus amigos, na sinaleira ao lado do mar. Segundo Bigão, os meninos do outro lado da rua cheiravam cola e arrumavam confusão. As moças que trabalham no Projeto Axé (organização não-governamental que presta assistência a crianças e adolescentes em Salvador) confirmaram: o perfil da turma de Bigão era diferenciado. Eram meninos que não estavam envolvidos com drogas, mantinham laços com a escola e se dispunham a fazer os trabalhos propostos pelo Axé, com bem mais facilidade do que os demais atendidos por elas, no contexto da Barra .

Dormir na rua e as brincadeiras

Bigão disse preferir dormir na Barra, onde tem o mar: “*a gente brinca muito na água*”, novamente explicando suas motivações pela atração das brincadeiras. As brincadeiras, de fato, exerciam tal poder sobre eles que, prontamente, abandonavam o trabalho para se dedicarem a elas na maior parte do tempo. Empinar pipa, jogar capoeira, lançamento de pedras no mar, dançar, cantar, nadar eram apenas algumas dessas brincadeiras. A agilidade e a ginga, demonstradas em todas elas, impressionavam quem observava. Uma das brincadeiras, de escorregar no morro com papelão, tinha características perigosas que, claro, tornavam a experiência ainda mais excitante. O morro é íngreme e, não pouco distante de sua base, um muro despenca em um amontoado de pedras. Mas sempre, um dos meninos ficava embaixo, amparando quem descesse.

Fazenda Coutos: o lugar de origem

Bigão, e quase todos os meninos que estavam na Barra, eram oriundos da Fazenda Coutos. Fazenda Coutos é um bairro da periferia de Salvador. Para ir até lá, é preciso fazer uma longa viagem de ônibus ou de trem. Na estrada, surgem lugares nunca vistos e imaginados por grande parte da classe média de Salvador. Em Alagados, vê-se uma mistura estranha de beleza e pobreza; em Lobato, o quase puro abandono. Em meio a tudo, desponta Paripe, um pequeno pedaço de paraíso: mar calmo, azul brilhante, margeado por um surpreendente mato ainda vivo e verde. Os trilhos do trem não mais são vistos a partir desse ponto. A última parada de ônibus é a de Fazenda Coutos. Nesse bairro, estava inscrita uma parte significativa das histórias dos meninos.

As pessoas do bairro notam a presença de visitantes estranhos. Entre desconfiados e curiosos, observam atentamente, sem perder detalhes. As crianças, no entanto, não temem. A cada passo se juntam, querendo segurar o braço, falar e estar junto de quem veio de longe. Fazem alvoroço, como se uma simples visita fosse um acontecimento especial. Era,

assim, impossível não se sentir como uma grande ave rodeada de pintinhos, saltando por todos os cantos. Algumas pessoas, conhecidas dos meninos, foram encontradas nas ruas perto de seus casebres. Sempre indagavam sobre o que os meninos haviam feito “*de errado*”.

Cada casa era mostrada com imensa alegria. A casa de Rafael, grande amigo de Bigão e deficiente auditivo, era apenas um quarto onde se amontoavam uma cama, um sofá, uma geladeira e um fogão, bem velhos. Seis pessoas viviam ali, contando com a mãe, e esta já esperava um novo filho. Dormir, desse modo, torna-se uma arte. Quatro se ajeitam em um colchão no chão, a menina dorme no sofá e a mãe na única cama presente. Casas assim, por si mesmas, expulsam as pessoas para fora, tão exíguo é seu espaço. Não há necessidade de haver violência doméstica, por exemplo, para que o apelo das ruas torne-se forte. A mãe de Miguel-Mudinho é bastante jovem. Disse ter 25 anos, mas aparentava ainda menos. Foi possível tirar fotos com toda a família de Rafael, excluindo o pai. Nelas, Rafael, sorridente, segurava no colo alguns de seus irmãos.

Na casa de Bigão, os meninos não queriam entrar, temendo o padrasto, pois diziam ser ele muito bravo e “*malvado*” quando bebia. O padrasto, no entanto, dormia, deixando livre a passagem. A imagem era forte e significativa: o corpo do padrasto estendia-se alto e forte em um pequeno sofá, tendo nas mãos um maço de dinheiro. Segundo Bigão, aquele não era o seu dinheiro. Este, afirmou, servira para comprar a comida da despensa. Mas não havia como saber, de fato, todos os destinos de seu dinheiro. Não teria servido, também, para comprar a bebida do padrasto?

Na casa de Bigão havia uma pequena cozinha com geladeira e fogão, um quarto escuro com um carrinho e uma linha pendurada no teto, além de uma velha bicicleta com o pneu furado. Aquela linha era brinquedo de seu irmão menor. Era comovente ver um brinquedo tão singelo em um quarto tão desolador. Na sala, havia uma televisão e um pequeno som bastante antigo e mal conservado. As fotos com a família de Bigão não foram possíveis. Bigão recusou-se a tirar fotos com seu irmão e com sua avó. Sua mãe havia ido ao dentista. Restou um gato. Os olhos do gato eram os mesmos de Bigão: verde vivo. A foto prometia uma bela composição visual, ao mesmo tempo que denunciava forte sentimento de esquivia. A família de Bigão era a mãe, “sua rainha”. Na falta desta, um gato qualquer preenchia – ou ressaltava – o vazio. Logo no início da entrada de Fazenda Coutos, Bigão mostrou uma pequena casa com paredes descascadas e reduzida a um único cômodo. Segundo Bigão, essa casa foi construída por ele e por sua mãe. Seu pai os deixara “sem nada” quando foi embora para morar em apartamento.

Nos arredores da Fazenda Coutos, existe uma lagoa muito freqüentada pelos meninos. Para ir até ela, é preciso atravessar uma pista de alta velocidade. Os meninos tomam banho e trazem cachorros para brincar na lagoa. A região próxima à lagoa é pavimentada, com casas mais arrumadas e postes de luz. Estes moradores pareciam ter uma condição social um pouco mais elevada do que a dos meninos e tinham, para com estes, uma relação de suspeita. Algumas pessoas os chamavam de indigentes e se afastavam, ao mais leve sinal de aproximação. Havia também ali, por perto, um parque de diversão bem equipado, com roda gigante, cadeira voadora, etc. Na direção do ponto de ônibus, podia-se ver uma casa onde estava escrito: Rádio. Era uma rádio da comunidade. Os locutores eram dali mesmo e os cantores, também. Mas, aos meninos, estava vedado o acesso, até mesmo para espiar. Suas vestes maltrapilhas afastavam qualquer possibilidade de convite. Dentro do próprio bairro, já havia uma distância e rejeição social.

Fato Emblemático

Durante a visita ao bairro da Fazenda Coutos, ocorreu um fato demonstrativo do padrão de relação que se forma entre os meninos e os adultos de uma classe social mais abastada.

No caminho de volta, Milena (membro da equipe de pesquisadoras) disse querer água – já havíamos bebido um pouco na casa da avó de Bigão. Um dos meninos sugeriu bebermos água na casa de uma pessoa, pois a teríamos de graça. Milena, no entanto, quis comprar água no mercadinho. Bigão e Marley não quiseram nos acompanhar. Os outros nos seguiram. Chegando ao mercadinho, os meninos mudaram completamente: de solícitos, cicerones, amigos, tornaram-se “*os pedintes*”, um personagem que estão muito acostumados a vestir. Disseram que queriam isso, aquilo, etc. Falamos que só tínhamos dinheiro para comprar duas garrafinhas de água: uma para nós, e outra para eles. O resto do dinheiro era para a passagem de ônibus. Eles pareceram se acalmar um pouco. Mas o personagem do pedinte se avizinha do personagem ameaçador. O pedido é uma ameaça, mesmo que velada. Em um instante, um dos meninos retirou a garrafa de nossas mãos com bastante força. As pessoas que trabalhavam no mercadinho demonstravam não estar gostando da presença deles ali. Pagamos as garrafas e saímos do mercadinho com receio de todo nosso trabalho de inserção ecológica haver ruído. Distância e desnível se haviam cavado entre nós. A proximidade pede partilha sempre. E só temos de fato confiança em quem nos parece próximo. Bigão reclamou com os meninos e pediu que nos devolvessem a água. Dissemos, no entanto, que a água era deles mesmos. Aos poucos, os meninos foram deixando os personagens de pedintes para trás e voltando a ser os meninos que conhecíamos, que

brincavam, dançavam, faziam malabarismos e nos contavam histórias de suas vidas. Nossos queridos meninos.

No ponto de ônibus, sente-se o ambiente pesado da praça ao redor. Homens e mulheres discutem abertamente sobre maconha, pico, cocaína. Bigão comentou: *“aqui só tem violência, tia, aqui é mal”*. Alguns homens desconfiaram das fotos e “pediram” para vê-las. Era possível ser ali zona de tráfico e as fotografias não serem, dessa forma, permitidas. Guardamos logo as fotos e nos despedimos dos meninos.

Brincadeira sugerida: Dicas

Como forma de entretenimento, durante a inserção ecológica, foram sugeridas algumas brincadeiras. Uma delas foi a brincadeira da “Dica” descrita a seguir. Nessa brincadeira, as habilidades cognitivas e representações sociais de figuras públicas, como policial e da mãe, pai, etc. emergiram. A brincadeira de “Dica” consiste no seguinte: um diz no ouvido do outro uma palavra e o outro tenta, com outras palavras, fazer com que um terceiro adivinhe a palavra dita em segredo. Essa brincadeira é conhecida, também, em uma versão ligeiramente diferente: tenta-se fazer uma pessoa adivinhar a palavra secreta através de mímica. Bigão sabia o que era mímica. Brincou-se de um jeito e depois de outro.

Durante a brincadeira, Bigão sentia dificuldade em fazer associações, mesmo com palavras que se referissem à sua realidade diária, como “rua” e “carro”. A chuva começou a cair forte. Sugeriu-se, então, a ida para o ponto de ônibus. Sentindo a resistência de Bigão em sair dali (ou melhor, sua falta de preocupação com a chuva), perguntamos o que fazia quando chovia. *“Nada, deixo a chuva cair e me molhar”*, respondeu. *“Mas você não fica gripado?”*, perguntou Milena. Ele disse que não. Fomos para o ponto de ônibus com a chuva caindo bem forte.

Sentados no banco e ao lado de muitas pessoas no ponto, retornamos à brincadeira, dessa vez do segundo jeito: por mímica. Bigão pareceu bem mais à vontade se expressando por gestos. Foi dito a palavra “mãe” e ele fez um gesto sugerindo seios, cabelos longos e uma criança. Milena descobriu que era “mãe”. Bigão, então, disse *“é a mãe de Miguel-Mudinho”*. Foi dito que se havia falado “mãe”, qualquer mãe, e não a mãe de Miguel-Mudinho. Em outra oportunidade, surgiu a palavra “pai”. Bigão fez gesto sugerindo um bigode, força, cabelo curto, e novamente falou *“é o pai de Mudinho”*. Depois, nos demos conta de que Bigão tinha bastante familiaridade com a mímica por causa de Miguel-Mudinho. Segundo nos contou, é o seu melhor amigo. Os dois são parceiros no trabalho de rua e se comunicam o tempo todo através da mímica. Continuando a brincadeira, Bigão comunicou, através de gestos, a palavra “polícia”. Posicionou a mão em sucessivos

movimentos sugerindo alguém que aponta uma arma, guarda-a na calça, tira o cacete e bate. Milena pensou que a palavra secreta fosse “assassino”. As pessoas, ao lado, observavam-nos com o canto de olho e algumas ficavam em pé, não sentando ao nosso lado.

Depois, Bigão sugeriu outra modalidade da mesma brincadeira: tentaríamos fazer com que a outra pessoa adivinhasse a palavra secreta através do som modificado da mesma. Isto é, o som imitaria a palavra. Nessa brincadeira, rimos muito. Era quase impossível adivinhar a palavra. A modificação do som feita por Bigão não obedecia ao número de sílabas das palavras. Quando Milena modificou o som da palavra “rua”, Bigão não adivinhou e, ao final, disse ser “rua” uma palavra grande. Perguntamos, “*rua é uma palavra grande?*” Ele respondeu que sim, “*você viu quanta rua tem daqui à Fazenda Coutos?*”. Emília Ferreiro diz que as crianças, quando estão se alfabetizando, acham que as palavras correspondem à realidade das coisas. Mas Bigão tinha doze anos e estava na terceira série.

Entregue ao momento e às pessoas...

Para Bigão, não havia preocupação com questões como a chuva ou os horários. Ele estava entregue às ofertas do momento, ao tempo com suas intempéries. A comida, por exemplo, vinha na hora que tinha que vir. Não havia nada pré-estabelecido, ou, pelo menos, nada tão pré-estabelecido que não pudesse ser modificado. Qualquer hora era hora de ir ao zoológico ou subir no morro e escalar as pedras. A chuva provocava mudanças em seu ritmo relaxado, unicamente, na hora de dormir na rua. Enquanto em tempos de sol, dormia perto do muro, em cima da grama que rodeia o Cristo, quando chovia ia para debaixo das marquises das lojas, do outro lado da rua.

Se o tempo não era marcado por uma rotina clara, a relação com as pessoas era direta, sem exigências ou explicações. Em ambos os casos, a sensação de entrega era a mesma. Um momento vivido por Ginga (um dos amigos de Bigão, de sete anos) ilustra esse fato. Parou por ali um pessoal (três pessoas, dois homens e uma mulher) com uma câmara. A moça chamou Ginga e este deu seu picolé pra segurar (Ginga havia acabado de comprar um picolé e, como sempre faz, oferece-o a nós enfaticamente, como quem está de fato oferecendo e não apenas exercendo a boa educação). A moça pediu para Ginga abraçar um homem enquanto um outro estaria filmando. Ginga prontamente abraçou o homem e repetiu o gesto do abraço por orientação da moça. Acabaram de filmar e foram saindo. Achamos tudo estranho (a câmara não era de nenhuma TV) e pedimos explicações para a moça. Ela disse ser um documentário interno sobre “mãos” e saiu. Pensamos o quanto os meninos estavam expostos às mais variadas formas de exploração. Ninguém lhes dá muitas

explicações sobre o que fazem com eles. Nós precisávamos estar atentas para lhes fornecer informações sobre o nosso trabalho, mesmo quando não solicitadas.

Higiene

Bigão tem alguns hábitos de higiene solidificados. Contou, por exemplo, que escova os dentes duas vezes por dia (isso a propósito da mãe que estava com dor de dente e saíra para o dentista, quando fomos visitá-la. Segundo Bigão, a mãe continuava com a dor no dente). Bigão comentou que Marley não escovava os dentes. *“Pode ver uns negócios pretos que ele tem no dente”*, disse. *“É feio não escovar os dentes, ficam aquelas coisinhas entre os dentes”*. Em outra oportunidade, em um dia calorento, Ginga pediu a água de coco de Bigão. Este deixou, apenas se tomasse pouco e com um outro canudo. Olhou para mim e para Talita dizendo: *“tomar no mesmo canudo é falta de higiênico, né tia?”*. Perguntamos com quem ele aprendeu isso. Bigão disse: *“com ninguém, não. Foi comigo mesmo”*.

Brincadeira sugerida: leitura de “Capitães de Areia”

Noutro momento, foram lidos uns trechos do livro “Capitães de Areia”, de Jorge Amado. Foi possível ver aí as identificações e questionamentos dos meninos com uma história que narra experiências bastante próximas. Indagados se haviam ouvido falar de Jorge Amado, Ginga disse que sim, a professora já falara do Teatro Jorge Amado. Foi explicado que Jorge Amado era um escritor baiano, mostrando-se a eles seu retrato atrás do livro “Capitães de Areia”. Contamos que ele fizera uma história sobre meninos que viviam nas ruas de Salvador. Um dos meninos se chamava Pedro Bala. Bigão achou engraçado esse nome. Disse que a cabeça dele devia ser uma metralhadora, *“pum, pum, pum”*. Contamos que Pedro Bala tinha a cor dos olhos parecida com a de Bigão. Lemos, resumindo, um trecho do livro no qual Pedro Bala diz que prefere a liberdade das ruas, os brinquedos na rua a ficar em um apartamento trancado, cheio de brinquedos. Perguntamos o que eles, Bigão e Ginga, prefeririam. Eles disseram: *“claro que a casa cheia de brinquedos”*. Disseram que não tinham brinquedos em casa, mas que, se tivessem, preferiam ficar lá. Bigão falou de um caminhãozinho que possuía e que o padrasto quebrara. A mãe prometeu dar a ele outro bem maior. Voltando à história dos Capitães de Areia, falamos que havia um outro menino no grupo que não tinha uma perna. Os outros meninos do grupo o chamavam de Sem-Pernas. Bigão disse: *“ah, eles tavam mangando com ele”*. Perguntamos se Bigão achava que o menino não gostava de ser chamado assim. *“Claro que não”*, respondeu. Lemos, então, o trecho no qual o “Sem-Perna” mostrava-se triste, querendo uma companhia. Bigão disse que se ele fosse seu amigo amarraria um pedaço de cabo de vassoura em sua perna e ele ia poder caminhar. Contou que conhecia muitas pessoas sem-

mão que sabiam lutar. Bigão disse que protegeria um amigo que não tivesse perna ou mão. Fomos contar um outro trecho sobre Pedro Bala. Bigão disse que não gostou dele, “*é muito tirado*”, gostou foi do Sem-Perna, “*esse é legal*”. Um outro menino, chamado Beto, já havia se aproximado e disse ter gostado de Pedro Bala, “*ele é corajoso*”. Beto contou ser primo de Bigão, mas Bigão não confirmou. Os dois, no entanto, têm traços parecidos. Beto vestia roupas mais arrumadas e parecia ter um bom nível de concentração, prestava bastante atenção à história, ao contrário de Bigão e Ginga, mais dispersos. Beto também é da Fazenda Coutos, aliás parece que o Cristo da Barra é ponto de concentração de crianças da Fazenda Coutos. Lemos (resumindo de novo) um trecho de Capitães de Areia que fala da escola, da professora. Perguntamos para eles se gostavam da escola. “*Sim*”, responderam. “*E de qual matéria gostam mais?*” Bigão respondeu “*matemática*”. Em outro dia, quando brincamos de “*Dicas*”, Bigão dissera que gosta de “*divisão de sílaba*” (divisão de sílaba). Bigão disse que sabia contar até “*60*”. Ginga até “*20*” .

Recomeçamos a história falando de um outro personagem: “*Gato*”. Perguntamos: por que será que ele se chama assim? Bigão falou: “*ah, porque ele deve parecer um gato*”. “*E como é que se parece um gato?*”, perguntamos. “*Tendo olhos de gato, como os meus*”, disse Bigão. E será que ele gosta de ser chamado assim? “*Ele não deve se importar*”, falou Bigão. Conteí, então, a história na qual Gato tinha interesse por uma menina chamada Dalva, que não queria saber dele. Bigão disse: “*ela se chama Grayce*”. Depois mudou para “*Talita*” e “*Lene*” (nomes das pessoas da pesquisa). Perguntamos se ele já gostara de alguém que não lhe dava bola. Ele disse que não; que não gostava de ninguém. Beto falou que Bigão ficara com uma mulher por dinheiro. Bigão negou.

Os irmãos de Ginga

O encontro com irmãos, não apontados nos relatos dos meninos, revela algumas dinâmicas de suas relações familiares. Irmãos e tios próximos vão para a rua e nela se estabilizam. Os mais velhos se transformam, geralmente, em catadores de lixo reciclado, como um meio de sobrevivência.

Um dia aproximaram-se três homens com dois meninos pequenos. Um dos homens era o irmão de Ginga (irmão, portanto, de Marley também). Um outro não tinha uma mão e tinha o rosto meio deformado (parecendo queimadura). Este também é irmão de Ginga e Marley. Ele reclamou por Ginga estar na rua. Perguntou: “*quem é o responsável por ele?*” Bigão disse “*eu*”. O terceiro homem parecia estar bêbado, com muito cheiro de cachaça na boca. Aproximou-se e foi logo pedindo dinheiro. Dissemos que não tínhamos. Perguntou-nos o que estávamos fazendo ali. Dissemos que apenas conversávamos com os meninos.

Estávamos fazendo uma pesquisa. Eles pareceram se assustar com essa história de pesquisa. Mas logo fizeram associação com o Projeto Axé e sossegaram. Definitivamente, o Projeto Axé tem uma atuação muito importante entre eles. Todos parecem respeitar. O homem que não tinha mão disse que dois de seus irmãos (irmãos de Marley, também) faziam parte do Axé e já tinham ido para a Itália e a França. Eles eram mestres de Capoeira. Esse homem parecia conscientizado: não queria que Ginga ficasse na rua; falou de Juizado de Menores; do Axé, etc. O homem que estava meio bêbado disse viver na rua catando papelão e que naquela hora ia almoçar. Os recém-chegados afastaram-se uns poucos metros.

Os homens comeram, tomaram água de coco (compraram) e mandaram nos oferecer. Agradecemos mas não aceitamos. Ginga ia de um grupo (o nosso) para o outro (dos homens, dois dos quais seus irmãos por parte de pai). Em determinado momento, veio ao nosso grupo e chamou Bigão para fazerem malabaris e darem dinheiro para os homens, (seus irmãos), pois estavam “*quebrados*” (e fez um sinal com o polegar para baixo). Bigão disse: “*por que vou fazer isso? Eles que trabalhem*”. Depois de um tempo, o homem que estava cheirando a cachaça, aproximou-se e nos pediu pra sentarmos junto dele. Talita sentou perto. Contou que vivia na rua com os outros dois (que eram irmãos de Marley e de Ginga), dormia em um canto da Barra e catava papelão. Ofereceu uma banana para Talita. Talita agradeceu, mas não quis. Ele disse: “*estou te dando*”. Talita, então, pegou e falou: “*posso comer outra hora?*”. O homem disse: “*eu estou dando a você. Não vá jogar fora*”. Talita perguntou se podia dar a banana a Bigão. Ele repetiu categórico: “*dei a você*”. A outra pesquisadora perguntou se podia ficar com a banana pra si, pois estava com fome. Ele assentiu e ela comeu a banana. Bigão olhou e fez cara de nojo. Depois, Bigão nos chamou pra voltarmos à balaustrada.

Outras Línguas

Bigão, assim como a maioria dos meninos em situação de rua em Salvador, mantém freqüentes diálogos com turistas de várias regiões do mundo. Nessa interação constante, adquirem vocabulário e um modo típico de se comunicar. A diferença lingüística não é, assim, uma barreira para o relacionamento. Antes, é um atrativo à parte que dá ao trabalho de pedir dinheiro, ou a uma simples conversa, características de uma nova brincadeira.

Em uma oportunidade, subindo o morro do Cristo, havia um grupo de policiais armados correndo e gritando. Sugerimos voltar, pois poderia ser perigoso ficar ali. Quando retornamos, vimos um turista com a mala nas costas voltar do morro. Sentimos curiosidade em saber se ele havia sido assaltado. Bigão disse; “*pode deixar que eu pergunto. Sei falar a língua deles*”, como se todos os turistas falassem uma mesma língua. Com toda a

intimidade de quem lida muito com turistas, perguntou se ele havia sido assaltado, em uma curiosa mistura de português, espanhol e italiano. O rapaz incrivelmente pareceu entender e disse que não. Bigão traduzia o que o turista falava em um português sofrível, mas entendível por todos nós. Era engraçado ouvir o turista dizer: “eu non ser assalto” e Bigão traduzir: “ele disse que não foi assaltado”. O turista apontou para o malabaris de Bigão. Bigão imediatamente deduziu que o turista queria vê-lo dar uma demonstração de suas habilidades e prontamente assim o fez. O turista disse “oui, oui”. Vi, então, que era francês. O turista pediu para tirar uma foto nossa “de lembrança da Bahiá”.

Outras brincadeiras e brigas

Bigão e os meninos se divertem com brincadeiras antigas, recriando-as muitas vezes. No contexto em que brincam, surgem brigas nas quais os ressentimentos aparecem e grupos oponentes se formam.

Um dia, Bigão chamou Miguel-Mudinho para jogarem capoeira. Os dois estavam jogando quando Ginga se aproximou querendo jogar também. Bigão e Ginga demonstram ter muito jeito para a Capoeira. Depois eles pararam e Bigão propôs o concurso de dança. Primeiro foi Ginga dançando o arrocha. Depois Miguel-Mudinho que, sorridente, emitia sons e dançou no ritmo. Em seguida, foi Bigão que dançou, como já conhecíamos.

Os meninos depois começaram a pular uns sobre os outros, dando nomes diferentes às variadas formas de se pular sobre o amigo. “Gavião” era com as mãos em forma de garra. Havia outra modalidade na qual se encostava o bumbum nas costas do parceiro. Em determinado momento, ninguém queria ser mais aquele que se abaixa e os outros pulam por cima. Apareceu, então, Paulo, um menino que já conhecíamos da Fazenda Coutos e dali mesmo da Barra, do grupo do lado oposto ao mar. Paulo se propôs abaixar, mas Bigão não gostou de ele estar ali. Parou a brincadeira. Ginga ainda chamou Paulo para brincar também. Bigão, no entanto, estava enfezado, “*ninguém te chamou aqui*”. Paulo foi se aborrecendo e disse; “*eu não tô fazendo nada*”. Bigão encostou-se a ele, empurrando-o de leve com o bastão do malabaris. Paulo não gostou e repetiu: “*o que é? Não tô fazendo nada*” e o empurrou também. Bigão disse que Paulo cheirava cola. “*Quem disse? Você já me viu cheirando alguma vez?*”. Com uma agilidade impressionante, Paulo pegou um bastão do chão e direcionou-o para Bigão. Dissemos que parassem. Bigão empurrou de novo Paulo e este se atracou a Bigão. Um homem que estava à nossa frente, com sua namorada, falou para Paulo deixar Bigão. “*Deixa disso, rapaz, ele estava brincando com as meninas*”. O homem tirou o bastão de Paulo, mas este continuou prendendo Bigão pelo pescoço. “*Só solto se ele não me bater*”, e mandou Bigão largar o bastão. Bigão, então,

começou a chorar. O homem falou para Paulo largar Bigão. Finalmente, Paulo afrouxou o braço e Bigão se desvencilhou. Veio até nós enxugando as lágrimas. Paulo foi embora. Falamos para Bigão que Paulo parecia só querer brincar também. Bigão disse, no entanto, que Paulo não era legal, roubava as pessoas, chamava ele e Ginga para roubar as panelas dos vizinhos. Ginga confirmou e disse que só Bigão nunca havia roubado. Não soubemos se, com essa afirmação, Ginga estava dizendo que também ele mesmo já roubara.

Sombra e água fresca

A Barra é um lugar com muitas possibilidades de diversão. Cair no mar, beber uma água de coco e sentar à sombra de um coqueiro faz parte do dia-a-dia dos meninos. Entre uma ida e outra ao mar, mostram a boa relação construída com os policiais que lhes permitem esconder o malabaris embaixo do *trailer*, onde trabalham. Bigão revela também saber respeitar compromissos firmados.

Era um dia deslumbrante: “tudo-azul-todo-mundo-nu”. Os meninos corriam e, literalmente, rolavam pelo morro. Pareciam não temer nada nem ninguém. Era impressionante, por exemplo, a intimidade e falta de cerimônia que demonstravam com um posto policial ali perto. Entram, escondem seus malabaris embaixo do carro. Os policiais vêm e não dizem nada. Os meninos parecem confiar nos policiais e vice-versa. Depois de um tempo, resolveram descer o morro e ir até a praia. Deixaram suas roupas e dinheiro com a gente. Dissemos que fossem rápidos, pois logo estaríamos indo embora. Bigão disse que, quando desse a hora, bastava darmos um aceno com a mão. Os meninos desceram. Lá embaixo, caíram de cabeça na água e nadaram. Todos sabiam nadar bem. Apostaram corrida e estavam sempre nos apontando alguma coisa que faziam, seja a forma como iam cair na água (com os pés cruzados, por exemplo), seja um nado só de uma mão. Depois de um tempo, acenamos demonstrando que já queríamos ir embora. Ginga, como toda criança, pediu “*só mais um pouquinho*”, mas Bigão prontamente veio. Ele cumpre os tratos.

Aniversário de Marley e ida ao zoológico

Um dia foi o aniversário de Marley. Havíamos falado com Bigão para convidá-lo a ir à Barra na segunda-feira, pois queríamos lhe fazer uma surpresa. Bigão disse que Marley não viria. Pensamos em um plano B: iríamos pro Zoológico com os meninos, mesmo sem Marley, e pediríamos que eles fizessem um cartaz, desenhando o que gostariam de dar para Marley. Quando Marley aparecesse de novo, mostraríamos o que havia sido feito.

Chegando ao Cristo, qual não foi a nossa surpresa ao vermos Marley e Bigão sorrindo para nós. “*Mas, Marley, Bigão disse que você não viria hoje para o zoológico*”, dissemos. Bigão apressou-se em responder que havia dito aquilo para fazer uma surpresa.

“Ah, mas a surpresa era nossa. Quase não íamos trazer nada”, respondemos. A alegria e o alívio em vê-los era tanto que esquecemos rapidamente a “brincadeira” de Bigão. Os meninos dão uma sensação de estarem sempre por nos escapar. Quem sabe não lhes damos também essa sensação? Nós, eles, os encontros, tudo muito passageiro, tudo em frenético trânsito, indo e voltando, para, talvez, ir mais uma vez e não voltar. Mas havíamos avisado, desde o início, que os encontros diários teriam um fim. Depois, apenas nos veríamos de vez em quando.

Acertamos, então, irmos para o zoológico a pé. Os meninos caminham parecendo não conhecer distâncias nem obstáculos. Cansam-se, tem o ônibus que pegam sem pagar passagem. Conseguem a água pelo caminho, com os donos de vendolas. Estão entregues ao curso dos acontecimentos. Nós calculamos os passos: é muito distante? Temos dinheiro para o ônibus? E a água, será que dá pra todo mundo? Mas, com eles, acabamos também por esquecer qual o rumo do caminho seguro. Fomos caminhando juntos, subindo ruas, equilibrando-nos nas balaustradas da praia, saudando outros meninos da Fazenda Coutos e conversando muito sobre os bichos do zoológico. Ginga estava ansioso por conhecer o lugar. Ouvira falar que existia ninho de cobra. Bigão já havia ido uma só vez com as meninas do Projeto Axé. Disse que teve de pagar um dinheirão. Mas como, se é de graça? Ele não soube explicar. Ficamos sem saber se era uma brincadeira, invenção ou mentira mesmo. Os meninos, de vez em quando, paravam para pedir dinheiro às pessoas. As feições deles mudavam para aquele “jeitinho” de pedinte-pobre-coitado. Era engraçado e estranho. Eles não nos diziam nada. Simplesmente atrasavam o passo e, quando olhávamos para trás, estavam interpelando os transeuntes. O chamado “trabalho”, então, não terminava nunca; permeava todas as horas e momentos do dia. Os meninos ficavam passeando entre nós: uma hora seguravam o braço de uma; outra hora, o braço de outra. Pareciam, de fato, encantados com a atenção que nós lhes dedicávamos. Bigão cantou para uma das pesquisadoras uma canção falando de amor. Depois, cantou uma canção semelhante para Grayce, acrescentando um engraçado “ô, ô, ô”. Aproximou-se de Talita e disse estar ela muito bonita sem óculos. Grayce contou-lhe que seu namorado era altão. “Mas, então, como ele dá um beijo em você, tão baixinha?” Grayce tem 1m e 55 cm e simulou o namorado se abaixando para beijá-la. Bigão sorriu e disse: “e olhe como eu te beijo”. Esticando os pés, deu-lhe um beijo na bochecha, invertendo a possível postura do namorado de Grayce. Decididamente, Bigão sabe a arte de seduzir e aproveita, cada instante, para colocá-la em prática.

Bigão contou que já dera um beijo em uma menina, sua prima. Grayce brincou: *“quanto mais prima, mais empina”*. Bigão pareceu não ter entendido a piada. Pelo menos, não riu de maneira especial. Há alguma coisa ainda inocente neles, que os fazem parecer sempre mais crianças do que adolescentes, apesar da idade e de toda a vivência erotizada pela qual passam através das músicas, das danças e da própria vida nas ruas.

Quase não vimos o tempo passar, tantas eram as conversas. Por fim, chegamos ao zoológico. Mas o portão estava trancado e o vigia nos informou que, segunda-feira, o zoológico fecha sempre. Sentamos no passeio próximo e abrimos as garrafas para beber água. O caminho havia sido longo, sob um sol escaldante. Os meninos beberam água com a gente, sem encostar a boca no gargalo. Sobrou muito pouca água para cada um. Fizemos uma pequena roda e a cartolina foi aberta. Sugeriu-se, então, que Bigão desenhasse algo que gostaria de dar para Marley e que Marley, por sua vez, desenhasse algo que gostaria de dar para Bigão. Inicialmente, Bigão não gostou da idéia. Parecia ter ciúmes do aniversário de Marley. *“Quem sabe, meu aniversário não é hoje também?”*. *“Mas Marley vai desenhar algo para você, Bigão”*, dissemos. Ele se conformou um pouco, mas insistiu: *“eu não quero dar nada pra ele, não. Ele nunca me deu nada...”*. Aceitou, por fim. Quando colocamos os hidrocores no chão, Ginga veio pegá-los. Queria, claro, desenhar também. Bigão não quis deixar Ginga pegar em nenhum lápis, apesar de termos levado muitos. Separamos alguns hidrocores para Ginga e este foi desenhar separadamente. Ficamos com Bigão e Marley. Bigão desenhou um coração grande. Dentro do coração, fez uma pequena televisão com um menino fazendo malabaris, segundo informou. *“É Marley fazendo malabaris e sendo filmado por um turista”*. Depois, desenhou uma bicicleta e disse: *“coloca aí, Romelson dá uma bike para Marley”*. Romelson é o nome de Bigão. Parou um pouco e espiou o que Marley estava fazendo. Marley desenhava um ônibus. *“Você vai me dar um ônibus?”*, perguntou Bigão, parecendo achar que Marley não colocara muito *“sentimento”* no presente que daria para ele. *“Mas eu desenhei um coração...”*, disse. *“Ônibus é legal. Nesse ônibus, só tem gente chique; só turista”*, disse Marley.

Terminado o cartaz, Bigão falou, no ouvido de cada um de nós, para cantarmos os parabéns de Marley. Imaginei, talvez, o esforço de Bigão para nos pedir aquilo superando seu ciúme. Cantamos, então, animadamente os parabéns.

Retorno e apreensões

A ida do Jardim Zoológico fez emergir as conseqüências daquela inserção ecológica tão intensa: apego, apaixonamento, curiosidade acerca de onde morávamos e desejo de

morar conosco. De nossa parte, sensação de ameaça e cerceamento da liberdade de ir e vir pela cidade despreocupadamente.

No retorno do Jardim Zoológico, pensamos em como faríamos para andar tudo de novo, a pé. Os meninos disseram que iriam pegar um ônibus e voltariam para a Fazenda Coutos, mas, a cada parada nossa em um ponto para deixá-los, eles desistiam e continuavam nos acompanhando. Bigão disse para Grayce que queria morar com ela. Afirmou, inclusive, que se sustentaria fazendo malabaris: “*eu boto dinheiro em casa*”. Ginga parava muitas vezes para pedir dinheiro aos transeuntes. Luane contou que Ginga abordou um carro e um homem falou para ele: “*a moça não lhe diz que é feio pedir?*”. Luane chamou Ginga para continuarem a andar. Ginga disse: “*você é feia*”. Luane respondeu: “*Você acha?*”. “*Todo mundo é feio*”, continuou Ginga. Devia estar muito magoado. O seu “trabalho” fora chamados de feio.

Paramos perto do ponto de ônibus do bairro de Ondina. Os meninos disseram que iam ficar ali e nos chamaram. Dissemos que precisávamos nos reunir e conversar sem eles. Ginga fez cara de triste. Não queria nos largar. Finalmente, nos deixaram. A sós, as meninas falaram de seus receios. Os meninos insistiam em conhecer a casa delas. Luane teme pelo fato de morar ali perto. Milena se disse constrangida em passar pela sinaleira da Barra, de carro. A Barra é um bairro central em Salvador. É também um bairro de ligação entre o centro e a Pituba-Itaigara, o lado mais novo da cidade. Não há como escapar da Barra. Não havia, então, como escapar dos meninos. Mas seria preciso escapar deles? Havia algo, de fato, a temer na relação que ficaria entre nós?

Talvez, nosso desejo fosse, terminada a pesquisa, despirmo-nos dos trajes de “amigas” dos meninos e nunca mais voltar a vê-los. Algo assim como quem abandona uma aldeia de índios, volta para a cidade e conta a experiência desse passado recente que ficou, definitivamente, para trás. Tudo foi suportado, mas acabou. A nossa experiência de pesquisa não era assim. A morada dos meninos é também, um pouco, a nossa, mesmo que de passagem. A morada deles avança pelos nossos espaços. É invasiva. Como expulsá-los, quando terminada a pesquisa? Mas pesquisadores contactados falam que não se deve temer a relação com os meninos em situação de rua. Esta relação mais nos protegeria do que ameaçaria. Os meninos sabem de nossas diferenças de classe social, não é preciso disfarçá-las ou escondê-las.

Ninguém na Barra

Durante alguns dias, nenhum dos meninos do grupo ao lado do mar apareceu na Barra. Foram dias incertos e angustiantes. Os motivos da ausência eram longamente

debatidos pelas pesquisadoras, sem que chegássemos a nenhuma conclusão. Faltavam as entrevistas do passado, presente e futuro, o cartaz e a narrativa do cartaz. Não era pouco e o tempo corria.

Encontro com Ginga

Depois de dias consecutivos sem ver ninguém do grupo de Bigão na Barra, finalmente, encontramos Ginga. Este, no entanto, nada esclareceu sobre a ausência de Bigão e Marley. Colocamos nossas suspeitas: quebra de confiança por termos faltado um dia, ciúme de Bigão ou o fato de estarmos sendo um obstáculo para o trabalho deles na sinaleira. Ginga permanecia impassível dizendo nada saber. Mas seu estranho jeito de proceder, mais distante e pouco falante, fez-nos crer que estivesse escondendo algo. Ginga representava uma via – talvez a única – de contato com os meninos, por isso esclarecemos a ele a razão da falta do sábado e reiteramos a nossa intenção de não prejudicá-los no trabalho.

Retornamos à Barra. O primeiro plano era, se encontrássemos Bigão, dar início às perguntas sobre o futuro e marcar o dia do cartaz. Se não o encontrássemos, iríamos até a Fazenda Coutos. Chegando à Barra, não vimos ninguém. Esperamos um pouco e depois fomos olhar a praia. Vimos, ao longe, o perfil de Ginga perto de umas mulheres deitadas, tomando sol. Imaginamos que ele estivesse pedindo alguma coisa. Os malabaris estavam no chão e um homem os pegou para tentar imitar os meninos. Grayce, de onde estávamos (na calçada da Barra e do alto), com os dois dedos na boca, deu um assovio estridente. Ginga olhou e nós o chamamos para subir. Ele fez sinal para esperarmos. Continuou falando com as mulheres. Grayce assoviou de novo e demos sinal que iríamos esperá-lo, sentadas na sombra da árvore. E assim fizemos. Daí a pouco, veio Ginga e um outro (também da Fazenda Coutos). Perguntamos por Marley e Bigão. Ginga disse que eles não viriam, pois estavam na escola. Mas Bigão estudava pela manhã. Insistimos, mas Ginga não sabia explicar. Resolvemos mandar um bilhete para Bigão e Marley falando que estávamos com saudades. Despedimo-nos e voltamos para a casa de Luane, nosso bat-local.

Descoberto o motivo da ausência: as mães estavam reclamando.

Em novo encontro com Ginga, descobrimos que as mães dos meninos estavam reclamando porque o trabalho não rendia mais. Segundo insinuações de Ginga, as mães não estavam gostando de nossa presença na Barra. Suspeitamos, assim, que os meninos haviam sido deslocados para outra região. Na verdade, aquele trabalho era fundamental para a renda da família. Bigão nos havia dito que embolsavam, por dia, em média, 25 reais, o que dá um total por mês bem acima do que é oferecido pelo possível salário mínimo da mãe e pelo

programa bolsa-escola do governo. O trabalho, no entanto, não impede que eles recebam o bolsa-escola. Para muitos deles, o regime é de estudo e trabalho todos os dias.

Fomos de novo para Barra, procurar os meninos. Sentamo-nos na balaustrada e esperamos. Nenhum dos meninos apareceu. Inclusive, do outro lado da rua, onde ficava um outro grupo, também não havia ninguém. Aguardamos um pouco mais quando apareceu Ginga. Havíamos combinado com ele irmos para a Fazenda Coutos. Ginga, no entanto, parecia não querer ir. Estava calado e nos respondia por monossílabos. Questionado se havia dado os recados, por escrito pra Marley e Bigão, disse ter dado pra Marley, mas que o de Bigão, perdera. Achamos estranho. Ginga começou, então, a falar mais. Insinuou que as mães estavam reclamando porque eles não estavam trabalhando direito e disse que Bigão queria vir, mas que a mãe dele não deixava. Reafirmamos que faltava muito pouco para o nosso trabalho terminar e que, depois, não voltaríamos com aquela frequência. Ginga voltou-se para as moedas que tinha dentro do chapéu e tirou duas de 10 centavos e ofereceu uma para mim e outra para Milena, dizendo que era para comprarmos queimados (nome de bala ou bombom, na Bahia). Eu e Milena, emocionadas, devolvemos as moedas para Ginga, agradecendo muito, mas afirmando que não queríamos.

Já em clima de despedida, agradecemos a Ginga todos os sorvetes, balas, barras de cereais e moedas que ele nos ofereceu. Abraçamos aquele toco de menino já solto nas ruas e todo um filme passou em nossas mentes. Aquela criança pequena fazendo piruetas com extrema habilidade, empinando pipa no morro do Cristo, jogando capoeira e dançando o arrocha com a sensualidade de um adulto. Lembramos, também, de sua desenvoltura atravessando a avenida de um lado para o outro e conseguindo dinheiro para si e para a família, com um olhar meigo que se sabe sedutor. Ginga tem apenas sete anos, não é nada ingênuo (sabe fazer cara de coitadinho e dar beijos em nosso rosto de forma a “sem querer” dar um beijo na boca também), mas, mesmo assim, conserva uma pureza difícil de explicar. Talvez, essa “pureza” se mostre, um pouco, na suposição de que precisamos de 10 centavos para comprar um “queimado”.

Volta de Bigão

Quando a esperança já estava quase perdida, Bigão ressurgiu com a gentileza dos primeiros dias. Retornando mais uma vez ao Cristo, não vimos, logo, nenhum dos meninos. Enquanto especulávamos sobre as razões do desaparecimento deles, ouvimos, bem longe, alguém chamando. Olhando para trás, vimos a pequena silhueta de Bigão entrecortada pelos coqueiros, acenando-nos. Sentimos imensa alegria ao vê-lo. Abraçamos, então, aquele menino pequeno, de olhos tão vivos. Bigão disse que não estava vindo por causa da escola.

Aceitamos a explicação, mas esclarecemos, de novo, que não queríamos atrapalhar o trabalho deles na rua. Bigão repetiu sua fala gentil de quando nos encontramos pela primeira vez: “*não é você que nos atrapalha, tia. Nós é que atrapalhamos você.*” Dito isso, não havia o que retrucar. Era o nosso Bigão de sempre cativando os que estavam à sua volta.

Entrevista e despedida

A entrevista, os recortes e os desenhos foram feitos e nosso trabalho com Bigão chegou ao fim. Caminhamos em direção ao prédio do laboratório onde aplicávamos as entrevistas. O gerente do laboratório permitiu que usássemos a parte externa do seu estabelecimento, onde havia mesa e cadeiras, para fazermos as entrevistas e o cartaz. Sua filha estuda psicologia e ele se mostrou muito simpático e amigável com a gente. Bigão parou um instante dizendo que ia pegar a fita cassete para gravar músicas depois da entrevista. Logo Bigão voltou. Feito todo o trabalho, os meninos foram liberados para gravarem o que quisessem. Eles cantaram e batucaram. De repente, Marley cantou: “*o nego segura a cabeça com a mão e chora e chora, sentindo a falta do rei...*”. A emoção era crescente. Uma despedida com músicas muito sugestivas. Bigão cantou: “*minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer...*”. Aqueles meninos baianos que sabem viver a vida, apesar de tudo, cantando Dorival Caymmi, fizeram-nos, definitivamente, esquecer o tempo. Bigão ainda nos brindou com a música de Escrava Isaura: “*vida de nego é difícil é difícil como quê. Eu quero morrer de noite....*”. Parecia sermão encomendado para uma despedida. O *grand finale* de uma vida vislumbrada sem futuro? Ou, ao contrário, futuro bem definido para os meninos negros da rua?

III - Futuro

Quando Bigão imagina o futuro, vê-se em uma casa “*bonita, com dois quartos, cozinha, geladeira, colchão, rua para brincar, pé de árvore (...), balança*”. Na casa, estaria toda a sua família: mãe, irmãos, o padrasto e Neicinha (moça que tem deficiência mental e ajudou a cuidar dele quando pequeno). Questionado, reitera o sonho de ter a presença do padrasto e do irmão mais velho, se um parasse de beber e o outro de se drogar. Os únicos amigos que o acompanhariam seriam três: Ginga, Marley e o Mudinho. Estes já faziam parte de sua turma na Barra. Os outros amigos seriam meninos “*de apartamento*”. Com essa expressão, Bigão parecia desejar a companhia de meninos ricos. Mas, ao ser indagado se esses meninos seriam “*ricos ou legais*”, optou por um desejo, mais socialmente aceito, dizendo: “*legais*”. A casa idílica se localizaria na Barra, onde também estaria seu futuro

trabalho, como segurança de hotel e sua escola. Na Barra, a praia, a sinaleira, os policiais, o farol, o Cristo, o trampolim, para se jogar e cair na água, formam o cenário ideal do seu futuro. Para realizar tal sonho, Bigão acha necessário estudar, mas “*só Deus poderá me ajudar*”.

3.2 *História de Mário*

I - Passado

Mário não sabe, ao certo, quando nasceu. Acha que tem 12 anos. Segundo contou, nasceu em Itabuna, cidade do sul da Bahia. As lembranças dessa época são surpreendentemente precisas. A mãe possuía cabelos amarelos pintados e olhos verdes. Já o pai era bem magro, negro e bebia muito.

Antes dos cinco anos, seu pai matou a mãe e, em seguida, matou-se. Mário presenciou tudo e descreve a cena com riqueza de detalhes. Contou que o pai deu facadas em duas partes do corpo da mãe: nuca e barriga. Mário é capaz de encenar essas facadas vividamente. Contou também que sua mãe morreu em seu colo, pedindo-lhe para tomar conta de sua irmã. Morreu de olhos abertos. Mário fechou seus olhos depois, chorando muito. Para ele, a morte do pai foi pior do que a da mãe. Antes de se matar, o pai foi ao espelho dizendo “*vou deixar os meus filhos sozinhos*” e cortou, com a faca, vagarosamente, o próprio pescoço.

Vinda para Salvador e início da vida nas ruas

Mário e a irmã, cinco anos mais velha, foram levados para a casa da avó paterna. Essa avó consumia drogas. Em pouco tempo de convivência, ele e a irmã decidiram fugir de Itabuna para Salvador, pegando carona em um caminhão. O motorista de caminhão tentou estuprar sua irmã, mas Mário acertou-lhe uma pedra na cabeça, ferindo-o quase de morte. Conseguiram escapar e pegar outra carona que, dessa vez, levou-os até Salvador sem problemas. Largados na rua, cedo aprenderam a sobreviver sozinhos. No início, ele e a irmã faziam companhia um ao outro e se protegiam. À noite, enquanto a irmã dormia, Mário vigiava. De manhã, trocavam: ele dormia e a irmã ficava de prontidão. Mas a irmã, às vezes, era “*chata*”, querendo sempre lhe dizer o que devia ou não fazer. Um dia, ela sumiu. Mas ele a encontrou, ainda uma vez, “*fazendo vida*” no Pelourinho. Perguntou o que estava fazendo, mas a irmã desconversou. Deu, então, uma “*rasteira*” nela. Desde esse dia, nunca mais a viu. Lembra-se, no entanto, de ter avistado uma pessoa, com traços parecidos, dirigir-se a um carro com um homem, na Barra. Mário acha que a irmã “*sumiu no mundo*”,

com esse homem. Mesmo assim, tem esperança de reencontrá-la. Se a visse, diria que fez muito mal em tê-lo deixado sozinho.

Retorno a Itabuna

Algum tempo depois, voltou à Itabuna. Nesse retorno, descobriu que a avó paterna, além de consumir, traficava drogas. Em baixo de um colchão, apanhou quilos e quilos de maconha e *crack*. Roubou alguns quilos, fugiu e nunca mais voltou. Não queria acabar preso com a avó.

Lembranças dolorosas e confusas

Contradições e imprecisões aparecem com frequência na fala de Mário. Uma imprecisão flagrante diz respeito ao tempo em que seus pais morreram. Mário afirma que essa tragédia ocorreu quando ele tinha menos de cinco anos. No entanto, algumas de suas lembranças parecem impossíveis de ocorrerem antes dessa idade. Por exemplo, conta que sentia, nesta época, falta de uma televisão. Relata também ter havido muitas brigas entre os pais e que não se sentia bem em sua própria casa. Duas explicações são possíveis: primeiro, um trauma tão forte pode tornar a memória mais detalhista para os eventos próximos, mesmo quando estes ocorrem em um momento ainda neurologicamente imaturo do ser humano. Segundo, Mário pode ter simplesmente se confundido quanto à sua idade, já que, em vários momentos, mostrou-se pouco situado no aspecto temporal dos fatos (vide análise do cartaz).

II - Presente

Mário é alto, magro, de pele escura e cabelos crespos. Nunca frequentou escola. Não sabe ler nem escrever, e tem uma pronúncia acentuadamente ruim, na maioria das palavras. Mas escreve o próprio nome. Tal habilidade aprendeu com as moças de projetos, na rua. Tem também conhecimento de algumas noções matemáticas. Uma vez, Mário saiu, tirou um dinheiro e deixou o resto com as pesquisadoras. Depois de muita conversa, o dinheiro foi devolvido. Mário disse: “*tem aí 3 reais, não?*”. Tinha 2 e 75. Ele achou estranho, mas, em seguida, disse: “*ah, é porque eu tirei dinheiro para comprar cigarro*”. Era verdade, também havíamos esquecido. Mário disse que gosta de números, contar até 50, somar, etc. Ele disse não gostar de desenhar. Acha difícil. De fato, no cartaz, fez menos que garranchos para representar casas, ruas e pessoas.

Sem documento algum, Mário não parece fazer questão de obtê-los. Contou, por exemplo, que fez um exame de sangue, mas não pôde pegar o resultado porque não possuía carteira de identidade. Mas como, sem carteira de identidade, pôde tirar sangue? A história

estava mal contada. Por que não pedia auxílio ao Projeto Axé para tirar sua carteira de identidade? Mário contou que seu pai, em uma “*brincadeira*” com a mãe, queimara seu registro de nascimento. Educadores de rua, do Projeto Axé, entretanto, sugerem que o desinteresse é devido ao fato de que, através dos documentos, são identificadas as possíveis passagens pela polícia e a idade real, a temida maioridade, aos dezoito anos.

Dormir nas ruas e nas instituições

Mário dorme quase sempre na rua, desde os cinco anos. Já tentou ir a alguns abrigos de Salvador, mas não gostou do tratamento: o banho é “*friozão*”, tem que se acordar “*cedão*” e não há nada para se fazer. Mesmo os abrigos oferecendo comida, não valem a pena, são “*chatos*”. Um dia, foi parar no Juizado da Criança e do Adolescente por causa de um roubo na Barra, “*lá é horrível os monitores esmurram os meninos*”. Fugiu do Juizado. Nunca mais foi roubar. Alguns meninos o convidam, mas ele diz: “*depois que você roubar, divide o dinheiro comigo*”.

Na rua, a noite é violenta. Uma vez, Mário mostrou o pé descalço – desde o zoológico, ele não tinha sapatos – e disse que haviam tentado tocar fogo nele, de noite. Não dormiu mais, fugindo dos “*pivetes*”. Acabou no Pelourinho. Espinheira (2004b) diz ser a tentativa de colocar fogo nas pessoas uma prática extremamente comum nas ruas. O episódio com o índio em Brasília só chegou à imprensa pela infeliz coincidência de o suposto mendigo ser um índio e aquele ser o dia do índio.

Mário dorme, geralmente, em um papelão, sem ninguém. Dormiu, uma noite, com uns meninos que acabaram conseguindo, desta vez, tocar fogo em seus pés. Mostrou-nos a marca que a queimadura havia deixado. Nesse episódio, Mário revelou ter ido a um posto de saúde onde enrolaram o seu pé. Os panos fediam. Tirou tudo e foi para o mar. Ardeu um pouco, mas foi melhorando. Um cascão formou-se por cima da pele e ele ia arrancando até que o pé ficou bom.

Há também episódios de roubo, nas noites das ruas. Em uma ocasião, os malabaris de Mário foram roubados. Isto lhe causou muita tristeza. Mário não possui nada de próprio, apenas a roupa do corpo, e mesmo esta se reduz a um short e uma blusa, já que a sandália lhe foi roubada, também. Acostumou-se, assim, a buscar e a perder, sempre, os suprimentos para as suas necessidades. Um dia, tinha um papelão e, no outro, já não o possuía; aparecia com um malabaris, para em seguida comunicar que o havia perdido. Por isso, algumas vezes, deixava as roupas e as revistas que ganhava com umas “*tias*” da rua.

Vida nas ruas

No início, na rua, era tudo ruim: o frio, a fome... Foi, então, que começou a se viciar em drogas. Logo passou a consumir diariamente “pedra” (*crack*), maconha, cola, cocaína e “*pico na veia*”. Sob o efeito dessas substâncias, já roubou várias vezes e quase matou uma pessoa, sempre com a intenção de ter dinheiro para comprar mais drogas. Foi preso cinco vezes, por esses problemas. Todo dinheiro que recebe nas ruas é para comprar drogas. Quando quer comer, pede nos restaurantes. Se o dono não der, os clientes dão. Quando perguntado o que acha das drogas, Mário denuncia a contradição inerente à questão: “*é bom, é ruim, é bom, é ruim*”. Finalmente, nesta oscilação, predominou o aspecto “*ruim*” da experiência com as drogas e Mário decidiu procurar uma clínica para desintoxicação.

Mário descreve a rua, por vezes, de forma bastante negativa. Diz: “*a rua não presta para ninguém, nem para mim, nem para os outros (...) os caras queimam, os policiais batem, os outros (meninos grandes) batem também, aí fica nessa*”. Mário presencia muitas brigas, estupros, violência dos policiais. Para justificar sua ausência em um dia, na Barra, contou que havia tido uma briga “*(...). Dois meninos brigaram porque um pegou o dinheiro do outro. (...) Enquanto os meninos estavam brigando, um outro (parece seu conhecido) tentou estuprar uma colegial que havia ido ao Cristo passear.*” Mário disse “*passear*” em um tom, como quem diz “*Imagine! Passear em um lugar perigoso como o Cristo*”. Perguntado se havia tentado ajudar, Mário, em um primeiro momento, disse que não podia fazer nada, só ficou vendo. Mas, depois, revelou ter ido chamar os policiais. Os policiais estavam no módulo resolvendo outro problema. O rapaz que tentou estuprar a colegial se dera “*mal*”, “*foi conhecer tia Dete*”, segundo Mário. “*Tia Dete*” é a detenção, explicou.

Em outro momento, Mário se queixou dos policiais que “*não pegavam os gringos, apenas o povo da terra*”. Os estrangeiros/turistas podiam fazer tudo: fumavam o que queriam e, muitos deles, eram gays. Os policiais só batiam e prendiam os nativos. Mário contou que um policial que havia abordado os estrangeiros/turistas no Cristo, matara, com dois tiros, um amigo seu. Relatando o fato, disse estar ele e este amigo deitados no Cristo dormindo, quando houve um assalto. Os ladrões fugiram e aquele policial veio e deu dois tiros na nuca do amigo de Mário, que nada fizera. Depois, atirou-o no mar. Mário disse que só ele sabia do acontecido e que não denunciava porque seria sempre a palavra de um policial contra a dele, Mário, e “*quem iria acreditar em minha palavra?*”.

Na mesma Barra, um outro policial, uma vez, veio andando em nossa direção. Demonstrava uma expressão facial bem diferente da que dirigia à Bigão e sua turma. Sua testa estava franzida e os lábios cerrados. Parecia um outro policial. Ainda lembrava dele

sorrindo e dando a Bigão parte de seu almoço. Mas, mesmo com aquela expressão sombria, o policial cumprimentou Mário e este devolveu o cumprimento. Mário nos contou que foi aquele policial que lhe dera duas coronhadas na cabeça com o cano do revólver e lhe deixara feias cicatrizes na testa e no queixo. Quando Mário contou isso pela primeira vez, disse que ficara “*banhado de sangue*” e, logo depois, como que por associação, falou que assistira na tv, A Paixão de Cristo. “*Ô, tia, por que fizeram aquilo com ele?*” Foi pergunta muito difícil de ser respondida.. Na Fazenda Coutos, havia um policial conhecido por todos, inclusive por Mário, como “*Diabo Louro*”. Segundo Mário, “*Diabo Louro*” era um policial “*psicopata*”. Este termo, para os meninos, significava “*uma pessoa que mata rindo*”. O policial aterrorizava os meninos de dia e de noite, em vários pontos da cidade, pois também roubava.

Havia casos de assédio sexual, como, por exemplo, quando Mário contou haver aprendido karatê com um homem na rua. Este homem o viu, uma vez, apanhando. Resolveu, então, ensinar-lhe essa arte marcial. Passou vários dias neste ensinamento. Em seguida, levou-o a um hotel dizendo ser de sua propriedade. Quando lá chegaram, Mário viu uma porção de homens entrando e saindo de um quarto. Achou estranho e resolveu espiar. Percebeu que os homens estavam fazendo “*suruba*” lá dentro. Começou a chorar dizendo que queria voltar para a rua. O homem do Karatê o levou de volta.

Rede

Mário diz ter muitos amigos da rua, “*mais de dez*”. Com eles, apenas consome e compra (para vender) drogas, além de roubar, mas não passeia ou dorme junto: “*ladrão só e puta só*”. Na verdade, apenas confia realmente em dois, Baby e Rodolfo. Mesmo assim, não lhes conta segredos. Com Baby, tem uma relação paternal, protetora, não deixa os outros baterem nele. Baby mora na rua também, em Itapuã. Mário diz que ele o chama de “*papá*”. Segundo Mário, esse menino fugiu de casa porque o pai o esmurrou. De nenhum desses amigos ouviu qualquer tipo de conselho. Ele mesmo, no entanto, disse a Baby e Rodolfo: “*se vocês usarem drogas, mato de porrada*”. Baby retrucou: “*então, por que você usa? Eu não posso usar?*”. Mário foi taxativo: “*pode não, pode não. Eu sei o que é errado e o que é certo. Você não sabe não*”.

Os outros amigos mais citados são Rasta e Moela, parceiros do *crack*. Essa era uma relação de idas e vindas, confusa e cheia de desconfiança. Mário contou ter descoberto que Rasta era – e fez o gesto da mão “*desmunhecando*” – *gay*, pois os policiais ali da Barra disseram tê-lo visto tendo relações com outro homem, no Cristo. Mário nos disse ter perguntado diretamente a Rasta se ele era “*veado*”. Rasta dissera que sim. Mário não quis

mais andar com Rasta, depois disso, pois as pessoas podiam pensar que os dois fossem “*casal*”. O outro amigo de Mário, Moela, também é “*veado*”. Moela anda muito com Rasta. Mário procura não andar mais, nem com um nem com outro. Mas são esses dois amigos que lhe dão as drogas. Isso torna Mário, ao mesmo tempo, agradecido e desconfiado. Diz: “*Moela e Rasta me dão drogas, mas comida eles não me dão*”.

Quando precisa de auxílio financeiro, Mário não recorre a ninguém, rouba simplesmente. Seus amigos não o ajudam, pois sabem que o dinheiro se destina à compra de drogas. Na doença ou no perigo, recorre a Deus. Na tristeza, “*sento na cadeira e fico pensando na vida*”. Esses momentos ocorrem quando ele pensa na família e na mãe. Mas, nessas horas difíceis, não encontra apoio. As pessoas falam que ele é ladrão, seus amigos todos usam drogas, “*como vão ajudar?*”. Mas tem os “*tios*”. Eles lhe dão conselhos e comida, como “*tia*” Cira (famosa baiana do acarajé em Itapuã), “*tio*” João (vendedor de cafezinho), “*tio*” Macaco (vendedor de picolé) e as “*tias*” que o entrevistavam (as pesquisadoras).

Características pessoais

Mário já ajudou seus companheiros de rua. Um dia ele roubou dinheiro de um gringo para comprar “*pedra*” (*crack*). Mas, também, comprou comida para os “*pivetes*” que estavam com fome. Não consegue, no entanto, apontar algo de bom em si mesmo. Quando o fez escolheu a orelha, mas, logo em seguida disse que era “*feia*”. Quanto aos defeitos, enumera dois: ele se droga e rouba.

Mário sabe muito bem disfarçar os ditos “*defeitos*”. No primeiro encontro com as pesquisadoras, uma imagem bem diferente foi passada através de amigos e das educadoras do Projeto Axé. Perguntado a Bigão o que achava de Mário, ele o considerou “*gente boa, não tomava nada de ninguém. Não tem mãe pra cuidar dele, mas é gente boa*”. Bigão ainda disse que Mário não procurava confusão com ninguém e que, quando ele (Bigão) fazia um gesto de quem ia dar um soco, Mário chorava, como uma criança. Bigão insinuou que Mário era doente mental. Observando Mário melhor, nada foi notado que pudesse sugerir uma doença mental ou um retardo severo. Uma vendedora de coco, amiga de Bigão, Marley e Ginga contou que achava “*aquele menino alto e magro (Mário) um amor*” e que nenhum deles a incomodava.

Em um passeio ao zoológico, caminhando para a jaula dos leões, Mário disse, “*eles não estão gostando disso aqui não*”. Não se referia aos meninos, falava dos animais. “*Eles não gostam de viver presos. Querem viver soltos no lugar deles, lá longe*”. Continuando sua reflexão, disse que os animais não gostavam de ser alimentados, “*eles sabem o que comer*”.

sozinhos". Essa última observação impressiona. Afinal, não é tão óbvia e comentada, ainda que profundamente verdadeira. Jéferson (um dos meninos do grupo do lado oposto ao mar, na Barra) disse, pragmático: "*se os animais não ficassem presos, não poderíamos vê-los*". João (outro menino do mesmo grupo) achou que os animais deveriam ficar soltos também. "*Então, eles iam te comer*", disse Jéferson. Na jaula dos leões, uma leoa urrava de maneira bem forte. Mário disse que a leoa não devia estar bem. Na ala dos macacos, Mário vibrou. "*Parece gente, tia*", e olhava, olhava. Jéferson e João mostraram um macaco comendo laranja, "*como é que ele consegue descascar?*". Ninguém sabia.

Mas, aos poucos, durante o passeio, o ar inocente e compassivo de Mário foi cedendo e dando lugar ao adolescente provocativo e esperto que sobrevivia nas ruas. Perto do zoológico, está o Instituto Pestalozzi que atende pessoas portadoras de deficiências na audição e na fala. Esse instituto chamou também a atenção de Marley, Bigão e Ginga quando os levamos para o zoológico. Na calçada, estavam sentados alguns meninos do Pestalozzi. Mário, Jéferson e João passaram por detrás deles. Parece que os meninos do Pestalozzi fizeram um sinal de mau cheiro com a mão. Eram meninos já grandes e robustos. Mário, depois, falou que Jéferson fez alguma coisa, também, gozando os meninos. O fato é que Mário começou a imitar um macaco no meio da rua, arregaçando o calção. Um dos meninos se levantou chamando Mário para brigar. Mário foi em direção a eles. Os meninos do Pestalozzi eram em maior número e bem mais fortes. Quando Mário foi se aproximando dos meninos, um deles fez sinal para ele sair. Mário saiu. Estimulado por Jéferson a provocar uma menina, também do Pestalozzi, que caminhava na frente amedrontada, disse: "*não. Minha história é com os meninos*". De repente, um carro passou por ali e dois homens saíram dele gritando: "*eles estão perturbando vocês?*". Dissemos que não. Os meninos pararam, rapidamente, com a provocação. Jéferson disse que Mário não viria da próxima vez. Mário disse que foi Jéferson quem começou.

Durante a inserção ecológica, o aspecto agressivo de Mário e sua vida acostuada à violência ficaram patentes. Questionado sobre o fato de, alguma vez, ter dado dinheiro para um amigo comprar drogas e este ter ficado com o mesmo, disse, "*quem é doido?*". Depois falou ter acontecido, duas vezes, um menino não lhe trazer a droga que havia pedido para comprar. Em uma dessas vezes, o menino levou o dinheiro, sumiu, mas "*caiu na asneira*" de voltar à Barra. Mário e seu amigo, Rasta armaram, então, uma emboscada. Rasta ficou em cima do morro Cristo, esperando Mário trazer o menino para lhe dar uma lição. Rasta esmurrou tanto o menino que quase o ia matando. Mais uma vez, Mário estabeleceu limites à agressividade. Impediu que Rasta matasse o menino e o jogasse nas pedras.

Em uma festa pública, no Farol da Barra, disse que houve muita briga. Ele próprio deu e levou muitos socos da turma. De fato, sua pele apresentava alguns hematomas e feridas. Contou que tomou muitas drogas, de noite e de manhã, com seus parceiros, Rasta e Moela.

A maneira como Mário se comportava na rua com os transeuntes deixava revelar costumes pouco amigáveis. Em uma oportunidade, passou por nós uma moça segurando uma garrafa de água mineral. Mário pediu a água. Os pedidos de Mário têm um tom de ameaça velada. E o próprio fato de Mário já ser maior, em tamanho, torna seus pedidos ainda mais imperativos. A moça imediatamente jogou a água para ele. Mário disse: “*tia boa*”. Expressão fisionômica bem diferente das usadas por Ginga, Bigão e Marley para fazer seus pedidos. Estes simulavam, facialmente, os “coitadinhos” e os “bonzinhos”, quando pediam.

As pessoas, na rua, evitavam Mário. Descrevendo, em palavras e corporalmente, as brigas de um menino, seu conhecido, Mário, em pé, dava socos no ar demonstrando saber muito bem onde e como dá-los. As pessoas que passavam por ali pareciam assustadas e se afastavam. Era visível a sensação de ameaça que Mário transmitia. O comportamento agressivo e transgressor de Mário tornava-se, cada vez mais, evidente, durante a inserção ecológica. Mas, havia também momentos leves, nos quais ria, brincava e sempre pedia para a gente ficar mais um pouco. E, ainda, atitudes demonstrativas de sentimentos de solidariedade humanas, observados na relação com Baby e Rodolfo, seus protegidos, e com outros, deste teor, já relatados. Mário era como todo mundo, cheio de contrastes. Apenas, os seus contrastes assumiam características transparentemente perigosas, correspondendo, claro, à sua própria vida, infinitamente mais difícil.

Diversões

A diversão de Mário é, basicamente, praia e namoro. Na praia, costuma “*pegar onda*” com um pedaço de isopor ou sem nada. Na balastrada do Farol da Barra, onde ficam os surfistas, na chamada Terceira Escada, Mário podia ser observado no mar lotado de surfistas malhados. Cabelos parafinados, pranchas, algumas meninas de *body board*, e, no meio de tudo aquilo, a cabeça negra e o corpo magro de Mário. Mário demonstrou saber nadar muito bem. Mergulhava em ondas enormes e tentava “*pegar*” alguma, com uma espécie de isopor. Este isopor, em um determinado momento, sumiu. Mário, então, “*pegou jacaré*” (que é como se chama “*pegar onda*” sem prancha). Mário parecia, ali, um peixe dentro d’água: mergulhava fundo, voltava, nadava, ia até onde as ondas nascem. Ele era o único sem prancha. O avesso do avesso da música de Caetano “Menino do Rio”: sem

dragão tatuado no braço nem outra qualquer identificação que o assemelhasse a um surfista. Mesmo assim, lá estava ele “pegando onda”, misturando-se àqueles meninos crescidos em academias e muito bem nutridos.

Mário gosta muito de namorar na rua. Possui várias namoradas espalhadas pelos bairros e até em Itabuna. Diz que sempre se previne usando camisinha, mas entra em contradição quando tem dúvidas sobre se engravidou, ou não, uma menina. Uma das inúmeras namoradas o chamou para “*fazer ousadia*” ali embaixo do Cristo, mas ele não quis porque não tinha camisinha e não queria pegar AIDS. Não queria também ter filhos: “*Como posso ter filhos? Sem casa, sem nada? Como vou cuidar dele?*”.

Lugares por onde anda

Os bairros por onde circula, incessantemente, vão de Itapuã até o Comércio, passando pela Rodoviária, Pituba, Boca do Rio, Barra e Pelourinho. Relata os atrativos desses lugares dizendo haver em Itapuã, uma sereia, o rio (a Lagoa do Abaeté) e também “*os dinheiros que faz peco*” (macumba) e “*os negócio que rola lá*” (cerimônias do candomblé). Foram tiradas fotos do lugar onde fica a famosa, e tão citada por Mário em seus relatos, “*tia Cira*”. Foram fotografadas também as redondezas, onde dorme e fica perambulando com Baby, seu pequeno amigo. Mário havia falado também de um “rio” do qual ele retirava “*coisas que as pessoas jogavam para uma sereia*”. Identificou-se o “rio” como sendo a lagoa do Abaeté, considerada sagrada pelos adeptos do candomblé que deixam ali presentes para Oxum. Este lugar também foi fotografado.

Na Barra, há o Cristo, a praia, as “*tias*”. Era o lugar onde Mário dormia, “pegava onda”, fazia malabarismos, gostava de se sentar para conversar e espiar os casais namorando. No Pelourinho e Comércio, gosta de ficar “*bagunçando*”, brincando na “*piscina*”: os chafarizes aí existentes. Já na Boca do Rio, gosta da praia e da “*água grande*” (o rio que desemboca no mar). Para dormir, no entanto, Mário prefere o Bonocô e a Marinha. Nessa última, revelou que uns homens o acordam cedo para “*tomar café*” e “*é tão bom!*”. Mas, em uma visita feita pelas pesquisadoras neste local, foi revelada uma realidade bem diferente. O seu dormitório era, na verdade, um recanto à beira de mar mal-cheiroso, sujo e com uns pequenos barcos atracados no cais. Não eram os jardins bem cuidados da Marinha. No meio da água, quase escura de tão suja, foi avistado um homem maltrapilho que ali se banhava, limpando suas partes íntimas. Aquela cena, misturada com o odor nauseante vindo do mar, provocava até mal estar físico.

Em um dos primeiros encontros da pesquisa, Mário manifestou seu desejo de ir a uma clínica de desintoxicação: “*Ô, tia, me leve para um centro*”. Entendemos, primeiro,

que era um “cento”, dinheiro. Ou seria um cinto? Já estávamos preparando o discurso de que nós não lhe daríamos nada, apenas iríamos conversar, quando ele repetiu “centro” e, finalmente entendemos o que ele queria: um local para se livrar das drogas. As providências já estavam sendo tomadas pelo pessoal do Projeto Axé, quando fizemos o pedido.

Um dia, coordenadores dos educadores de rua, passaram pela Barra de carro e nos avisaram que levariam Mário. Naquela noite, segundo pensou e disse Mário, dormiria em uma cama quentinha. Era inevitável sentir, em tudo, um tom forte de despedida. Mesmo que ele voltasse, mesmo que fôssemos até a clínica, onde ele ficaria, já seria diferente. Mas Mário não foi internado naquele dia. Os coordenadores do Projeto Axé levaram-no para a Casa D. Timóteo, enquanto aguardavam vaga na clínica. Esse abrigo, Mário já havia dito, não gostava. No dia seguinte, fugiu. Demorou alguns dias, até ser reencontrado. Se todos os meninos em situação de rua passam a sensação de estarem por escapar, com Mário essa sensação era levada ao extremo. Onde reencontrá-lo? A sua casa era o mundo todo. Era difícil prever algum local possível. Itapuã, Comércio, Barra, Pelourinho, Ondina, Boca do Rio eram apenas algumas de suas multi-moradas. Achá-lo foi uma tarefa, sem dúvida, árdua para nós, pesquisadores e coordenadores do Projeto Axé. Finalmente, reencontrado, no Comércio, foi levado para a tal clínica.

A clínica situa-se em Lauro de Freitas, outro município, fora de Salvador. O lugar era acolhedor. Um sítio, com uma casa ampla e térrea, rodeada de árvores frutíferas. Do lado esquerdo de quem entra, havia uma gostosa piscina. Era difícil imaginar um lugar mais aprazível. Já estavam, ali, hospedados, três meninos. A clínica possuía uma psicóloga, duas estagiárias, alguns funcionários e a dona do estabelecimento, uma antropóloga inglesa. Antes, essa antropóloga trabalhara em São Paulo com crianças e adolescentes em situação de rua. A clínica tinha parceria com o Projeto Axé.

O lugar era, de fato, agradável e os funcionários simpáticos. Facilitavam nosso trabalho e trouxeram até lanches para comermos com os meninos. Mário estava com roupa nova, cabelo cortado e um sorriso amplo no rosto. O cabelo cortado, que Mário revelou não gostar, mais o sorriso feliz, deixavam transparecer, contudo, o rosto de menino, há tanto escondido.

III - Futuro

Mário espera do futuro apenas a morte, “*não sei de mais nada*”, revelou já na clínica. Se questionado sobre um desejo difícil de ser realizado mas que ele gostaria que acontecesse, revela querer ver seu companheiro de drogas, Rasta. Pensa melhor e diz querer

encontrar Baby, a quem chama de “*meu irmãozinho*”. A dificuldade desses desejos se realizarem é o fato dele ter de “*pegar buzu (ônibus), pagar isso, pagar aquilo*” e também porque Baby “*fica em um bocado de lugar*”. Já em relação a um desejo mais possível, diz querer que sua “*nega*” voltasse para ele. O desejo, em um futuro mais remoto ainda, era de estudar.

A casa dos sonhos de Mário seria grande, com quatro camas. Nela, estariam, além da irmã, a mãe, a avó materna, todos da família, menos o pai e a avó paterna. Ele gostaria também de ter mais um irmãozinho. O lugar dessa casa seria Itabuna, em um terreno que tem “*pé de jaca, pé de goiabada, pé de coco, pé de maracujá, de uva...*”. Com os amigos, iria jogar bola, “*usar drogas*”. Quando questionado sobre essa última atividade, refaz seus sonhos e diz que pararia de usar drogas. Mas fica claro, nesse e em outros momentos, o quanto a droga representa em sua vida um paradoxo quase insolúvel: traz prazer e dor, significando saída das infinitas dificuldades da rua e, também, a sua mais suprema prisão. Ao tempo em que o insere em grupos (marginais) também o exclui da sociedade; dá-lhe poder, mas o submete às suas regras, por vezes, mortais.

As drogas fazem parte de um passado e um presente que ele quer deixar para trás, mas elas despontam também em um futuro de sonhos, atraindo-o para os prazeres fáceis e a vida em comum com os amigos que se unem, apenas, para consumi-las e obtê-las, por qualquer meio. A ambigüidade está presente, também, em sua crença na possibilidade de conseguir deixar as drogas: “*acho que sim, acho que não*”. Mais uma vez, são os “*tios*” que o ajudarão nessa empreitada. Conseguindo deixar as drogas, acredita que não andará mais com “*os pivetes, com os cara, entro na igreja, começo a procurar estudo para mim, começo a arranjar um emprego (...), vender meu picolé, que de manhã vou trabalhar, arranjar uma casa para mim ...vou levar minha vida. Deixa a vida me levar, vida leva eu!*”. Abandonar as drogas significa, então, abandonar a criminalidade e a rua, assumindo o papel, socialmente aceito, de trabalhador e estudante. Mas Mário deixa escapar o bordão que o acompanha em suas peregrinações pela rua: “*deixa a vida me levar, vida leva eu*”. O bordão que define tão bem sua vida sem compromissos e roteiros prévios, onde cada dia está entregue a si mesmo e o tempo parece circular, voltando sempre para o mesmo momento em que ele acorda e perambula pelas ruas. A sensação era de presente incerto que se perpetua em um futuro, também, de incertezas profundas.

Freqüentes vezes, Mário boceja mais do que o normal na entrevista sobre o futuro, pergunta se já terminou e se perde nas perguntas. Se é em Itabuna que gostaria de ter uma casa, é nos bairros de Salvador que deseja passear, mas essa diferença de espaço não se

coloca em suas respostas. É como se os dois lugares, Salvador (capital) e Itabuna (interior sul da Bahia) se interpenetrassem, fundindo em uma só as lembranças boas de sua vida, sem espaços geográficos delimitados, fluindo apenas no tempo.

Depois do encerramento do trabalho, demos a Mário e a um outro menino da clínica, o gravador para que gravassem suas músicas. Mário e o menino se distanciaram um pouco. Ficamos aguardando na varanda da casa. Estávamos esperando ouvir vários tipos de pagode, mas, de repente, os meninos cantaram “É preciso saber viver”. As partes da música que diziam: “*quem pensa que a vida seja feita de ilusão pode até ficar maluco ou morrer na solidão... se e o bem e o mal existe, você pode escolher... é preciso saber viver....se há pedras no caminho, você pode se afastar, se há flor que tem espinhos, você pode retirar...é preciso saber viver...*”, pegaram-nos de surpresa. A música revisitada pela voz e história dos meninos ganhou uma força simbólica que nos emocionou profundamente.

3.3. *Análise dos cartazes*

A abordagem bioecológica permite entender como a dinâmica entre a pessoa em desenvolvimento e o seu contexto torna possível a constituição de lugares, muitas vezes inóspitos e inapropriados, em um microssistema, e também em um *habitat* ao qual a pessoa se liga emocionalmente. Nos cartazes, pode-se perceber o macrossistema, as representações pessoais, o tempo e o processo incidindo na história da formação dos *habitats*, mostrando, inclusive, em que medida estes são de fato constituídos. Foi um instrumento especificamente elaborado a partir das dimensões da abordagem bioecológica de Pessoa, Contexto, Processo e Tempo.

O cartaz de Bigão (Anexo C) é bem estruturado, com as colagens e desenhos se distribuindo em espaço claramente demarcado, nos tempos passado, presente e futuro qualificados numa escala de valor, em que o tempo de antes é chamado de humilhação, o de hoje recebe a nota dez e o de amanhã é duramente conquistado, “*lutei, lutei e consegui!*”. Há utilização de cores que se destacam no desenho. Pode-se entender esse aspecto, talvez, como um indicativo de que Bigão se situa, em relação a seu macrossistema, de modo mais ativo, articulando-se dentro dele, em oposição a Mário, cujos desenhos desaparecem em meio às gravuras e não têm fronteiras precisas em relação a estas. Mário se sentiria ainda mais “invisível” socialmente do que os outros meninos?

Há, no cartaz de Bigão, organização evidente que diferencia o espaço entre os desenhos (aspectos mais pessoais) e as gravuras (aspectos mais relacionados ao macrossistema), indicativo provável de demarcação entre o sujeito e o mundo. As gravuras

(macrossistema) retratam sua realidade (casa pobre) com bem menos ênfase do que os atrativos do macrossistema referentes a uma melhor situação financeira (carro, garotas na praia, bebidas, casa rica e bicicleta). Em torno de 30% das gravuras do cartaz de Bigão referem-se a pessoas, enquanto mais ou menos 88% das gravuras do cartaz de Mário possuem esse tema. Se as gravuras representam aspectos do macrossistema que Bigão e Mário desejam obter ou valorizam, já que lhes chamou a atenção de algum modo, é de se supor que Mário apresente carência afetiva bem mais acentuada que Bigão. Esta hipótese é reforçada pela história de ambos: de um lado, Mário, com poucos laços afetivos e muitas rupturas de vínculo, e, de outro, Bigão que, apesar das dificuldades, possui um círculo de relações relativamente estáveis com amigos e família (mãe).

No passado de humilhação, colou figuras de garrafas de bebida, de biscoito e feijão, um sofá-cama e a foto de uma casa segurada por uma mão enorme, que encobre parte dela e a transforma em meia-casa. Nos desenhos também relativos ao passado, as cenas de humilhação, como diz, sofridas pela mãe, dominam o espaço. O dinheiro atirado na rua, pelo pai, de forma acintosa para humilhar a mãe, tornou-se episódio marcante na vida passada de Bigão. Episódio vivido ou que lhe foi relatado? Na narrativa do cartaz e no desenho, ele o situa na fase intra-uterina. “*Estava na barriga de minha mãe*”, conta. Mas, na entrevista, ele fala como se tivesse presenciado o acontecimento. Uma criança fantasiada de caipira é a figura selecionada para identificá-lo, nesta fase de sua existência. Por que a fantasia? Lembra o palhaço de Mário. Poderia representar gente humilhada pela ignorância e conhecimentos limitados, exposta à ridicularização pública. Os chamados “tabaréus”, como se diz, de forma pejorativa.

Existe, no alto da página, a gravura de um jovem esportivamente vestido, shorts e peito nu, montado numa bicicleta, com o sinal de cumprimento na mão, usado pelos roqueiros. As roupas e a postura seriam quase a caricatura de um jovem do mundo atual. Era só substituir a bicicleta por uma moto. Simboliza ele próprio ou o pai desaparecido? A mãe não aparece nas colagens. Apenas nos desenhos que espelham a cena, já referida, do dinheiro jogado na rua e por ela recolhido. Na entrevista, Bigão fala de seu amor filial. Não deixaria a mãe por nada deste mundo.

A rua é representada por um desenho com pedras no chão. Pedras que impedem o livre trânsito das bicicletas, explicou. Uma bicicleta é desenhada com uma criança na frente, impedindo o caminho. As pedras faziam com que atropelasse os meninos, como relatou na narração do cartaz. A casa desenhada é descrita cheia de buracos, terra batida no chão, tapete servindo de cama.

No passado como no futuro, a bicicleta é uma constante, assim como a rua cheia de pedras, que ele descreve como Carlos Drummond de Andrade: “pedra no meio do caminho”. As pedras levadas do passado para o futuro desaparecem nas ruas limpas da Barra, no tempo presente “nota 10”. Mas as bicicletas, também. Os ônibus, caminhões e carros não deixam as bicicletas correrem, explicou.

O passado, para Bigão, é decepcionante. As gravuras escolhidas para este tempo expressam um sonho, não uma existência real. Ele próprio reconhece quando justifica o contraste existente entre as gravuras escolhidas (tão bonitas) e os desenhos da casa do tempo passado (tão precária). Desembrulhando sonho e realidade, o macrossistema que lhe chega através das revistas e a sua vida pessoal, explica: “*Eu pensei que minha casa fosse de lage e tivesse grama na frente (como na gravura da colagem), mas era só um barraco sem flores, sem nada*” (como está no desenho).

Mas o tempo presente de Bigão explode em alegria nas gravuras escolhidas e nos desenhos. Mar azul, garotas bonitas, meninos surfando nas ondas e o recorte de um porco de porcelana. Bicho que gostaria de possuir, como existem muitos nos quintais das casas, nas favelas da Bahia, ou o símbolo do dinheiro recolhido pelo seu “trabalho” nas sinaleiras da Barra? A gravura é o clássico cofre do porquinho. Este é o tempo “nota dez” para Bigão. Presente que é um presente, como deixa entender na narrativa do cartaz. A Barra retratada é o “paraíso”, o seu “lar”, usando suas próprias palavras e conceitos. Um microssistema bem elaborado, com todas as suas características. E também um lugar de eleição pessoal, incluindo aí processos emocionais inerentes a essa escolha, em busca de uma identidade que satisfaça e conduza, enfim, ao repouso sonhado. Tudo isto caracterizando a constituição de um *habitat*, pelo que se pode entender como tal. Esta constituição de *habitat* implica numa fixação maior em determinados lugares, o que se evidencia claramente na trajetória de Bigão, tanto na Barra como em Coutos.

No presente de Bigão, as gravuras representam situações do macrossistema vivenciadas constantemente, como o carro (que dá dinheiro na sinaleira?), o mar e as garotas na praia. Os desenhos condizem com o relato da situação atual, indicando a casa da Fazenda Coutos e a Barra. A casa desenhada é bonita, e a praia, alegre. Não existem pedras nas ruas limpas. Carros, caminhões e ônibus param diante do desenho de uma sinaleira, seu local de “trabalho”: Bigão é um garoto que assume a figura do homem provedor, que põe dinheiro em casa. Mas é, também, tão criança quando lembra a bicicleta e brinquedos que amaria possuir, embora tenha dito que não quer ser rico. Queria continuar “*humilde, humilde*”. A Barra supre este desejo de brincadeiras, nos mergulhos do alto das pedras do

Morro do Cristo, ou escorregando pelas encostas. Neste Morro do Cristo que avança pelo mar, como já foi relatado, Bigão e Marley construíram o que chamaram de casa. As chuvas a destruíram e não lhes foi permitida a reconstrução. Nela se protegiam (assim pensavam) das intempéries, guardavam suas coisas e repousavam suas cabeças.

A casa desenhada no espaço do cartaz reservado ao presente, de forma mais reduzida, é transposta para o espaço reservado ao futuro. Os desenhos de ambas as casas são praticamente os mesmos. As duas estão situadas na Barra. A família e as pedras da rua foram transpostas do passado para o futuro. Pularam o “presente nota 10”. Bigão, em sua entrevista, esclareceu que toda a família era assim transferida, incluindo, além da mãe e do irmão mais novo, explicitamente, o padrasto, o irmão mais velho e a moça que o criou e que aparenta sinais claros de deficiência mental. Mas o padrasto e o irmão mais velho deveriam se purificar de suas mazelas: o álcool e as drogas. Os filhos aparecem em todas as janelas na casa do futuro, mas os objetos de uso doméstico, fogão, geladeira e até panela estão do lado de fora, junto a uma árvore com balanço. À semelhança do desenho de Mário, a bicicleta reaparece, apesar das pedras no caminho. Mas tudo está situado na Barra. A Barra é o presente que gostaria de preservar e transferir para o amanhã e, assim, possuí-la sempre...

Bigão tem uma visão realista, pendendo para uma certa crueza, quando descreve, falando ou desenhando, o passado e o futuro. Já o presente é idealmente belo. Entretanto, parece pressentir que esse presente, do morro do Cristo e do mar da Barra, é um paraíso do qual pode ser expulso, quando atingir a maioridade temida por todo menino em situação de rua, e quando seus olhos verdes já não expressarem o ar infantil, que a todos encanta. Daí o reaparecimento das pedras no caminho.

No tempo futuro, Bigão destaca a foto de um acampamento dos “sem-terra”. Identificou aí o movimento político ou a situação de penúria que esta colagem também transparece? Comentou que seus filhos não seriam ladrões. Tem um código de honra muito definido no qual não cabem ladrões ou drogas. Mas os laços familiares preservados até com o padrasto alcoólatra e o irmão viciado em drogas, faz-lhe querer abrigar a todos na casa do futuro.

Diferentemente dos outros meninos em situação de rua, Bigão não é tão errante, perambulando, como Mário, por quase todos os bairros da cidade. Tem pouso certo na família de origem, em Coutos, apesar de tudo, e raízes assumidas no “paraíso da Barra”. Dois microssistemas, evidentemente bem definidos. Dois *habitats*, se é considerado que a busca identitária de Bigão é satisfeita, tanto na casa da família, em Coutos, como nas paredes mais do que frágeis de sua pequena cabana, à beira do mar, cuja derrubada,

entretanto, não o afastou deste lugar de eleição. A fixação de Bigão nestes dois pontos, todavia, não descarta o aspecto itinerante de sua existência, que oscila entre os dois ambientes, dormindo, algumas vezes, na rua. Esses pontos de fixação, ou melhor, esses dois *habitats* permeiam os tempos de Bigão, em seu cartaz, como já foi observado. Coutos, com a família, particularmente a mãe que não quer perder, é o passado-presente que se projeta, realisticamente, no futuro. A Barra é o tempo presente que Bigão superestima para esquecer as ruas “*malvadas*” de Coutos e, idealmente, projeta no futuro. Coutos e Barra, microssistemas nos quais são satisfeitas necessidades materiais, sociais, relacionais de todo tipo, mas onde fatores de risco e proteção se cruzam e entrecruzam indefinidamente.

No cartaz confeccionado por Mário (Anexo C), salta aos olhos a arrumação caótica de figuras, colocadas de cabeça para baixo, dispersas pela superfície, sem nenhuma delimitação ou fronteira entre presente, passado e futuro, como lhe foi pedido para fazer. Os recortes de revista colados misturam-se nas dimensões de tempo Passado, Presente e Futuro. Não há utilização de cores nos desenhos, o que os torna muito claros e perdidos em meio às gravuras. A falta, ainda, de demarcação entre os desenhos (relativos à Pessoa) e as gravuras (aspectos mais relacionados ao macrossistema), colados muito próximos uns dos outros, podem indicar dificuldade de se destacar do mundo e se posicionar frente a ele.

As gravuras (macrossistema) retratam muitas pessoas: um palhaço, dois executivos, dois jogadores de futebol, um surfista, grupos de pessoas, uma criança e uma família mononuclear. Além das pessoas, há duas figuras de casas e uma de comida, sendo que nesta há o reflexo de uma menina no prato, como se estivesse diante da comida, mesmo que não diretamente na foto. Com essa composição básica do cartaz, parece que a busca maior de Mário em seu macrossistema é o estabelecimento de vínculos.

As figuras recortadas, que representam ele próprio e a irmã, estão de cabeça para baixo. A da mãe está colada no sentido transversal do cartaz. As figuras paterna e do avô estão corretamente postas. A colagem da gravura de um homem bem vestido e simpático, simbolizando o pai, segundo informou, transpira segurança na postura adotada e é, também, a única, dentre as familiares, que está no espaço reservado ao que poderia significar passado. A figura que representa Mário, escolhida por ele, dentre as muitas que lhe apareciam nas revistas (macrossistema), mostra um rapaz, também simpático como a figura do pai, mas de ar arrogante, quase agressivo, exibindo a manga da camisa social arregaçada e um braço exposto e levantado. Pronto para dar um “soco” ou para receber “pico” de uma seringa?

A figura da irmã está, como a dele, de cabeça para baixo, e é pequena em relação às demais, inclusive as das namoradas. Mas o recorte da mulher morena, e também simpática, que simboliza a mãe, é maior do que o da irmã, mas ambas as figuras, da mãe e da irmã, são das menores escolhidas para a galeria familiar. No recorte que representa a mãe, nota-se também a existência de um homem e de uma criança, ao seu lado, nos quais Mário não identificou nem a si próprio, nem a irmã e nem o pai, postos à parte em colagens individuais e separadas, no cartaz. Aparece também, em outra colagem, a gravura de uma família onde Mário identifica, na mulher-mãe, uma tia que não foi lembrada em nenhum momento de suas histórias. Simbolizaria a tia da atual clínica onde se encontra abrigado, ou as tias do Projeto Axé, ou uma pesquisadora qualquer que por ele se interessou em algum momento de sua vida? A avó traficante está ausente, tanto nas colagens como nos desenhos. E o avô, em colagem grande e bonita como a do pai, certamente ajustado no cartaz, de cabeça em pé, de onde surgiu? De que tempo? Realidade ou desejo?

As suas namoradas são representadas por dois recortes, separados e diferentes. Em uma estampa de namoradas, são todas brancas e bem vestidas. Em outra gravura, colada separadamente, as namoradas surgem morenas, quase mulatas, mas todas bem vestidas também. A sua casa surge nos recortes de revistas representada por uma sala ampla e bem decorada, embora mal recortada, como, aliás, todas as demais figuras. Mas a sua casa é também simbolizada em recortes de comidas apetitosas e aparelhos eletrodomésticos.

Solta no cartaz, quase no centro, Mário colou, por sua livre e espontânea vontade, a figura de um palhacinho, pequeno e bonito. Sobre ele nada falou, embora tenha sido questionado. Acaso? O que significaria? A sua vida? Falsa, fingindo, fugindo? Ele próprio e os seus tempos se escoando, fluindo, sem perspectiva de presente, passado ou futuro? Tudo caótico, como o seu cartaz? Ou, pelo contrário, estruturando-se nessa figura de palhaço para driblar a vida e enfrentá-la? Enfrentá-la e driblá-la como o faz na luta que se finge de dança, a capoeira? Todos os meninos em situação de rua da Bahia conhecem pelo menos alguns de seus passos.

Quando lhe foi pedido que desenhasse algo sobre tudo o que havia falado nas entrevistas, ele fez dois desenhos. No primeiro, em algumas linhas traçadas, ele pediu para escrever: “mata guéo”. “Girl” dos gringos, com quem também cruza em seus caminhos? Garotas que morrem ou precisam morrer? Logo a seguir, no mesmo espaço do cartaz, desenhou outro rabisco que identificou como sendo um “*psicopata*”. “*O que mata rindo*”, na definição de um deles. Em outro lugar do cartaz, mas sobre o mesmo tema solicitado, desenhou três rabiscos e os identificou como sendo um atabaque, um berimbau e uma bola.

No primeiro desenho, sobre o tema dos acontecimentos de sua vida, é clara a representação da dura realidade de seu passado e do seu presente, que às pesquisadoras já fora relatado oralmente. Outros significados podem, porém, transparecer no segundo desenho: um atabaque, um berimbau e uma bola. Desejo, aspiração de saída da dura realidade até então enfrentada? O atabaque é o símbolo dos orixás, dos terreiros de candomblé, religião dos seus ancestrais, consolo e refúgio para as suas agruras. Mas Mário, como contou às pesquisadoras, come todas as comidas deixadas para os “santos”, nas encruzilhadas da cidade. O berimbau, ao lado do atabaque, é símbolo da capoeira, luta disfarçada em dança, utilizada pelos antepassados escravos de Mário, em sua busca de liberdade e auto-afirmação. Finalmente, a bola é símbolo do sonho de consumo, e até de vida profissional mesmo, de todo menino brasileiro. Vias de acesso possível a outra realidade pressentida e desejada, talvez. Mas, certamente, não podemos esquecer, todos os objetos são símbolos de uma cultura por demais marcante e na qual Mário se encontra inserido (o seu macrossistema). Shows turísticos de capoeira e outros acontecem quase todos os dias nas ruas de Salvador, freqüentadas por Mário em seu nomadismo hodierno, procura itinerante de pouso, de fixação.

Foi solicitado a Mário que desenhasse a casa real onde havia morado, em seu passado, e também o seu entorno. Mário fez, então, dois desenhos. No que significava o entorno – separado do outro desenho –, rabiscou um círculo, a casa. Próximo, saíam retas paralelas, no sentido de pontos cardeais. Estas paralelas que deveriam significar ruas, ele as chamou de “esgotos”. Ao lado do círculo, fora dele, mas perto de casa, em lugar de destaque, um rabisco que ele chamou de “bar”. À parte, em outro desenho, mas sobre o mesmo tema da casa onde havia morado, um amontoado de quadrados mal feitos, onde situou, em cada um deles: cama, sofá, geladeira, TV, som, ventilador. Somente objetos. Nenhum canto ou recanto que chamasse quarto, sala, cozinha. Nenhum lugar especialmente designado, ou existente sequer, naquele amontoado nada aconchegante, para conversar, cozinhar, brincar. Apenas cama para dormir, sofá para sentar, TV, som, ventilador soltos no espaço, separados, instrumentos anônimos que falam de uma impessoalidade a toda prova. Necessidades básicas de sobrevivência e de convivência social parcamente satisfeitas, mas existentes, sem dúvida. Um microssistema, certamente. Mas seria um *habitat*? *Habitat* entendido como um conceito menos abrangente que o de microssistema, mas que exprime a realização mais profunda de identificação humana com o seu entorno, na fixação de um lugar para si. Lugar não somente de pouso, mas de repouso, que prescinde, por vezes, das paredes de uma casa de tijolos ou de relações familiares consangüíneas e protetoras, e onde

fatores de risco podem estar presentes. De outra forma, como entender o paraíso de Bigão, exposto às intempéries físicas e humanas?

Mário, rabiscando a rua na qual vivia, representou-a através do desenho de Rasta, seu parceiro de “pedra” (*crack*). Um desenho que mostra um menino de cabeça torta com uma seta chamando atenção para esta característica, salientada ainda na fala de Mário. Um outro rabisco, que mais parece uma folha, mas que também chamou de fruto. Maconha? Outro rabisco indefinível denominou de “negócio”. Na linguagem popular da Bahia, “negócio” também designa o órgão sexual. Por fim, igual a Bigão, também se representa no desenho, no “paraíso” da Barra, em uma prancha de surfista, singrando as ondas. Um lugar de desejo, como para Bigão? Ou a sua procura de um *habitat* ainda não se fixou, como em Bigão, e ele busca a satisfação interna de uma futura identidade, depois de sua saída da clínica de recuperação das drogas?

3.4 *Análise de Bigão a partir do conceito de habitar*

Kurt Lewin (1975) constatou que os indivíduos não recebem as influências do seu meio, natural ou criado, de maneira passiva. O meio incide sobre o indivíduo, e este responde ativamente, dando-lhe significados. Esses significados não dependem, contudo, somente das qualidades concretas e objetivas do ambiente, mas também, e principalmente, de suas especificidades psicológicas ligadas ao viver e à ação das pessoas. Em outros termos, a maneira pela qual os indivíduos atuam em e vivenciam seu ambiente influi sobre a configuração deste, e a esta configuração, já modificada, as pessoas darão significados. Bronfenbrenner (2004), por sua vez, diz que o elemento crítico na definição do modelo bioecológico é “experiência”. O termo é usado para indicar que as estruturas relevantes de qualquer ambiente para o desenvolvimento humano incluem não somente suas propriedades objetivas, mas também o modo pelo qual essas propriedades são subjetivamente experienciadas pelas pessoas que estão naquele ambiente. Essa ênfase, tanto na experiência subjetiva como nos fatos objetivos, advém do fato incontornável de que as influências externas que afetam significativamente o comportamento humano e seu desenvolvimento não podem ser descritas somente em termos de condições físicas e eventos externos. Ambos os elementos, objetivos e subjetivos, dirigem o curso do desenvolvimento humano.

A Barra é um bairro antigo de Salvador que, com o tempo, foi perdendo parte do seu *status*. Se antes era ponto de encontro de jovens enamorados de classe média e em suas praias circulavam artistas, o abandono do poder público tornou aquelas ruas propícias ao desenvolvimento da prostituição, ao tráfico de drogas e à instalação de moradores de rua.

Dessa forma, o significado da Barra foi transformado. Perdido o *glamour* inicial, ganhou um sentido de bairro decadente. Mas, se de um lado as pessoas percebem o ambiente sempre a partir de um macrossistema já dado, como é o caso dos que hoje atribuem à Barra uma condição “decadente”, por outro lado, o ambiente torna-se portador de sentido pelo uso particular que dele se faz. Assim, por exemplo, o significado dado a um bairro por uma pessoa que nele cresceu, fazendo seu trajeto todos os dias e visitando seus amigos, difere daquele atribuído por quem se contente em atravessá-lo a caminho do trabalho, ou daquele que conhece o bairro unicamente através de relatos (Fuhrer & Kaiser, 1997). Isso se torna bastante claro quando Bigão afirma ser o bairro da Barra o seu “paraíso”. Bigão está aí dando um significado pessoal ao bairro, não apenas por suas características físicas e pelo que o macrossistema dos baianos lhe informa, mas pelo trabalho, as brincadeiras e toda vivência que ele mesmo ali criou. Assim, o morro no qual ele escorrega, onde as pedras escondem bichos engraçados e em cujo entorno os carros lhe trazem dinheiro compõe um quadro de bem estar e alegria que só tem tradução na definição de paraíso.

Nesse sentido, Fuhrer (1993b) distingue uma cultura voltada para o exterior (o macrossistema) de uma cultura interiorizada (o macrossistema absorvido, isto é, a experiência da pessoa), dando a esses processos os nomes de objetivação e subjetivação respectivamente. A cultura voltada para o exterior manifesta-se em marcas de ação inscritas no ambiente, o que contribui para a regulação das relações sociais em um dado *habitat* e para o desenvolvimento da identidade pessoal e coletiva. Já uma cultura interiorizada é apreendida a partir de esquemas que orientam a percepção do indivíduo e dão ao seu *habitat* um sentido específico. As ações humanas podem, no entanto, transformar representações subjetivas e intrapessoais em marcas objetivas, que podem vir a ser experienciadas por outros. Essas marcas de ação objetivas são, por seu turno, reconvertidas, pela percepção, em representações subjetivas e interpessoais. Tal processo ocorreu, por exemplo, no momento em que Bigão, mostrando as significações que dava ao seu mundo da Barra, possibilitou às pesquisadoras descobrirem detalhes nunca antes vistos em pedras, coqueiros e mar, além de terem despertadas sensações de enlevo e diversão próximas ao que se poderia chamar de sensações paradisíacas. Em outro momento, quando se visitou o bairro de Fazenda Coutos, podia se ver em cada casa e rua, a história da vida dos meninos. O tamanho exíguo de suas moradias, a precariedade de suas acomodações, a falta de estímulos para uma criança, as ruas ameaçadoras em torno, revelavam, quase que explicitamente, um dos motivos da atração de um bairro como a Barra e a raiz da história que passou a se desenvolver a partir daí. A fala de Bigão, dizendo ser Fazenda Coutos um bairro “mau”,

reforçou a significação cultural externa daquele lugar, permitindo a nós, uma experiência semelhante.

Tanto pelo viés do enfoque da cultura, como pela abordagem ecológica, há um esforço por abandonar a separação estrita entre pessoa e ambiente. Cada indivíduo está indissolivelmente ligado ao seu ambiente físico e cultural. A cultura externalizada e a cultura interiorizada podem se diferenciar no plano analítico, mas não no plano prático (Fuhrer & Kaiser, 1997). Assim também, para Bronfenbrenner (2004), o ser humano, mais do que qualquer outra espécie, cria o ambiente no curso do qual se desenvolve. Pessoa e ambiente interagem de forma dialética: as ações humanas influenciam o ambiente, que, por sua vez, dará forma, direção e sentido específicos aos desdobramentos futuros daquelas ações.

O ambiente, para Bronfenbrenner (1986, 2004), distingue-se por níveis. Cada nível possui uma configuração ecológica das características e relações aí existentes, denominada de contexto. O contexto é composto por quatro sistemas: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. É preciso diferenciar, no entanto, microssistema de *habitat*. Quando falamos aqui no bairro da Barra, falamos de um ambiente transformado em *habitat* pelos meninos. E assim é, primeiro, porque esse lugar adquiriu características de um microssistema, onde se come, se brinca, se dorme e se trabalha. Mas, ter um *habitat* significa ainda mais. Experiências vividas, lembranças estão ligadas ao *habitat*. É possível que recantos, ou mesmo todo o lugar, façam o seu habitante se enlevar ou sofrer. O *habitat* constitui, assim, uma parte da identidade pessoal (Fuhrer & Kaiser, 1997). O quarto escuro no qual se dependurava um cordão do teto e onde, relegado a um canto, estava jogado um pequeno caminhão de brinquedo, trazia as marcas emocionais de Bigão, na casa de sua família em Fazenda Coutos. O caminhão fora destruído pelo padrasto quando este estava bêbado e o cordão era o que restara de diversão em um quarto descuidado que sequer recebia luz. Mas, se aquele quarto poderia lhe trazer más lembranças, um pequeno barraco localizado um pouco mais acima de sua atual casa, recordava-lhe o fato de ter sido feito por ele, junto com sua mãe, quando seu pai os havia abandonado à própria sorte. A uma lembrança extremamente difícil que lhe marcou a curta vida, aliou-se uma outra, de sua força e coragem em ajudar a sua mãe a reconstruir, literalmente, a vida de ambos.

Na Barra, onde Bigão trabalha sustentando a ele e a sua família, sua identidade se constrói também como provedor, alguém que presta favores muito mais do que os recebe. É assim que tão prontamente se oferece para pagar a nossa passagem de ônibus e nos brinda com doces de banana durante a viagem à Fazenda Coutos. A Barra guarda lembranças de

suas conversas com as moças do Axé que vão e vêm, possui lugares especiais onde aprendeu a nadar e a saltar de pedras com os pés cruzados. A Barra é também o lugar que lhe propiciou um contato maior com os meninos que, na Fazenda Coutos, hostilizavam-no. Quem sabe, ali se deu conta da existência de drogas, como a cola e o *crack*, apesar de que na Fazenda Coutos o comércio delas, também, seja intenso.

O *habitat* é necessário, entre outros motivos, para estabilizar a personalidade, fazê-la evoluir e se afirmar externamente, pois é também nas reações dos outros que os habitantes formam sua identidade (Mead, 1934). Construindo e transitando por moradas múltiplas, Bigão parece buscar essa estabilidade. Na Barra, por exemplo, montou um pequeno barraco de tapume. Mesmo que esse barraco servisse muito mais a propósitos lúdicos do que de moradia, o fato é que as madeiras das paredes definiam um espaço privado ao qual só ele e seus amigos tinham acesso. Bigão decidira onde ficaria a sala e a varanda, e em que lugar guardaria o seu malabarismo. Registrando, assim, sua marca pessoal em mais uma morada, não se perdia a si mesmo no vai-e-vem de sua vida. Segundo os autores Fuhrer e Kaiser (1997), a maneira pela qual os indivíduos constroem e mantêm sua moradia e o espaço exterior a ela – na medida em que o possuem e dele podem dispor – exprime algo não somente para seus ocupantes, mas também para aqueles que vêm visitá-los. Desta maneira, a forma como o espaço residencial (interior e exterior) é organizado, mostra quem os ocupantes são e onde os outros têm ou não acesso.

Fica claro, portanto, que uma das funções da moradia é identitária. Mas há também outra função, a de regulação social. Nesse sentido, habita-se porque se quer estabelecer o nível de proximidade, se grande ou pequena, entre o habitante e os outros. As informações contidas no endereço de alguém, por exemplo, revelam-se um fator importante na forma como se efetivarão as relações sociais. Pode-se ler aí não só quem possivelmente essa pessoa é, mas também o que ela deseja e como se comportar diante dela, por consequência (Fuhrer & Kaiser, 1997). A insistência dos meninos, na volta do zoológico, para saber o endereço das pesquisadoras, expressava não só uma curiosidade natural, mas uma necessidade de maior aproximação, de saber quem eram, de fato, aquelas pessoas que os visitavam todos os dias.

O *habitat* representa a projeção (memória externa) de processos psíquicos passados e atuais de uma pessoa. Esses processos psíquicos dão sentido aos estímulos físicos do ambiente e estes estímulos, por seu turno, influenciam esses processos. O *habitat*, assim, torna-se portador de sentido, sendo, ao mesmo tempo, resultado e desencadeador de processos psíquicos. Essa interação entre *habitat* (como portador de sentido) e processos

psíquicos (como estrutura interpretativa) constitui a função psicológica do *habitat* (Fuhrer & Kaiser, 1997).

Como função psicológica, o *habitat* é percebido segundo significações emocionais específicas. Há quatro categorias de emoções na base dessas percepções: segurança, estimulação, autonomia e libido, conforme já mencionado. A primeira categoria é a segurança, que significa uma emoção mais ou menos marcada pelo nível de familiaridade e proximidade proporcionado pelo *habitat*. A segunda categoria é a estimulação, emoção caracterizada pelo caráter estranho, curioso ou atemorizante, da habitação interior ou exterior. A autonomia, por sua vez, designa uma emoção marcada pela competência social vivida. Por último, a libido refere-se a uma emoção dependente de estimulação sexual, de processos de maturação e de exigências pessoais (competição social). Todas estas emoções foram observadas no caso de Bigão, reafirmando assim que a função psicológica do habitar estava presente na rua.

A proximidade e a familiaridade são condições indispensáveis à experiência de segurança, sendo que ambas necessitam vir acompanhadas de coesão e acolhimento. Só é, de fato, familiar e próximo quem estabelece uma relação coesa com um outro e o acolhe, no sentido de aceitá-lo com suas características peculiares. Da mesma forma, os objetos do *habitat* podem se revestir individualmente de segurança. Assim, quadros, fotografias, móveis tornam-se símbolos de amizade quando dados por alguém a quem se quer bem, o que, por consequência, traz sentimento de segurança.

O bairro da Fazenda Coutos e a casa de Bigão não eram apreendidos como lugares seguros. Pelo contrário, Bigão qualificou seu bairro de “*mau*” e sua rua de “*ruim*”, logo depois de enumerar as violências neles presenciadas e vividas. Havia, na Fazenda Coutos, uma relação de Bigão com a vizinhança, mas esta era percebida como ameaçadora. Os meninos o hostilizavam, fazendo gracejos e não o deixavam participar de algumas brincadeiras. Por outro lado, ele próprio repreendia alguns comportamentos dos meninos, como fazer bagunça e praticar pequenos furtos, o que o distanciava ainda mais do grupo.

Dentro de sua casa, o padrasto recriava a áurea de apreensão e insegurança provinda da rua, com sua agressividade exacerbada pela bebida constante. Bigão, sempre que possível, dava as costas a esse lar e se aventurava nas ruas. Quando lhe foi pedido para tirar uma foto com a família, sem ver a mãe por perto, preferiu a companhia de um gato. Na mãe, parecia residir o único elo com a casa e o bairro de Fazenda Coutos. Era esse um elo resistente não só às ameaças que o cercavam, mas também às atrações estimulantes vindas de bairros distantes, como a Barra. Não deixaria sua mãe por uma casa rica e bonita ou para

morar com uma família diferente. Da mãe, guardava alguns objetos que pareciam dar-lhe o indefinível sentimento de aconchego – e que se pode traduzir também por segurança: um pequeno caminhão de madeira, em reposição a um outro destruído pelo padrasto, e uma bicicleta bastante velha, com pneu furado.

Essa mãe, no entanto, passava muitos dias longe de casa. Levava, por vezes, 10 a 15 dias dormindo fora, em um suposto trabalho de “*tomar conta de uma véia*”. Nesse período, Fazenda Coutos e a casa da família tornavam-se, para Bigão, lugares puramente aversivos. Quando assim se encontrava, a Barra, com sua rede invisível de olhares, limpa e bela, parecia trazer-lhe mais proteção. Havia os policiais, seus amigos, as pessoas nos carros e os transeuntes simpáticos a seus olhos verde-esmeralda, sempre sorridentes, estampados no rosto impúbere de menino. Ali, contrariamente a Fazenda Coutos, seu comportamento de observância às regras (não fazer confusão e não roubar, por exemplo), trazia-lhe bons frutos, como a confiança e proteção dos policiais, de motoristas de ônibus e de vendedores ambulantes, além do dinheiro e da comida das pessoas a quem pedia. Mesmo assim, as ameaças da rua se apresentavam na forma de brigas ocasionais, disputas de espaço entre os grupos, roubos de pertences ao dormir e assédios sexuais, principalmente de turistas.

A outra significação emocional com a qual o *habitat* é apreendido é a estimulação. A estimulação no *habitat* pode implicar um processo inverso ao da segurança. Se a estimulação vem do que é singular, novo e não-familiar, então um *habitat* estimulante seria um *habitat* inseguro. Um *habitat* assim vivido inspiraria temor e influenciaria negativamente na duração da residência (Fuhrer & Kaiser, 1997).

A casa de Bigão é percebida como um lugar aterrorizante pelos meninos da Fazenda Coutos, que dela mantinham uma distância estratégica – suficiente para escapar a tempo, caso fosse necessário –, mesmo quando para lá se dirigiam. E o próprio Bigão assume atitudes precavidas já quando põe o pé na soleira de sua porta. Apenas depois de constatar que o padrasto dormia, deu um sinal para que entrássemos, como a nos dizer que naquele momento a casa era segura. A presença do padrasto não é uma novidade em si, mas suas atitudes sempre imprevisíveis, de acordo com humores e bebidas, dão a ele um caráter de surpresa inquietante e, portanto, de estimulação negativa. O padrasto batia, xingava e gritava com ele. A Barra, por sua vez, conserva sempre a possibilidade de estimulações aversivas, mas, contrariando as expectativas, elas se concretizam bem menos para a turma de Bigão. Provavelmente, esse fato se dê pela rede de apoio eficiente, a começar pela amizade com os policiais, estabelecida ali.

A curiosidade constitui uma outra forma de estimulação, que parece, entretanto, pouco requerida em um *habitat*. As necessidades de novidade, de troca e de estimulação encontram sua satisfação mais na exploração do exterior da moradia do que em seu interior (Fuhrer & Kaiser, 1997). Mesmo assim, numerosos objetos dentro de uma moradia incitam a curiosidade: a televisão, com seus programas trazendo novidades, o rádio transmitindo as paradas musicais do momento, e os instrumentos musicais dando vazão à criatividade de quem os toca.

Na casa de Bigão, o som e os instrumentos de percussão continham um valor emocional evidente. Com eles, provavelmente, Bigão deveria passar seus melhores momentos. Havia uma espécie de teclado de brinquedo, bastante velho, que era utilizado como bатуque, assim como um pequeno tambor, que nos foi mostrado com alegria. Depois das entrevistas, na Barra, eram esses instrumentos que Bigão levava para cantar e gravar músicas. Os sonhos de gravar um CD, ser famoso e ascender socialmente se misturavam e já não se sabia mais de que se alimentavam. O fato é que esses sonhos estavam vivos nele, e os inúmeros exemplos de sucesso, não muito distantes, davam-lhe força sempre renovada para persistir tentando realizá-los. As estimulações externas de curiosidade, em Fazenda Coutos, estavam basicamente restritas a uma lagoa bem distante de onde moravam. A longa caminhada e o risco de atravessar estradas não dissuadiam os meninos de ir lá tomar um banho. Fora isso, o quintal, na casa de Bigão, era descrito por este como “todo melado de bosta, lama, barranco, podendo cair”. Nos arredores mais próximos, as ruas eram estreitas, com esgoto a céu aberto. Já na Barra, nesse aspecto, sem dúvida, não faltam estimulações à curiosidade: desde o próprio mar e os despenhadeiros circundantes, até os transeuntes falando línguas diferentes e portando máquinas filmadoras. Segundo o próprio Bigão, em entrevista, a Barra “tem sinaleira, tem carro, tem praia.(...) aí vou levando a vida, tomando banho”

A terceira emoção social na base das significações do *habitat* é a autonomia. A autonomia reflete a posição social de um indivíduo, seu êxito e desejo de se dar valor (Bischof, 1985). Quando se caracteriza o *habitat* como a imagem do espaço social, ele está sendo definido como representando a posição social do indivíduo, bem como sua autonomia (Fuhrer & Kaiser, 1997). Quando a autonomia significa demonstração de força, intenção de controle, aspiração e símbolo de prestígio, etc, ela simboliza o *status*. Mas a autonomia pode, pelo contrário, exprimir-se na rejeição a esses valores e ir em busca de integração em uma comunidade diferente, por exemplo. Algumas das significações do *habitat*, pertinentes à regulação social e identitária, podem se aplicar à autonomia, como, por exemplo, o

endereço, que tanto regula socialmente e constrói identidade, como reflete a posição do indivíduo na sociedade (Fuhrer & Kaiser, 1997).

Quanto à autonomia, chama atenção o fato de que, na Barra, os meninos ganham dinheiro. Eles são, muitas vezes, os provedores principais da família de origem. Bigão marcava o seu poder, em grande parte, pelo dinheiro que arrecadava. Esse poder era exercido como generosidade para com os colegas na rua e para com as próprias pesquisadoras, comprando-lhes balas, água de coco e querendo pagar a passagem de ônibus. Um dia, voltando de um passeio ao zoológico, Bigão quis morar com uma das pesquisadoras e disse-lhe que iria “botar dinheiro em casa”. Quando indagado sobre suas expectativas quando crescesse, disse que iria estudar, passear e trabalhar de segurança de hotel na Barra. A Barra transformara-se no lugar que lhe dava e daria autonomia, em contraste com Fazenda Coutos, onde se submetia às ordens dos mais velhos, nem sempre justas, e dispunha de pouco mais que um canto, em um quarto escuro, para expandir seus desejos. É preciso, no entanto, considerar que as significações do *habitat* são diferenciadas segundo os indivíduos e podem evoluir de acordo com a fase do ciclo de vida.

Quanto à libido, o *habitat* deveria cumprir a função de proporcionar um ambiente no qual o processo de maturação sexual se desenvolvesse de forma gradual, de acordo com as sucessivas etapas do desenvolvimento humano. As casas de Fazenda Coutos, bairro de origem de Bigão, são, no geral, muito pequenas, impedindo a privacidade de seus moradores e expondo as crianças a situações indevidas, além de estimular o abuso e a violência sexual contra as mesmas. É freqüente a cama do casal ficar ao lado da cama das crianças. Na casa de Bigão, por exemplo, havia a pequena sala, a cozinha e um quarto sem cama. Todos pareciam dormir amontoados entre o sofá e o chão da sala. Nas ruas, Bigão relatou os convites de turistas para que passasse uma “noite” com eles. Através das músicas, danças provocantes, falas e comportamentos percebia-se a precocidade de sua iniciação sexual e o seu desconhecimento de como proteger-se contra doenças ou gravidez indesejada.

A emoção da libido, ainda que evidentemente presente no *habitat*/morada de Bigão, encontra-se desordenada e sem muitos limites, podendo oferecer perigos. A libido pode interferir diretamente na outra emoção com a qual o *habitat* é percebido: a segurança. Se a libido está muito desordenada e sem limites, o *habitat* se converte em um ambiente inseguro, expulsando seu morador, pois não mais o abriga. Não parece ser, no entanto, o caso de Bigão, que se diverte rebolando, cantando músicas de cunho erótico, tentando obter proveito de seu poder de sedução sobre os turistas e passantes. Bigão assume um papel

ativo em um ambiente exposto constantemente a estímulos sexuais, não aceitando experiências que julgue perigosas (recusando-se, por exemplo, a sair com alguns dos turistas) mas aceitando aquelas que lhe tragam ganhos financeiros sem prejuízos pessoais.

A libido se manifesta também na competição social, isto é, no embate proporcionado pelo *habitat* entre os desejos individuais e sua realização, oferecendo respostas que satisfaçam ou não esses desejos. Fica claro que um ambiente onde esses desejos pessoais sejam frequentemente frustrados, ou satisfeitos mas gerando riscos, não constitui um *habitat*. Não cumpre satisfatoriamente uma de suas funções psicológicas fundamentais. Mas Bigão parece encontrar, tanto em casa como na rua, ambientes nos quais são satisfeitos alguns de seus desejos e ambições. A mãe lhe prometeu um “caminhão” maior do que aquele que seu padrasto destruíra. A necessidade de ir para a escola é constantemente estimulada pela mãe, pela professora, pelos educadores do Projeto Axé, no sentido de tornar possível o seu sonho de ter um trabalho como vigia de hotel e uma casa para criar os filhos. Na rua, os desejos de brincar, de se alimentar e provar doces e balas, constantemente satisfeitos, além da existência de um grupo no qual se impõe como um líder, atestam presença de libido. Esta forma de habitar a rua vivida por Bigão, como mais uma emoção, ajuda a compor a função psicológica do habitar.

3.5 Análise de Mário a partir do conceito de habitar

O *habitat* também se constitui como o campo da presença do indivíduo, isto é, um conjunto espaço-temporal informado por sua presença. Lá onde a plenitude dessa presença acaba, seja no espaço ou no tempo, termina igualmente o *habitat* (Radkawski, 2002). Na prática, então, habitar é ser localizado, ou seja, é a relação entre um indivíduo e o respectivo lugar. O *habitat* consiste nessa relação. Para que se localize espacialmente o indivíduo, é preciso que ele “esteja presente” em alguma parte, persistindo durante certo tempo, por mínimo que seja (Radkawski, 2002). Portanto, localizar o indivíduo é determinar-lhe a posição espaço-temporal em que se encontra.

Mas pode-se ocupar um lugar de maneira contínua quanto ao tempo, tendo uma presença esparsa e fracionária quanto ao espaço, de modo que ela jamais se estenda ao conjunto do *habitat*. Essa situação é particularmente verificável entre os nômades, que andam de um ponto a outro, ocupando de cada vez uma extensão do espaço. A continuidade no tempo ou no espaço corresponde a duas maneiras diferentes de estar presente: sempre ou por toda a parte (Radkawski, 2002).

É possível, a partir dessas reflexões, entender por que as pesquisadoras percebiam mais a presença de Bigão, na Barra, do que a de Mário. A presença de Bigão, na Barra, tinha uma certa visibilidade. De alguma maneira, Bigão e sua turma aí criaram raízes, modificando aspectos do lugar, transformando, por exemplo, materiais de madeira e plástico, largados na rua, em uma cabana; o *trailer* semi-abandonado dos policiais em abrigo para os seus pertences; os seguranças de hotéis, donos de restaurante, vendedores ambulantes e policiais em uma rede que lhes dava apoio personalizado.

Já Mário tinha uma presença mais temporal, pois se espalhava por uma infinidade de lugares e não tinha um centro fixo de retorno, nem mesmo esporádico. Mário não criava raízes por onde passava. Sua presença apenas se projetava nos lugares, sem se identificar com eles. A Barra, Itapuã, Comércio, Pelourinho, Boca do Rio etc., eram bairros com nuances próprias, mas que, na dura vida diária da sobrevivência exclusiva nas ruas, formavam um único e homogêneo pano de fundo. Se Mário recebia comida de restaurantes da Barra, por exemplo, não havia uma relação pessoal com os donos ou os freqüentadores do lugar. A pizzaria da esquina, em frente ao Cristo, era como qualquer outra pizzaria de Salvador. O mar da Barra possuía ondas “boas” de se surfar, como vários outros, de diversos lugares. A cidade de Itabuna parece despontar única em seus sonhos mais acalentados, mas também ela se confunde com – e se perde em – bairros de Salvador. Sem uma relação específica com espaço algum, Mário usufrui dos lugares, mas não lhes deixa a marca da transformação. Toda atividade de uma pessoa em seu ambiente deixa naturalmente traços atrás de si, pois modifica materialmente o estado primitivo das coisas. Mas este gênero de modificação representa um sub-produto de suas atividades, e não o resultado de transformações tendo por objeto este ambiente (Radkawski, 2002). Mário dorme delimitando o espaço apenas com o próprio corpo, come das ofertas que surgem, namora com quem aparece casualmente... Em uma frase, recolhe sem semear, em mais uma forte semelhança com os nômades antigos, embora se constatem, como se verá a seguir, elementos que podem contradizer a tentativa de enquadramento neste conceito.

Mário tem relações afetivas e pessoais que se endereçam a Ginga, Moela, Baby e Rodolfo, seus pares; Cira do acarajé, João do cafezinho e as moças do Projeto Axé, “tias” e “tios” da rua. Para uma grande parte das pessoas, há uma forte correlação entre a existência de relações sociais e a ligação ao *habitat*. Quanto mais forte é a ligação às pessoas, mais forte torna-se o sentimento afetivo pelo lugar onde elas se encontram. É como se as relações sociais fossem apreendidas, na vivência psíquica, como uma ligação à moradia. A ligação ao lugar descreve, em geral, o vínculo emocional ao *habitat* e pode ser associada a certas

emoções, tais como a nostalgia e o vínculo às pessoas mais próximas (Fuhrer & Kaiser, 1997). O bairro de Itapuã, onde estão Baby, Rodolfo e Cira, era, assim, considerado o “*melhor lugar*” para se ficar. A Barra “*tinha muito mais pivetes*”, e com isso – talvez quisesse ele dizer –, menos pessoas a quem queria bem. Itabuna, ainda que não totalmente diferenciada das demais localidades, suscita-lhe recordações, faz-lhe sentir tristeza, por exemplo .

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma relação entre a vivência de Mário e seu *habitat*. Este adquiriu, assim, uma função psicológica, estando revestido de processos psíquicos passados e atuais e desencadeando processos futuros. Discutiremos agora as categorias de emoção na base desses processos psíquicos, quais sejam: a segurança, a estimulação, a autonomia e a libido.

Se a proximidade e a familiaridade são condições indispensáveis à experiência de segurança, há um aspecto positivo na vida de Mário: percorrendo todos os dias becos e avenidas, encontrando pessoas diferentes, ameaçadoras ou protetoras, confiáveis ou ardilosas, Mário aprendeu a discernir gestos e expressões amigáveis daqueles que não o são; aprendeu a se proteger dos perigos à noite, por exemplo, dormindo só. Circula, com extrema naturalidade, por lugares onde poucos teriam coragem de ir. Assiste TV, de noite, na calçada da rua que dá para uma casa, no Nordeste de Amaralina, bairro considerado dos mais violentos de Salvador, zona de tráfico intenso de drogas. Fazendo parte, ele mesmo, da transgressão, roubando e traficando, ainda que pouco, a segurança em sua vida tem um outro sentido. Talvez Mário busque os lugares escuros e sem policiamento para agir. Em poucas palavras: Mário retira da violência seu sustento, seus amigos, a única maneira de estar onde está. Dessa forma, os riscos da rua foram de tal forma incorporados à sua vida, que já não despertam tanto o sentimento de insegurança ou medo, dando-lhe, algumas vezes, até mais chances de sobreviver. No entanto, os riscos conseguem surpreender mesmo os mais acostumados e habilidosos. É assim que Mário ainda acorda de noite com o fogo queimando o seu pé; é agredido barbaramente por policiais e não tem seus direitos respeitados no Juizado da Criança e do Adolescente.

A significação da estimulação já é bem mais evidente. A rua é um *habitat* que inspira temor e curiosidade. Se ele diz que a rua é “*tudo de ruim*”, acha, no entanto, “*chatos*” lugares como o Abrigo D. Timóteo, por “*não ter nada para fazer*”, enquanto, na rua, ele “*pega onda*”, “*bagunça*”, “*namora*”, etc. A rua exerce, assim, em Mário, uma estimulação, tanto negativa quanto positiva.

A outra categoria de emoção subjacente aos processos psíquicos do *habitat* é a autonomia. Mário assume completamente as responsabilidades e irresponsabilidades de sua vida. Não há ninguém que responda por ele. O contexto da rua é portador de sentidos marcantes, definidores de sua própria identidade: de um lado, dá-lhe o estigma de “marginal”, “pivete”; de outro, dá-lhe o poder dos que são temidos pelos pares, do que conhece cada canto da rua, do que sabe brigar e já foi preso pela polícia. Mário é respeitado pelos meninos, e protege alguns; tem, assim, um *status* dentro de seu meio.

Quanto à libido, Mário se expõe constantemente à exploração sexual nas ruas e em lugares suspeitos de prostituição, presencia cenas de sexo nos becos escuros, entre as moitas do Cristo e atrás de muros. Em seus relatos, Mário, apesar da pouca idade (12 anos), já teve experiência sexual com várias meninas. Diz que se protege com camisinha, mas entra em contradição quando se aflige com a suspeita de ser ou não o pai de um bebê que uma de suas namoradas espera. A rua é, portanto, um *habitat*, para Walmar, onde os estímulos sexuais são apresentados de maneira desordenada e sem nenhum limite. Mas, assim como Bigão, Mário se coloca frente a esses estímulos de forma ativa, usufruindo do que lhe parece bom e rejeitando o que julga danoso para si. O momento em que o homem ensinando-lhe karatê convida-o para ir a um hotel onde aconteciam orgias, ilustra tal postura. Walmar não aceitou fazer parte da orgia, chorou e pediu para ir embora. Em outro episódio, recusa-se a ter relações com uma menina por temer pegar o vírus HIV.

Sendo a libido também representada pelo embate entre os desejos pessoais e as possibilidades de realização a partir do que oferece o *habitat*, pode-se dizer que Mário encontrava meios de satisfazer seus desejos. Quando ia ao mar, com seu isopor ou de mãos vazias, Mário atuava como o surfista que sonhava ser. Principalmente, encontrou uma resposta rápida em seu ambiente, nas pessoas dos educadores de rua do Projeto Axé e das pesquisadoras, ao desejar se desintoxicar e possuir uma “*cama quentinha*”.

Dando seguimento às funções do *habitat*, além da função psicológica ora discutida, o *habitat* tem as funções de regulação social e identitária. Morar na rua regula socialmente as pessoas quanto à forma de agir, ao que dizer, ou a que objetos portar, por exemplo. No processo de identidade, Mário se reconhece como “pivete”, “que rouba” e “toma drogas”; como alguém “sem ninguém”, “solto nas ruas”. É ameaçador, pois persegue as pessoas que não lhe dão o que quer, mas também se vitimiza às “tias”, lembrando a família que perdeu.

As fortes semelhanças com os nômades antigos não fazem de Mário um neo-nômade típico, pois, como ficou demonstrado, mesmo se defrontando com um *habitat* pré-fabricado das ruas, Mário inventa algo de familiar, e também, sem dúvida, algo de novo. É

só nessa condição que se reconhecem lugares como “nossos” lugares, ou como *habitats* (Fuhrer & Kaiser, 1997). É só assim que será possível, em seguida, aí voltar e recordar o vivido que lhe está unido: sentir-se estimulado, em segurança ou preso (função psicológica); comunicar aos outros algo do que se é e a forma como se deseja que se comportem (função de regulação social); lembrar a todo momento, a si mesmo, passagens da própria vida (função identitária). Deixar vestígios da história pessoal em um espaço público é transformá-lo e cultivá-lo para que possa, enfim, ser a expressão de uma singularidade, um *habitat*. Esse processo complexo de constituição das ruas em um *habitat*, envolvendo risco e saúde, fatores protetivos, vulnerabilidade, estresse e *coping* são, nesta pesquisa, compreendidos como fazendo parte de outro processo: o de resiliência. A relação entre esses dois processos será discutido a seguir.

3.6. Análise dos casos a partir do conceito de resiliência

O processo de resiliência é aqui discutido na perspectiva de sua relação com a constituição da rua como *habitat*. O conceito de resiliência diz respeito ao funcionamento adaptativo em presença de riscos experienciados (Luthar & Zelazo, 2003). Nesta pesquisa, foram examinados os riscos advindos da situação de rua e da história particular de cada um dos casos. A adaptação positiva – comportamento que supera as expectativas previstas nas circunstâncias de risco (Luthar & Zelazo, 2003) –, no caso das crianças e dos adolescentes em situação de rua, é condição decisiva para que a rua venha a tornar-se *habitat*. Ao buscar as ruas, crianças/adolescentes encontram um meio, em princípio, inóspito, que em geral não lhes oferece as mínimas condições físicas e psíquicas para abrigarem-se. Um dos fatores necessários – embora não suficiente – para que essa inospitalidade venha dar lugar a um ambiente com uma mínima condição de habitabilidade, é justamente que crianças/adolescentes possam enfrentar os riscos inerentes à situação de rua, entrando, assim, em processo de resiliência.

A resiliência não é um processo homogêneo, mas diversifica-se conforme as dimensões da existência humana a que se refira, havendo as resiliências acadêmica, social e emocional, que não necessariamente coexistem de forma harmônica. O processo de resiliência ocorre em cada sujeito de forma única, a partir do modo pelo qual o significado do risco e da proteção é assumido por cada um. Ao constituir a rua como um *habitat*, os meninos registraram nela partes de suas vidas, fazendo-a desempenhar funções psicológicas, de regulação social e identitária, que podem ser aproximadas às dimensões social, emocional e acadêmica da resiliência.

A partir das definições apresentadas na introdução, a resiliência social aparece quando o adolescente desenvolve um senso de pertença a seu grupo (Hutz, Koller, & Bandeira, 1996), cultiva amizades e relacionamentos íntimos, não se envolve em delinqüência, observa modelos pró-sociais, entre outros aspectos (Rutter, 1993). No caso de Bigão, ele possuía um grupo ao qual se ligava por afinidades pessoais e afetivas (nenhum deles roubava ou se drogava, nem gostava de “bagunçar”, e eram pouco agressivos), devotando aos seus membros certa lealdade (ficavam sempre juntos), contando e guardando segredos (Ginga não revelou às pesquisadoras por que Bigão sumira da Barra, por exemplo), dando conselhos, recorrendo aos companheiros quando precisava de ajuda financeira. Havia observação de modelos pró-sociais, através da igreja que todos freqüentavam (os pastores, os fiéis), das “tias” e “tios” de projetos sociais e dos policiais. Com o seu grupo, Bigão criava um espaço físico-social na rua, através do qual passava mensagens, para si mesmos e para os outros, de quem eles eram e da forma como todos deveriam se comportar. As funções de regulação social e identitária, desempenhadas no processo de constituição do habitar, estavam bem claras entre eles. Essas funções são partes inerentes do processo de resiliência social.

Na resiliência acadêmica, Bigão se coloca em um nível cognitivo abaixo do esperado para crianças de sua idade (12 anos). Cometeu, por exemplo, um “erro” comum às crianças que ainda estão se alfabetizando e acham que as palavras correspondem à realidade das coisas (para Bigão, “rua” era uma palavra grande, pois “*já viu quanta rua tem daqui até Fazenda Coutos?*”). Em matemática, demonstrava também defasagem em relação às crianças de sua idade, sabendo apenas contar até “60”. No entanto, levando-se em consideração as dificuldades estruturais do ensino dado às crianças dessa faixa social, Bigão estava dentro da média, e pode-se dizer até acima, pois conseguia manter boa freqüência às aulas mesmo indo todos os dias para as ruas. Segundo informou, as professoras fazem uma boa avaliação de seu desempenho escolar.

Considerando, no entanto, a resiliência acadêmica como habilidade de resolução de problemas e aprendizagem de novas estratégias de uma maneira mais geral, Bigão demonstra possuí-la em alto grau. Os problemas advindos da rua, como a necessidade de se alimentar e de obter recursos financeiros através do trabalho com o malabarismo, são plenamente resolvidos com a estratégia de sedução dos passantes. Essas habilidades lhe dão uma percepção de autonomia tanto na rua como na casa de origem, possibilitando também que os estímulos, estranhos e curiosos, da rua possam transmitir-lhe segurança, e os aversivos de casa não o façam abandoná-la definitivamente. As exigências pessoais de

Bigão conseguem se impor em seu grupo e o obrigam a desenvolver mais estratégias de resolução de problemas. Se o seu estilo “bom-moço”, por exemplo, não é tão eficaz na prevalência sobre grupos maiores de meninos e meninas em situação de rua, é bastante eficiente onde estes últimos nem sempre conseguem penetrar: os grupos de policiais, os motoristas de carros e ônibus, os donos de restaurante, os turistas, as donas de casa carregando compras, etc. A resiliência acadêmica permite Bigão perceber seu *habitat* como transmitindo segurança, autonomia, estímulos e libido.

Quanto à dimensão da resiliência emocional, no que se refere ao aspecto da auto-estima, Bigão se vê como tendo “*tudo de bom*” por dentro e “*tudo de ruim*” por fora, menos os olhos. Considera que as outras pessoas (os amigos) acham que ele é “*gente boa*”; os outros (não amigos) só o procuram quando ele está com dinheiro na mão. Bigão cita, com segurança, o que faz “*de melhor*”: cantar, dançar. Diz, inclusive, que é dançarino e participou do programa “Talentos Brilhantes”. Ganhando bastante dinheiro na rua (R\$ 25,00 mais ou menos, por dia), Bigão ajudava a mãe na compra de comida para a casa e de seu próprio material escolar. Almoçava, merendava e se locomovia na rua, sozinho. Chegou a sugerir morar com uma das pesquisadoras “botando dinheiro em casa”. O senso de auto-eficácia (Bandura, 1993), bem desenvolvido em Bigão, permite que espaços como a Barra sejam percebidos como proporcionando autonomia.

A capacidade para lidar com mudanças é demonstrada por sua sobrevivência nas ruas e em seu bairro de origem. Encontrando estratégias eficientes para obter dinheiro das pessoas (sendo simpático e fazendo, com criatividade, malabarismos), formando uma rede ampla de apoio com os amigos, os policiais, os donos de restaurantes, moradores da Barra, “tios” e “tias”, Bigão respondia ativamente às mudanças de seu meio, fossem elas negativas ou positivas. A Barra e a Fazenda Coutos eram assim percebidas como estimulantes – repelindo (Fazenda Coutos) e atraindo (Barra). A resiliência emocional, com suas categorias de auto-estima, auto-eficácia e capacidade de responder às mudanças, desencadeia o processo que vai dar origem à função psicológica do *habitat*.

Já Mário não fazia parte de nenhum grupo específico, ainda que tivesse amigos mais próximos. Circulando por vários lugares, conhecia, como dizia, “muitos pivetes”, e com eles “bagunçava”, “roubava”, “tomava pedra”, “divertia-se”. Pertencia a um grupo amplo de “meninos em situação de rua”. O senso desse pertencimento dava-lhe um estilo e uma cultura próprios, que o faziam adotar o “malabaris” como forma de ganhar dinheiro lícito; gostar dos *raps* de contestação, usar gírias provindas do submundo das drogas (“pedra”, por exemplo), formando uma identidade e marcando seu espaço em relação às pessoas alheias a

essa realidade. Pode-se dizer que as funções de regulação social e identitária estão aí contempladas. Não se pode afirmar que Mário possuía um modelo pró-social, a não ser, talvez, os “tios” e “tias” da rua, como Cira (do acarajé) e João (do cafezinho), mas certamente se envolvia em delinqüência. Mas o fato de considerar o não envolvimento em delinqüência, um dado de resiliência, é algo certamente questionável na realidade tratada nesta pesquisa. É difícil dizer se há possibilidade de evitar a delinqüência quando não se tem outra opção de sobrevivência física e psicológica além das ruas. As drogas e o roubo, por conseqüência, vêm como os primeiros caminhos que se impõem a um adolescente sem ter para onde ir ou fugir.

A dimensão da resiliência acadêmica avalia aspectos referentes às habilidades de resolução de problemas e à aprendizagem de novas estratégias. Dentro do contexto de Mário, faz pouco sentido discutir essas habilidades aplicadas a conhecimentos como os de matemática, português, etc. Em seus 12 anos de vida, Mário não teve oportunidade nem condições práticas ou psicológicas de freqüentar uma escola. O desenvolvimento cognitivo acha-se, portanto, comprometido em áreas como pronúncia de palavras, capacidade de representação gráfica (desenhos), noções precisas de tempo e de espaço, números, etc. No entanto, Mário desenvolveu estratégias para contar o dinheiro que recebe, assinar seu nome, surfar com um pedaço de isopor, cozinhar um peixe aproveitando os poucos recursos disponíveis na rua, aprender o malabarismo e procurar todo dia lugares onde comer e dormir com segurança. Diante dos riscos que enfrentou e das oportunidades que não teve, surpreende por cada uma de suas conquistas.

Pode-se aproximar, sem identificar, as habilidades de resolução de problemas e a aprendizagem de novas estratégias (a resiliência acadêmica) de aspectos das emoções de base da função psicológica do *habitat*: a autonomia (iniciativa), a libido (competição social e sexualidade), estimulação (aquilo que é estranho e/ou curioso) e segurança (familiaridade e proximidade). As habilidades de resolução e aprendizagem (a resiliência acadêmica) tornam o estranho (proveniente da estimulação) em familiar (proveniente da segurança). Possibilitam também que a exposição caótica a diversos estímulos provindos da rua adquira uma determinada ordem dentro da qual os meninos prevêm ações e fazem escolhas. Essas habilidades seriam, portanto, essenciais à constituição de um habitat/morar nas ruas, na medida em que possibilitam a percepção da segurança oriunda deste lugar. Já a competição social/exigências pessoais (libido) relacionam-se com a resiliência acadêmica enquanto provocam a implicação da pessoa no desenvolvimento de novas estratégias e resolução de

problemas. Essas habilidades da resiliência acadêmica trazem, como consequência, conquista de autonomia, contribuindo para a constituição do *habitat*.

Assim, Mário desenvolveu habilidades de resolver problemas enfrentados diariamente nas ruas que vão desde sua sobrevivência física e psicológica até a satisfação de suas necessidades lúdicas. Essas habilidades lhe dão a sensação de autonomia. Seu *habitat*, repleto de estímulos estranhos e curiosos, é apropriado de tal forma que não há um lugar completamente desconhecido ou que lhe inspire total aversão. Bairros tidos como “perigosos” e evitados por muitas pessoas, são do seu conhecimento íntimo. Mário relata assistir televisão, à noite, na calçada de um bairro como o Nordeste de Amaralina, zona de intenso tráfico de drogas e violência constante. A rua é percebida como trazendo perigos (o de ser queimado à noite, por exemplo), mas ele próprio, cada vez mais fazendo parte desse perigo, já a via como um lugar mais seguro que um *shopping*, onde seria certamente expulso ou vigiado em cada um dos seus passos. A competição social nas ruas o fez tornar-se “perigoso” não só para retirar de suas investidas agressivas o que comer e beber, mas também para se fazer temido e respeitado pelos seus pares. Essa necessidade (de impor suas exigências pessoais) o obrigou a encontrar estratégias e a resolver problemas cruciais de sobrevivência. Portanto, o processo de resiliência acadêmica o fez tornar a rua um *habitat* percebido como trazendo autonomia, estímulos, libido e também alguma segurança.

A resiliência emocional consiste de experiências que promovem a auto-estima, o senso de auto-eficácia, a capacidade para lidar com mudanças e adaptações, e um repertório amplo de abordagens para solução de problemas. Mário não consegue apontar um aspecto “bom” de si mesmo. Cita sua “orelha”, por exemplo, para, em seguida, dizer que ela é “feia”. Mas, esse dado de uma auto-estima baixa não parece compatível com sua naturalidade em procurar namoradas e dizer que tem “várias” espalhadas por Salvador e Itabuna. Da mesma forma, quando questionado sobre o que ele “faz bem”, Mário responde com poucas indicações. Pelo Diário de Campo, no entanto, fica evidente que Mário confia em si mesmo para desenvolver atividades arriscadas. Com rapidez, aprendeu a lutar karatê e saiu na rua, entre socos e pontapés, aplicando seu conhecimento desta arte marcial. Mário se impõe diante dos seus pares, controla algumas situações (como quando protege Baby e Rodolfo), demonstrando ser capaz de lidar bem nas mais diversas situações, tendo, assim, senso de auto-eficácia (Bandura, 1993). Esse senso permite que o espaço da rua proporcione autonomia, categoria que recobre um dos três processos psíquicos do habitar.

A capacidade para lidar com mudanças e adaptações é evidente ao longo de toda a sua história. Desde a resposta rápida – fugindo com a irmã – à tragédia familiar, até à

sobrevivência nas ruas. Mário encontra meios de responder aos imprevistos constantes da rua, protegendo-se, criando redes de apoio, mapeando cada canto da cidade em zonas seguras e inseguras. Explora também as possibilidades de diversão, encontrando, por exemplo, meios de participar do *surf*. Mas o seu repertório de abordagens de problemas demonstra ser, de fato, amplo e flexível quando opta por ir a uma clínica anti-drogas. Fora das possibilidades da rua e do seu grupo, essa decisão significava uma atitude corajosa de Mário – talvez, não de todo ciente do aspecto difícil e doloroso do processo. Uma atitude de quem busca ativamente saídas para a sua vida; de quem, enfim, não se entrega, nem mesmo a uma das mais poderosas forças atrativas, que são as drogas, quando já está preso em sua armadilha. Aquela atitude já significava, antes de mais nada, o próprio processo de resiliência em curso; o momento exato no qual uma reviravolta inesperada acontecia. Essa disposição em se adaptar às mudanças implica a capacidade de lidar com as estimulações negativas (o temor) ou positivas (a curiosidade), oriundas de um *habitat* vivido como ameaça e aventura. Assim, a resiliência emocional compreende, em grande parte, processos psíquicos que fazem a função psicológica do *habitat*.

O processo de resiliência, em suas dimensões social, emocional e acadêmica, está vinculado à constituição da rua como um *habitat*, na medida em que envolve o enfrentamento dos principais riscos que ameaçam a integridade física e psíquica da criança/adolescente, favorecendo a realização de suas potencialidades. Com efeito, de acordo com uma das definições adotadas nesta pesquisa, habitar consiste em estar e permanecer resguardado, isto é, livre de danos e liberado para a realização de si mesmo (Heidegger, 2002). Por outro lado, esse resguardo inerente ao habitar assegura à pessoa: a consolidação de sua identidade (função identitária), a legitimação primária de sua relação com os outros (função de regulação social) e a estabilização emocional da personalidade pela autonomia, segurança e estimulação (função psicológica). Assim, a resiliência é um processo pelo qual a pessoa inventa, em ambientes hostis, um espaço de comunicação consigo mesma e com o mundo.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade dos instrumentos de coleta de dados permitiu, talvez, a reunião de um material humano muito rico e característico, que pôde ser observado de ângulos variados. O conceito de *habitat* elaborado por Fuhrer e Kaiser (1997), Radkawski (2002) e Heidegger (2002), permitiu captar uma realidade específica bastante importante da condição humana. A aplicação de ordem prática do conceito de *habitat*, acrescentando e complementando o de microssistema, é aqui uma tentativa ainda inicial e precária. O conceito de *habitat*, adotado nesta pesquisa, tenta captar o processo, por demais fluido, de busca da identidade em moradas, bem como o processo, ainda mais fluido, do habitar a rua e nela reconhecer-se.

Nesta peregrinação dos meninos, em sua maioria, abaixo da linha de pobreza, pelas ruas das grandes cidades brasileiras, sobressaem aspectos indicadores de uma realidade que extrapola a compreensão do senso comum. Por que um determinado bairro pode ser considerado um paraíso, um lar? Por que Bigão não abandona, em definitivo, a casa de Coutos, apesar das ruas e gente “malvadas” deste bairro? Por que um grupo de pessoas, desagregado por diferentes problemas de vício e outras misérias, pode ser capaz de acolher um menino em situação de rua? Estas questões e outras deste teor, surgidas na análise do material coletado, foram abordadas, de alguma maneira, por esta pesquisa, a partir dos conceitos de habitar e resiliência, pelos quais perpassam, sempre, o Contexto, a Pessoa, o Tempo e o Processo, da abordagem bioecológica. Em Coutos, as ruas e gente “malvadas” repelem Bigão, mas as ruas e gente da Barra o atraem. Em Coutos, a mãe e a de família lhe fazem reconhecer-se e ser reconhecido como um menino “de família”. O seu “lar”, na Barra, sem teto e sem paredes, por outro lado, o fazem identificar-se como independente, financeiramente seguro e, ao mesmo tempo, criança livre para brincar nas ondas do mar. Em ambos os lugares, Coutos e Barra, Bigão se reconhece e é reconhecido na reciprocidade necessária à existência de um processo identitário, inerente ao *habitat*. Neste ir e vir de reconhecimentos mútuos, Bigão também se estrutura de acordo com seu código de honra, seus valores pessoais e referências. A função identitária característica do *habitat* preenche, então, este espaço decisivo e quase imponderável de busca e escolha, de conhecimento e reconhecimento, constituindo um coroamento específico de determinados microssistemas.

Bronfenbrenner (1979/1996) possibilita também abordar os fenômenos pelo ângulo da saúde e, portanto, à luz da resiliência. Para Bronfenbrenner (1979/1998), compartilhando das idéias do pai, famoso psiquiatra e pioneiro na luta anti-manicomial, mesmo as pessoas

passando por situações impróprias a um pleno desenvolvimento, permanecem com potencial em direção à saúde. A saúde e a doença vão se complementando e se reequilibrando. O enfoque na saúde vai além da cura e da prevenção de doenças. É um redirecionamento de esforços, buscando promover os fatores que favorecem um desenvolvimento saudável, e não apenas uma tentativa de eliminar os riscos que trazem doenças ou efeitos desfavoráveis ao desenvolvimento.

Nesse sentido, o conceito de resiliência permite verificar, em cada caso, como os fatores de risco e proteção interagem na obtenção de resultados positivos, abrindo espaço para a promoção dos fatores protetivos (Hutz, Koller, & Bandeira, 1996). Cada um dos fatores de risco e proteção se inter-relacionam, afetando-se mutuamente. Enquanto a casa de Bigão é exígua, mal-cheirosa e sem espaços para brincadeiras, a Barra se abre como um paraíso, com sol, mar, pedras e morros para brincar. Se o padrasto o ameaça e bate, a mãe lhe dá um afago. Os sentimentos mais profundos de insegurança e desalento são acalmados por sua crença firme em Deus e por uma escola que lhe acena com a possibilidade de ser um trabalhador digno. A rua, com seus perigos de brigas, assédios e ofertas de drogas, é cercada por pessoas que lhe dão dinheiro, comida, proteção e o convidam para projetos sociais. Enquanto suas vestimentas são de um maltrapilho, seus olhos verdes e grandes parecem de um astro de cinema, o que lhe rende admirações e dinheiro, mas o expõe, ainda mais, ao assédio de gringos.

Os fatores de risco cercam Mário e parecem estar prestes a arrebatá-lo da vida, mas a qualidade de uma rede firme, embora não muita extensa, permite que ele atravesse os dias sobrevivendo e usufruindo de alguns prazeres típicos de quem vive sem compromissos com a sociedade estabelecida. Essa mesma rede lhe dá a possibilidade de sonhar em sair de onde está, livrando-se das drogas e tendo uma casa “com um travesseiro quentinho”. Poder-se-ia dizer que é no embate dessa rede de apoio com os riscos, que Mário constrói suas respostas adaptativas, criando saídas em um labirinto, à primeira vista, inextrincável, colocando-se, assim, em um processo de resiliência.

Ambos, Mário e Bigão, tentam construir *habitats*, mesmo frágeis, nas ruas, em casa, nas instituições. Procuram, através dessa construção, imprimir suas marcas pessoais nos lugares para reconhecerem-se e se fazerem reconhecer. Esses possíveis *habitats* tentam resgatar, no espaço, a história de suas vidas no tempo, convivendo com riscos e proteção, possibilidades e desafios. A tensão da fluidez/fixação tende a uma busca pela estrutura, a fixidez de um *habitat*. O processo de resiliência, em que os casos se acham envolvidos, parece sempre se dirigir a um ponto onde se encontra um repouso ou, enfim, uma fixação.

Mas o “até onde?” e o “até quando?” destes *habitats* que se constituíram coroamento de um processo de resiliência, são dúvidas latentes que sempre transparecem e escapam nas palavras e desenhos, tanto de Bigão quanto de Mário. Precisa-se ressaltar, ainda, que o processo de resiliência exclui, na teoria como na vida prática destes adolescentes, evidenciado no que foi aqui relatado, qualquer tipo de conformidade a situações de violência ativa ou passiva, como também exclui respostas decorrentes de características individuais.

A análise dos casos escolhidos permitiu a caracterização dos ambientes físicos e sociais onde transitavam os adolescentes, suas histórias de vida, a presença de fatores de proteção e de risco permeando essas histórias e os contextos dos quais elas emergem. Ao longo do estudo, pode-se perceber as diversas moradas sendo constituídas (e destituídas) na rua e na família de origem, em um processo de apropriação de espaço, linguagem e redes de apoio, com a presença constante dos riscos psicossociais – processo esse aqui designado resiliência. O conceito de *habitat* para adolescentes em situação de rua se amplia, em complexidade e fluidez, para além da própria rua. Vêm-se, por exemplo, diversos bairros sendo freqüentados e apossados, e os mais diferentes becos servindo de abrigo para tais adolescentes. Percebe-se, também, o lugar de morada da família de origem como um espaço possível de retorno. E, para aqueles que não têm família, os abrigos noturnos e as clínicas de tratamento anti-drogas incorporam-se na paisagem múltipla e instável das chamadas moradas na rua. A transitoriedade e precariedade dessas moradas explicitam, paradoxalmente, o sentir, o pensar, o viver, enfim, de uma adolescência que procura nesse fluir permanente a referência estruturante de um lar que continuamente se esvai. É um horizonte inalcançável que se desloca sempre para além, pois se baseia na procura atávica de um paraíso perdido buscado progressivamente, quer no colo da mãe, ou debaixo dos coqueiros e à beira do mar da Bahia, ou nas “viagens” possibilitadas pelas drogas ou ainda nos meandros de uma clínica anti-drogas asseguradora, talvez, de uma recuperação para sempre feliz.

Trata-se, assim, de um escalonamento progressivo na busca por um *habitat*, que torna esses meninos sucessivamente moradores, andarilhos ou nômades de rua. Um dos casos estudados traz verbalmente o termo “paraíso” ao se referir ao Morro do Cristo, na Bahia, lugar onde se deixa ficar a maior parte dos dias. Este tempo presente, no qual deseja fixar-se, é “um presente”, definido no cartaz, assinalador também de passado e de futuro. Com essas afirmações, Bigão, como é denominado na pesquisa, ainda parece conservar, em algum recanto, a pureza ou a ilusão das crianças. A busca desse lar desfeito e as moradas

precárias resultantes têm, em si, como já foi dito, um claro sentido de adaptação positiva, de acordo com a definição dada na pesquisa. Isso porque a decisão para definir resiliência, em termos de excelência de comportamento ou simplesmente ausência de patologias, depende dos riscos envolvidos (Luthar & Zelazo, 2003).

Considerar diferentes instrumentos de análise foi um desafio assumido que permitiu, de certo modo, abarcar e vislumbrar a complexidade da problemática dos meninos de rua, em sua fluidez de vida e busca por fixação. Mas existiram ainda outros desafios, contínuos e variados, enfrentados pelas pesquisadoras, na tentativa de abranger e compreender a realidade multifacetada dos meninos em situação de rua de Salvador. Entre eles, pode-se citar:

1) a necessária contextualização da vivência dos meninos-adolescentes em situação de rua, a fim de perseguir suas possíveis particularidades. Salvador é a terceira cidade do Brasil em população, abaixo apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Cidade do Nordeste brasileiro, com todas as carências econômicas, sociais e educacionais que caracterizam esta região do Brasil, mas também com a peculiaridade de uma cultura muito rica, fortemente enraizada no povo mestiço que circula por suas ruas. As características da formação da cidade, com forças sociais contrastantes, são a matriz geradora do perfil dos meninos em situação de rua, no aqui e agora focado de suas vidas. A antiga cidade de uma minoria de senhores de terras, dominando uma maioria escrava, oriunda de paragens africanas, é a gênese da cidade de Salvador atual: ilhas de bem estar, cercadas pelas invasões do subúrbio ferroviário ou das encostas de morros;

2) O desafio do corpo-a-corpo com os pequenos nômades de Salvador em situação de risco, à qual também foram expostas as pesquisadoras, em três meses de convivência;

3) A validade deste corpo-a-corpo, que expõe, mas permite detectar as nuances da construção de mecanismos de proteção, dos pontos de apoio cotidianamente criados no perambular destas crianças-adolescentes;

4) Os passeios, as conversas descontraídas do dia a dia, ao lado das metas a serem cumpridas pela pesquisa de campo, permitiram a penetração nas casas dos familiares dos meninos e no refúgio último de uma clínica anti-drogas;

5) A utilidade dos cartazes com desenhos e colagens feitos por eles, através dos tempos passado, presente e futuro que permitiu enfeixar, cercando e concluindo, as possibilidades múltiplas de análise, vislumbradas nos diários de campo e nas entrevistas;

6) O desafio de escolher, entre os vários meninos do grupo grande do bairro da Barra, aqueles dois, aqui chamados de Bigão e Mário, considerados emblemáticos em suas respectivas situações.

Por fim, no enfoque conjunto desta realidade, através do conceito de resiliência, aliado ao de *habitat*, abriu-se uma nova série de enfrentamentos. Justapôs-se, por exemplo, à novidade do conceito de resiliência, oriundo mas recriado da física, o antigo conceito de *habitat*, vindo este de paisagens bioecológicas, mas compreendendo aspectos filosóficos e, principalmente, psicológicos analisados e aprofundados por Fuhrer e Kaiser (1997), Radkawski (2002) e Heidegger (2002). O estudo dos textos desses autores sobre o *habitat* instigou as pesquisadoras, no decorrer das diferentes etapas desta pesquisa, a colocar algumas questões surgidas no campo sob o viés da definição de *habitat* ali encontrada. Isso permitiu que algumas dessas questões fossem, se não respondidas, melhor equacionadas. Foi considerado, assim, que todo o *habitat* é um microssistema, mas nem todo microssistema se constitui em *habitat*. Considerou-se também o habitar a rua como o coroamento de um processo de resiliência em que fatores de risco e proteção interagem, proporcionando a instalação da função identitária, característica de um *habitat*. Esta função identitária é consequência da reciprocidade de conhecimentos e reconhecimentos interiores que englobam valores e referências, colhidos e recolhidos através do tempo, e que extrapolam, ou transcendem, a rede social de apoio construída incessantemente pelo povo da rua.

Mas se o processo de resiliência esteve envolvido na constituição do habitar a rua, os inúmeros riscos presentes nesse local não são eliminados por este processo, o que torna esse *habitat* sempre, e inevitavelmente, precário, tendendo a se esvaír, ao não cumprir as funções de segurança e proteção também necessárias à sua constituição e permanência. Por outro lado, estar em processo de resiliência não significa uma conformidade aos riscos das ruas de acordo com padrões vigentes. Como já foi dito anteriormente, a adaptação tem, no conceito de resiliência, um sentido ativo, de resposta do sujeito ao seu meio, interferindo, assim, nos próprios condicionamentos deste. Esta resposta é construída a partir da conjunção de inúmeros fatores que nascem na família e no entorno do sujeito. Não sendo um traço de personalidade, é, contudo, um processo único e intransferível. Só a partir da análise da história de cada caso, é possível tentar dizer o que foi ali uma resposta adaptativa positiva a um risco. O roubo, por exemplo, pode, em uma pessoa, ter apenas um sentido inadaptativo, trazendo prisão e exclusão social, mas, em outra, pode representar também um meio de sobrevivência em uma sociedade da qual já está excluída.

Novos estudos são necessários para que se compreenda melhor processos tão complexos como a resiliência e a constituição do *habitat*. Deve-se destacar a importância de estudos qualitativos e longitudinais, que possam abarcar os micro-processos e as mudanças ao longo do tempo. Assim, pessoa, processos, contexto e tempo, intrinsecamente relacionados, permitirão uma análise ainda mais complexa dos fenômenos a serem investigados.

REFERÊNCIAS

- A Tarde (2002). *Medo faz comércio fechar*. Cad. I (p.1), 01 de outubro.
- A Tarde. (1997). *Imbassay enfrenta primeiro protesto*. Cad. I.(p.3), 07 de janeiro.
- Alves, P. B. (1998). *Infância, tempo e atividades cotidianas de crianças em situação de rua: As contribuições da teoria dos sistemas ecológicos*. Tese de Doutorado Não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Alves, P. B., Koller, S. H., Silva, A. S., Santos, C. L, Silva, M. R., Repold, C. T., & Prade, L.T. (2002). Atividades cotidianas de crianças em situação de rua. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 305-313.
- Aptekar, L. (1988). The street children of Columbia: How families define the nature of childhood. *International Journal of Sociology of The Family*, 18, 283-296.
- Aptekar, L. (1989). Crianças de rua nos países em desenvolvimento: Uma revisão de suas condições. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 153-184.
- Ataíde, Y. D. B. (1990). *Decifra-me ou devoro-te: História oral de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Loyola
- Avena, A. (2002). Pensar Salvador. In P.C. Lima et al (Coord.), *Quem faz Salvador?* (pp.81-85). Salvador: UFBA.
- Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28(2), 117-148.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70/ Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Boekaerts, M. (1996). Coping with stress in childhood and adolescence. In M. Zeidner & N. S. Endler (Eds.), *Handbook of coping* (pp. 452-484). New York: Wiley.
- Brandão, M. (2002). Aventuras do capital e do trabalho na produção do espaço de Salvador. In P.C. Lima et al. (Eds.), *Quem faz Salvador?* (pp.151-162). Salvador: UFBA.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In R. M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (vol.1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedmann & T. D. Wacks (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp.3-30). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2004). *Making human being human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage.
- Cascudo, L. C. (2000). *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., Fonseca, A. M., Carlini, C. M. A., Moura, Y. G., & Carlini, E. A. (2004). *Levantamento Nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras 2003*. São Paulo: CEBRID.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524.
- Clifford, J. (1945, 1998). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Coelho, M. T. A. & Filho, N. A. (1999). Normal-patológico, saúde-doença: Revisitando Canguilhem. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 9(1), 13-36.
- Cohen, J. K., Moffitt, T. E., Caspi, A., & Taylor, Alan. (2004). Genetic and environmental process in young children's resilience and vulnerability to socioeconomic deprivation. *Child Development*, 3, 651-668.
- Correia, C. (2002). Entre o global e o local: Salvador em tempo de crise. In P.C. Lima et al (Eds.), *Quem faz Salvador?* (pp. 85-91). Salvador: UFBA
- Cowan, P. A., Cowan, P. C., & Schulz, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Bleachman (Eds.), *Stress, coping and resiliency in children and families* (pp.1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Craidy, C. M. (1998). *Meninos de rua e analfabetismo*. Porto Alegre: ArtMed.
- Da Matta, R. (1987). *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dell'Aglio, D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Tese de Doutorado Não-publicada. Curso de Pós-Graduação

- em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Donald, D. & Swart-Kruger, J. (1995). Crianças das ruas da África do Sul. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 59-82.
- Dos Santos, E. (2004). *Travessias: Adolescência em Novos Alagados*. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Espinheira, G. (2004a). *No olho da rua*. Salvador: EDUFBA
- Espinheira, G. (2004b). *Sociabilidade e violência: Criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do subúrbio ferroviário de Salvador*. Salvador: EDUFBA.
- Fernandes, A. (2002). Caiu na rede: (des)Compasso da produção crescente de arquitetura em Salvador. In P.C. Lima et al. (Eds.), *Quem faz Salvador?* (pp.63-69). Salvador: UFBA.
- Figueiredo, L. C. (1995). A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Revista Tempo Social*, 7, 136-149.
- Fonseca, C. (1999). Quando cada caso não é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 10, 158-178.
- Fuher, U. & Kaiser, F. (1997). *L'habiter multi-local: Aspects psychologiques de la mobilité dès loisirs*. Paris: CNRS.
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Dissertação de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35, 20-29.
- Gordilho, A. M. (2002). As cidades na cidade. In P.C. Lima et al. (Eds.), *Quem faz Salvador?* (pp.167-183). Salvador: UFBA.
- Gregori, M.F. (1997). *Meninos nas ruas: A experiência da viração*. Dissertação de Doutorado. São Paulo: USP.
- Heidegger, M. (1976/2002). *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes.
- Husserl, E. (1970). *The crisis of European sciences and transcendental phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press.

- Hutz, C. S., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. In S. H. Koller (Ed.), *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida* (pp.79-86). Porto Alegre: ANPEPP
- IBGE (2000). *Resultados da amostra do censo demográfico 2000*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>, recuperado em 10/09/2005.
- Illich, I. (1989). *La arqueologia de las costumbres*. México: Joaquim Mortiz. (Original publicado em 1978).
- Junqueira, M. F. P. & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus tratos. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 227-235
- Kalawski, J. P. & Haz, A. M. (2003). Dónde está la resiliencia? Una reflexión conceptual. *Revista Interamericana de Psicología*, 37(2), 365-372.
- Koller, S. H. & Hutz, C. S. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. In S. H. Koller (Ed.), *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida* (pp.11-34). Porto Alegre: ANPEPP.
- Koller, S. H. (1994). *Julgamento moral pró-social de meninos e meninas de rua*. Dissertação de doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lewin, K. (1975). *Teoria dinâmica da personalidade*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Lugalla, J. L. P. & Mbwambo, J. K. (1999). Street children and street life in urban Tanzania: The culture of surviving and its implications for children's health. *International Journal of Urban and Regional Research*, 23 (2), 329-344.
- Luthar, S. S. & Zelazo, L. B. (2003). Research on resilience: An integrative review. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 510-545). Cambridge: University Press
- Luthar, S. S. & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. *American Orthopsychiatric Association*, 61(1), 6-22.
- Luthar, S. S. (1991). Vulnerabilidade e resiliência: A study of high-risk adolescents. *Child Development*, 62, 600-616.
- Luthar, S. S. (1993). Annotation: Methodological and conceptual issues in research on childhood resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 34, 441-453..
- Martins, R. A. (1996). Censo de crianças e adolescentes em situação de rua em São José do Rio Preto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 101-122.

- Masten, A. S. & Coatsworth, J. D. (1998). The development of competence in favorable and unfavorable environments. *American Psychologist*, 53, 205-220.
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. In B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 123-37). Plenum Press, New York.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56, 227-238.
- Montoya, A. O. D. (1994). A criança marginalizada e a reconstrução do real. *Educação e Realidade*, 19(1), 71-77.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil* (pp. 51-64). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2002). A rua como contexto de desenvolvimento. In E. Lordelo, A. M. Carvalho, & S. H. Koller (Eds.), *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp.205-230). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliven, R. G. (1945, 1985). *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes.
- OMS, Organização Mundial da Saúde. (2001). *Constituição da Organização Mundial de Saúde*. São Paulo, SP.
- Paludo, S. & Koller, S. (2004). Inserção ecológica no espaço da rua. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil* (pp. 267-291). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Panter-Brick, C. (2002). Street children, human rights, and public health: A critique and future directions. *Annual Reviews Anthropology*, 31, 147-171.
- Peirano, M. G. e S. (1995). *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara.
- Piaget, J. (1970). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 1936).
- Rabinovich, E. P. & Pasternak, S. (2004). Urban nomads. *Open House International*, 29(2), 43-51.
- Rabinovich, E. P. (1996). *Vitrinespelhos transicionais da identidade: Um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros*. Dissertação de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Radkawski, G. (2002). *Antropologie de l'habiter: Vers le nomadisme*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Raffaelli, M. & Koller, S. (2005). Future expectations of Brazilian street youth. *Journal of Adolescence*, 28, 249-262.
- Raffaelli, M. (1996). Crianças e adolescentes de rua na América Latina: Artful Dodger ou Oliver Twist? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 123-128.
- Raffaelli, M., Koller, S., Reppold, C., Kuschick, M., Krum, F., & Bandeira, D. (2000). Gender differences in Brazilian street youth's family circumstances and experiences on the Street. *Child Abuse & Neglect*, 24(11), 1431-1441.
- Raffaelli, M., Koller, S., Reppold, C., Kuschick, M., Krum, F., & Bandeira, D. (2001). How Brazilian youth experience the street. *Childhood*, 8(3), 396-412.
- Ribeiro, M. O. & Ciampone, M. H. (2001). Homeless children: The lives of group of Brazilian street children. *Journal of Advanced Nursing*, 35 (1), 42-49.
- Rodrigues, L. B. (2001). *De pivetes e meninos de rua: Um estudo sobre o projeto Axé e os significados da infância*. Salvador: EDUFBA.
- Rosemberg, F. (1996). Estimativas sobre crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 21-58.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatric*, 147, 598-611.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316-331.
- Rutter, M. (1993). Resilience: Some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*, 14, 626-631.
- Rutter, M. (2003). Genetic influences on risk and protection: Implications for understanding resilience. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 489-509). Cambridge: University Press.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Soon, C. & Fisher, A. (1998). Sense of community: Community resilient responses to oppression and change. *Journal of Community Psychology*, 26(5), 457-472.
- Tyler, F. D. & Tyler, S. L. (1991). Crianças de rua e dignidade humana. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(1), 83-100.
- UNICEF (2005). *Situação da adolescência brasileira*. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/>, recuperado em 20/11/2005.
- Werner, E. E. & Smith, R. S. (1982). *Vulnerable but invincible: A study of resilience children*. New York: McGraw-hill.

- Yin, R. (2004). *Estudo de caso: Planejamento e método*. (D. Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman. (Original publicado em 1994).
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

ANEXO A

Roteiro Temático da Entrevista

PRESENTE**I. Dados demográficos:**

- Entrevistado:
- Sexo:
- Idade:
- Onde nasceu:
- Escolaridade:
- Descrição geral do entrevistado:

II. Na rua:

- Investigando a sobrevivência:
- A rua-morada
- Rede de apoio informal (quantidade e qualidade):
- Relacionamento amoroso:
- Ida à escola (frequência e qualidade)
- A criatividade/artes/esportes:
- Acesso a redes institucionais e qualidade desse acesso:
- Envolvimento com drogas e atos infracionais:

PASSADO

- Casa de origem/bairro
- Família/Figuras de referência
- Subsistência
- Amizades
- Violência externa e doméstica/Riscos
- Interesses e perspectivas
- Primeira experiência na rua
- Experiências marcantes

FUTURO

- Expectativa Imediata: mais difícil e mais possível
- Expectativa a longo prazo: de mais difícil e de mais possível

- Desejos: .Casa

.Rua/Bairro

.Família

Pessoas

.Amizades

.Diversão/Brincadeiras/Passeios

.Estudo

.Trabalho

. Possibilidades de realização dos desejos: maneiras de atingi-lo

ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar o processo de adaptação de adolescentes em situação de rua. Tal estudo prevê a participação de adolescentes do sexo masculino e feminino, com idade entre 11 a 18 anos, que estejam em situação de rua. As entrevistas serão gravadas e a duração das mesmas será de quarenta e cinco minutos a no máximo uma hora e meia, podendo ser realizadas de 2 a 4 entrevistas com cada participante. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e as informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, sem identificação do nome dos participantes.

Os participantes poderão solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; podendo interromper sua participação, a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo. Todo o material desta pesquisa será mantido em sigilo no Instituto de Psicologia-UFRGS e após será destruído.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a psicóloga Lene Lima Santos, que pode ser contactada pelo telefone (71) 99025593.

Lene Lima Santos

Pesquisadora

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização de anotações e gravações realizadas comigo.

Data ____/____/____

Assinatura do Participante

